



DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada a todos os meus alunos, entes queridos e amigos. Especialmente para minha companheira, meus filhos, minha mãe e irmã – enfim, todos os que me apóiam e contribuem para a realização de minha missão neste mundo.





Pela memória de meu pai:
Geraldo Prado







CAPÍTULO I

SÉCULO XXII

Eram tempos difíceis para toda a humanidade. O calendário avançava rumo a meados do século XXII e, para aqueles que acreditavam que na urbanização residia o futuro dos seres humanos, a realidade mostrou-se totalmente inversa e contraditória. As cidades estavam repletas de problemas, muitas em ruínas no mundo inteiro. A Terceira Guerra Mundial ocorrera de forma convencional no final do século XXI, e nenhum arsenal nuclear, armas químicas ou biológicas foram utilizadas. Entretanto, os ataques bélicos foram mais do que suficientes para causar grandes infortúnios aos seres vivos. Após muitas guerras civis terem sido deflagradas em diversos cantos do planeta, a miséria e a pobreza haviam aumentado em proporções imensuráveis. A tragédia do cotidiano parecia ter-se transformado em uma rotina comum e sarcástica. Muitas escolas haviam sido depredadas, supermercados saqueados, lojas invadidas, agências bancárias destruídas, enfim, era desoladora a vida urbana. Várias pessoas morreram em confronto com as forças armadas; outras, através de doenças geradas pelo estresse da labuta desenfreada, e algumas encontraram no suicídio a única saída para se livrar do inferno vivenciado no mundo terreno. O Movimento dos Sem-Terra havia crescido e se disseminado pelo mundo inteiro, pois muitos não queriam mais tentar a sobrevivência nas cidades, lutando arduamente para garantir a vida em troca de migalhas, muitas vezes tendo um alto custo por uma segurança falha e, principalmente, sem nenhuma qualidade de vida. O capitalismo havia atingido o seu ápice, sofrendo um declínio para nunca mais ressurgir. Como solução intempestiva e incoerente para resolver





os problemas do planeta, líderes de governo das potências militares reuniram-se na sede da Organização das Nações Unidas, optando por uma estratégia de atacar os locais em que a miséria estava concentrada, visando, concomitantemente, a minimizar os problemas de superpopulação. Todas as áreas de maior pobreza foram meticulosamente delineadas e demarcadas para a destruição. Assim terrivelmente sucedeu, destruindo-se as áreas das cidades onde a pobreza era concentrada. Os ataques duraram alguns anos ao redor do mundo, o suficiente para dilacerar e aniquilar bilhões de pessoas e várias partes do planeta. Os países com maior concentração de pobreza contra-atacaram da forma que puderam, mas seus recursos tecnológicos bélicos não lhes permitiram vantagem alguma. E foi assim que aconteceu a tão temida Terceira Guerra Mundial. Ao final dos confrontos, percebia-se claramente o resultado da carnificina. Mais de dois terços da população havia sido eliminada da face da Terra. Quem habitava o campo não foi tão prejudicado, mas os que viviam em cidades não puderam se safar dos hediondos e cruéis ataques ostensivos e altamente ofensivos, tornando-se vítimas do maior genocídio e destruição em massa que a história já registrou desde a origem da humanidade. Não somente os excluídos e miseráveis morreram, mas também pessoas ricas, atingidas acidentalmente pelos erros das forças da coalizão militar. Depois da guerra, muitas pessoas tentavam fugir para o campo, mas os então denominados Senhores de Terras não lhes permitiam o ingresso, combatendo e eliminando qualquer um que não pertencesse àquela comunidade ou que desejasse invadir as terras por eles protegidas. Convencionalmente, as armas utilizadas pelos Senhores e seus súditos eram cartucheiras, rifles, espingardas e algumas de calibre 38. O único que poderia utilizar armas de maior poder de fogo era o líder das comunidades, comumente, como nos tempos antigos, chamado de Coronel pelo seu povo. Desta forma, os Senhores de Terras geralmente utilizavam escopetas de repetição de calibre 12 ou alguns tipos de *Winchester*.





Especificamente, em meados do século XXII, os Coronéis que encontrassem armas diferentes das convencionadas em um protocolo destruíam-nas imediatamente, e seu portador era banido ou, até mesmo, levado à execução. Caso houvesse algum indício comprovado de que algum Senhor de Terra estivesse utilizando deslealmente metralhadoras em combate ou armas mais potentes que as preestabelecidas, várias comunidades aliadas se uniam, formando um grande quartel, tomando-lhe as armas e banindo-o para que outro Senhor de Terra assumisse. As leis do campo não eram escritas em papéis, mas existiam e todos deviam ter ciência delas. O Senhor da Terra era eleito pelo povo sem tempo de mandato definido, pelo menos enquanto fosse satisfatória a sua liderança, somente podendo ser destituído através de uma assembléia geral organizada pelo povo que habitava aquele território. Geralmente, os comandados tinham profundo respeito pelo seu líder. Aqueles que descumprissem as ordens superiores poderiam ser banidos e, dependendo da gravidade, até mesmo executados perante os olhos de quem desejasse presenciar as impiedosas cenas.

O mundo havia passado por diversas mudanças climáticas, e, muitas vezes, em um mesmo dia, as quatro estações do ano podiam fazer-se presentes. No início do século XXII, o superaquecimento havia derretido várias calotas polares, e com o derretimento das geleiras, grandes danos foram causados às cidades litorâneas. Em meados do mesmo século, as mudanças climáticas haviam-se incorporado à vida das pessoas. Em várias ocasiões, os dias amanheciam ensolarados, caindo tempestades ao cair da tarde, temporais seguidos, muitas vezes, de um intenso frio. Às vezes, a estiagem permanecia durante anos a fio, prejudicando as plantações e as colheitas daqueles que necessitavam do campo para garantir a sobrevivência. Com todos os problemas causados pelas intempéries, as pessoas tiveram que criar grandes viveiros de mudas climatizados, visando à subsistência e à preservação da espécie, tentando garantir a perpetuação da raça humana. Nestes





enormes viveiros e estufas, os alimentos da natureza eram cultivados com muita habilidade. Jamais cultivavam alguma espécie de alimentos transgênicos, pois estes haviam causado grande infortúnio no século anterior, pelo monopólio de empresas, cobrando um alto valor às pessoas que necessitavam de alimentos.

Nem sempre quem habitava o campo eram pecuaristas, agricultores ou pessoas sem estudo. Dependendo da conveniência, os Senhores de Terras permitiam o ingresso de dentistas, médicos, professores ou indivíduos que poderiam trazer algum benefício para a comunidade. O nível intelectual das pessoas era considerado um pouco mais elevado, não havendo, inclusive, analfabetos dentro das comunidades. Nem por isso estas pessoas trajavam os tradicionais uniformes de trabalho usados no século XXI. Tornou-se hábito os homens utilizarem chapéus, camisas, calças largas e botas que chegavam até os joelhos. Já as mulheres, principalmente as senhoras, usavam camisas justas, calças e sandálias; vestidos, somente em ocasiões especiais. As mais jovens preferiam camisas justas, calças apertadas, botas de cano longo e, em alguns casos, também chapéus. Os jovens varões seguiam o modelo dos homens mais velhos, excluindo as calças largas, pois preferiam as mais apertadas. Os Senhores de Terras geralmente vestiam sobretudos.

Como a moeda não existia mais com a queda do Capitalismo, o sistema de permuta dos povos da Antigüidade foi novamente adotado como forma única e exclusiva de obtenção de todo o necessário. Caso um Senhor de Terra produzisse alguma safra em excesso, entrava em contato com um outro Senhor, para trocar o excedente por algo útil a seu povo. Desta forma, havia uma variedade de alimentos e utensílios à disposição do povo em armazéns centrais dentro das comunidades, onde um responsável distribuía os produtos de acordo com as necessidades de cada família. Entretanto, nem todos os Senhores de Terra possuíam este tipo de negociação amigável, pois alguns eram potenciais inimigos em busca da expansão de seus domínios territoriais, muitas vezes por pura ambição. Não eram incomuns emboscadas,





ciladas, tocaias, motins ou outras parafernalias do gênero. Muitas vezes o perigo poderia estar escondido dentro da própria comunidade, com gente infiltrada a mando de alguns Senhores mais audaciosos e ambiciosos. No entanto, algumas vezes, o perigo, além de vir de alguém infiltrado, também poderia vir de alguém que há tempos habitava a própria comunidade e almejava trair o líder para ocupar o seu lugar, agindo sorrateiramente e de forma obscura para tomar o poder. Se as intenções destes fossem descobertas, a morte era o valor pago pela traição.

Na região Norte do Brasil, dentre várias comunidades existentes, uma se destacava por seu crescimento e pelo amor ao seu líder, inicialmente conhecido como Coronel Valêncio Concenza. Certamente uma das maiores comunidades não só pela quantidade de pessoas, mas pela extensão de seus domínios. As terras eram regadas pelo Rio Cristalino e pelo Rio Formoso, que atravessavam toda a área conquistada há vários anos. Entre outros produtos, nas grandes estufas, eram cultivados bananas, laranjas, milho, arroz, cana-de-açúcar, mandioca, soja, algodão, tomates e amendoins. E, mesmo com as mudanças climáticas que podiam gerar a estiagem, tentavam criar bovinos, suínos e eqüinos. A fronteira das terras do Coronel Valêncio fazia divisa com outras comunidades aliadas e apenas uma inimiga, sendo esta liderada por um dos mais cruéis e sanguinários Senhores de Terra de toda a região, o temido Coronel Jeremias Constantino, também conhecido como a encarnação do mal, entre outros apelidos pelas suas brutalidades e maldades. Ele também possuía um domínio considerável em extensão de terras, mas sua ambição desmedida o levava a entrar em conflito com os vizinhos, com o intuito de ser o Senhor de Terra mais poderoso da região. Seu maior desejo era conquistar as terras da comunidade de seu grande rival, justamente o Coronel Valêncio. Diversos confrontos ocorriam de tempos em tempos, sempre provocados pelo Coronel Jeremias, que investiu em várias tentativas de domínio, mas nenhuma havia logrado êxito, pois a comunidade atacada sabia defender-se muito





bem ao ser liderada em combate pelo Coronel Valêncio, um homem destemido e que, nas ocasiões mais difíceis, comandava seus homens com o coração e uma coragem fora do comum, motivando-os a defender seus lares e suas família com todas as forças terrenas possíveis.





CAPÍTULO II

O CORONEL VALÊNCIO

O Coronel Valêncio era, certamente, um homem que impressionava por seu carisma, sua coragem e inteligência, e, acima de tudo, sua capacidade de liderar. Alguns comentavam que ele possuía o espírito de General. Era capaz de ser amado e temido ao mesmo tempo pelos seus seguidores. Tornou-se um sujeito um tanto absorto após perder a primeira mulher em um confronto nos tempos em que precisava expandir os seus domínios para garantir a sobrevivência de sua comunidade. Em uma noite escura, sem lua para clarear as almas, a madrugada avançava silenciosamente. O acampamento estava montado não muito próximo à fronteira de conflito e sua esposa estava prestes a dar à luz. Em sua tenda, encontravam-se apenas a parteira, a esposa, já sentindo as contrações do parto, e ele. Quando o trabalho de parto começou, um ataque ostensivo por parte do inimigo sucedeu. Os homens tomaram suas posições rapidamente e começaram a se defender. Entretanto, os inimigos portavam metralhadoras, uma forma desleal de confronto e que seria considerado desonroso e combatido por todos os Senhores de Terra no futuro, inclusive como uma forma de protesto ao que acontecera ao mundo após a Terceira Guerra Mundial.

Com os inimigos portando armas mais potentes, os homens do Coronel Valêncio tiveram que recuar de suas posições de defesa para salvarem as suas famílias. O Coronel pediu para a parteira salvar-se, que ele prosseguiria com o parto. Embora desejando contrariar as ordens do Coronel, ela havia de respeitar as ordens do líder. Assim, a parteira partiu em retirada, mata adentro, no meio da escuridão. O Coronel cortou o cordão umbilical do belo





menino que acabava de chegar à vida, enrolando uma manta na criança. Sua esposa, Maria de Lourdes, disse, aos prantos:

— Fuja e salve nosso filho!

— Jamais! Morreremos juntos se for preciso. Assim deve ser! — retrucou Valêncio.

— Por favor! Não tenho forças para correr e eles irão nos matar! Eu lhe suplico! Fuja e salve o nosso filho! — voltou a repetir a companheira desesperada.

— Vou... mas voltarei para salvá-la!

Partiu carregando o menino no colo, e com os olhos cheios de lágrimas. Colocou sua arma nas costas e correu como nunca, até encontrar a companheira de um de seus homens. Entregou a criança e pediu-lhe para que continuasse a fuga com o menino, e, se algo acontecesse de ruim a ele, que criasse a criança com muito amor. Depois retornou rapidamente, tentando encontrar a tenda na qual estava a sua esposa no meio da escuridão. Mas, quando se aproximou mais, notou que a tenda havia sido arrancada de seu lugar e, no exato instante, o bando friamente executava a sua amada mulher. Enxugando as lágrimas com o antebraço, o Coronel se posicionou com destreza no meio da mata. Exímio atirador, não desperdiçou uma bala de sua *Winchester* espanhola, atingindo primeiramente aquele que havia assassinado sua esposa. Depois, com uma sucessão de disparos, armazenou um projétil em cada inimigo que ali se encontrava. Alguns homens do bando inimigo tentaram reagir e chegaram a efetuar disparos aleatoriamente; entretanto, devido à noite escura e como não sabiam ao certo de que lugar os tiros certos estavam sendo disparados, nada acertaram além de árvores e capim. Alguns dos homens do Coronel, ao saberem que ele havia entregado a criança e retornado ao acampamento, voltaram para salvá-lo e, até, morrer lutando com ele. Quando chegaram, o dia já estava amanhecendo e encontraram doze cadáveres do grupo rival. Pelo visto, tratava-se de um bando do bloco inimigo atacando separadamente na madrugada. Entre os corpos dos homens, encontraram o Coronel





abraçado à companheira. Chegaram à conclusão de que ele deveria estar a um tempo considerável com ela sustentada por seus braços. Inevitavelmente, seus homens, mesmo acostumados a ver de tudo naquela época difícil, não contiveram a emoção e choraram ao perceber a dor de seu líder. Depois de um tempo, aproximaram-se dele e notaram que ele não queria soltá-la de seus braços. Estava em estado de choque, sentindo-se um impotente por não ter conseguido salvar em tempo a vida de sua companheira. Um de seus melhores amigos, Francisco Dionísio, abraçou-o ternamente, convencendo-o a largar o corpo. Os outros homens improvisaram uma maca, feita com bambu e alguns troncos resistentes, e levaram o corpo de Maria de Lourdes para perto de onde se encontrava a comunidade. O corpo foi velado diante da dor de todos que ali estavam, e depois enterrado em uma cerimônia lúgubre e desoladora. O Coronel não se conformou enquanto não pôs fim em todos adversários daquela batalha, conduzindo com muita destreza os homens de sua comunidade. O último a morrer foi o líder do grupo inimigo, com o mesmo ritual a que assistiu friamente matarem sua companheira. Colocou o maldito de joelhos e, depois, deu-lhe um tiro na nuca. Foi nesta ocasião que o Coronel Valêncio passou a ser chamado de Coronel Valente por seu povo, consagrando-se definitivamente como o líder que conduziria aquela comunidade pelos anos vindouros. Devido às circunstâncias em que seu filho nasceu, batizou-o com o nome de Coraggio, pois, para perpetuar os ideais de um povo que o achara digno de receber o codinome de Valente, era preciso mesmo ter um possível futuro sucessor de muita coragem a seu lado.

Com o passar do tempo, muitas coisas foram mudando. Os membros da comunidade não viviam mais em tendas, pois a extensão de terras conquistadas em lutas já era suficiente para poder abrigar as famílias com maior conforto, não sendo mais necessário migrar de um lugar para o outro na luta por domínios. Uma olaria foi construída nas terras, capaz de produzir cerâmica de boa qualidade para a construção de casas. Seguindo as instruções





do Coronel, no intuito de melhor proteger as terras, as casas foram construídas com a mínima distância que conseguiam, até formarem um enorme círculo em torno das terras. Devido à grande extensão de terras, o intervalo entre uma casa e outra girava em torno de cem metros. Já na área central, agora mais bem protegida no caso de confrontos, outras edificações foram erguidas. Entre elas, escolas, centro de saúde, consultório odontológico, armazéns, marcenaria, enfim, tudo o que era relevante para o dia-a-dia da comunidade. Depois de um tempo, esta área central começou a se desenvolver ainda mais, criando-se até um botequim onde, entre outras coisas, era possível tomar cervejas produzidas artesanalmente e requintadas cachaças produzidas da cana-de-açúcar de boa qualidade cultivada nas grandes estufas. Um pouco mais afastado, mas integrando a parte central da comunidade, podia-se encontrar um grande celeiro atrelado a um curral para tratar do gado e retirar leite. Criaram, inclusive, um pequeno laticínio para a produção de queijos, manteigas, iogurtes e outros derivados de leite. Um enorme casarão foi construído para o Senhor de Terras no centro da comunidade. O Coronel Valente não entendia o motivo de algo tão grande somente para abrigá-lo e a seu filho Coraggio. Entretanto, percebeu que a comunidade fez tudo aquilo com muito carinho, pensando no merecimento e no que ele representava para todo o povo. Alguns membros pensavam além ao construir o casarão, já visualizando o dia em que seu líder se esqueceria do passado e constituiria uma nova família, inclusive gerando mais filhos. Mas o tempo foi passando lentamente, e o Coronel permanecia solitário. A dor da perda de sua companheira parecia ser maior do que o seu ser. Era uma ferida aberta que ele sempre evitava tocar. Coraggio já havia completado quinze anos e, até então, o Senhor de Terras não havia despertado interesse em se unir a nenhuma pessoa. Belas moçoilas tornaram-se apaixonadas por ele, mas o máximo que lhe conseguiam arrancar era uma ou duas noites de prazer.

O casarão possuía um enorme telhado com quatro águas de





queda e uma varanda por toda a sua volta. Alto e com um porão que servia para guardar apetrechos, no interior do casarão havia vários quartos, cinco banheiros, copa, cozinha com fogão a lenha e uma enorme sala de estar. Todos os cômodos possuíam candelabros e um piso de madeira, onde o andar das pessoas, quando rápido, fazia o som ressoar por outras dependências. A única cama de casal permanecia no quarto do Coronel; os demais quartos possuíam camas de solteiro. Caso alguém surgisse na comunidade e fosse interesse do Coronel que aquela pessoa ou família permanecesse por ali hospedada, ele a recebia com hospitalidade e cumpria o papel de verdadeiro anfitrião. Quando era o caso de alguém aceito por ter conhecimentos específicos úteis à comunidade, ele permitia que a pessoa permanecesse ali por alguns dias até encaminhá-la a um local mais apropriado. No entanto, isto dependia muito da ocasião, pois, quando o Coronel estava a fim de silêncio e de se dizimar em solidão, pedia para que alguma família abrigasse aqueles novos membros da comunidade. Coraggio raramente interferia nos fatos ocorridos no casarão ou acontecimentos da vida do Coronel. Seu modo de proceder denotava extrema introspecção e, algumas vezes, sentia-se culpado pelo fato de sua mãe ter morrido para dar-lhe à luz, pois, se ela não estivesse em trabalho de parto para concebê-lo, poderia ter fugido com os demais. Ele escolhera um dos quartos mais distantes do local de repouso do Coronel. Não porque não se entendessem, mas sim porque, ao abrir as janelas de seu quarto, ele poderia observar de longe uma floresta existente nas terras. Nos últimos tempos, havia incorporado o jeito de ser do seu pai, falava somente o necessário e andava um tanto absorto pelos cantos. Quem cuidava do casarão eram Janice e sua filha Marlene, providenciando tudo o que era necessário para o bem-estar do Coronel e de Coraggio. Elas limpavam o casarão, arrumavam as camas, lavavam e passavam as roupas, cozinhavam e faziam o que mais fosse necessário. Faziam tudo de bom coração, sentindo prazer em poder desfrutar de alguns instantes a mais que os outros membros da comunidade da presença do Coronel.





O Coronel Valente foi o único Senhor de Terra da região que constituiu uma comissão de anciãos para ajudá-lo na tomada de decisões mais difíceis, pois achava muito prudente ouvir opiniões em assuntos relevantes que poderiam repercutir no destino de toda a comunidade. A energia gerada no povoado era obtida dos ventos e algumas rodas d'água, dependendo do lugar. A energia eólica, fonte de energia limpa, era muito importante e visava à não-destruição da natureza que quase ocorreu no século XXI. A energia não era muito estável, oscilando em algumas ocasiões, mas atendia às necessidades de todo o povoado. Grandes moinhos eram utilizados para triturar alguns alimentos. Um sistema de alarme foi instalado com fios subterrâneos e ligados a um receptor que existia em todas as casas. Ao sinal do menor problema, caso este alarme fosse acionado, todos se reuniram para descobrir o que estava acontecendo e defender as terras de algum perigo iminente.

A floresta de que Coraggio tanto gostava era remanescente do final do século XXI, que não havia sido devastada, antiga região do Tocantins. O Coronel proibiu terminantemente que aquela floresta fosse destruída, e, caso alguém necessitasse de madeira, deveria extrair de outra área das terras e providenciar o imediato replantio. O posicionamento do Coronel era respeitado e bem aceito, como sempre. Muitos sabiam da importância da preservação ambiental, em face do passado historicamente nebuloso, no qual a urbanização exacerbada e o crescimento populacional haviam destruído grande parte da vegetação do país. A Amazônia, supostamente objeto de estudo científico por vários pesquisadores de diferentes países, havia sido devastada por completo. Na verdade, os estrangeiros estavam interessados nos valiosos minérios que ali se encontravam, um valor que foi capaz de desestabilizar a economia mundial no tempo do Capitalismo, deixando maiores as discrepâncias entre os países ricos e pobres. Alguns até acreditaram, inicialmente, que os países ricos estavam interessados na preservação do então denominado pulmão do





mundo, mas tudo não passava de uma grande lorota para a exploração de ouro, pedras preciosas e da biodiversidade para desenvolver a ciência dos países de vanguarda. Aqueles que não exploraram os minérios e outras preciosidades, indevidamente se apropriaram da biodiversidade da floresta para os mais diversos fins, desde a extração de madeiras até o uso da água, elemento primordial para a vida. Cientistas dos países ricos aprenderam a produzir remédios com os poucos índios que restaram na Amazônia, depois isolavam o princípio ativo, patenteavam a fórmula para produção em seus países e até vendiam o produto final aos países mais pobres. Com o tempo, os estrangeiros aniquilaram as comunidades indígenas daquela região, restando poucas tribos isoladas que conseguiram manter seus hábitos e sua cultura, uma verdadeira afronta aos índios que, na verdade, sempre foram os verdadeiros brasileiros, desde o tempo em que o Brasil foi descoberto.

Atravessando a floresta da comunidade do Coronel Valente, existia um belo e enorme lago de águas cristalinas, rico em peixes e vegetações ao seu redor. A floresta era uma raridade após tudo o que havia acontecido com o planeta. Do outro lado do lago, havia uma pequena aldeia de índios, donatários de uma reserva de terra demarcada por um órgão que o governo extinguiu antes da Terceira Guerra Mundial, a antiga Fundação Nacional dos Índios. O Coronel não permitia a integração da sua comunidade com os índios, pois também achava que eles eram os verdadeiros brasileiros, e o pouco que havia restado da cultura dos índios deveria ser preservado a qualquer custo. Muitas das etnias indígenas já haviam sido influenciadas pelos homens brancos com o passar dos séculos, sendo o principal motivo pela devastação da cultura indígena no país. Em certa ocasião, um membro da comunidade foi visto por algumas testemunhas tentando possuir uma índia à força na floresta. O fato chegou aos ouvidos do Coronel e, devido à gravidade da ocorrência, o mesmo decidiu não banir o elemento, optando por executá-lo para servir de exemplo aos mais





recalcitrantes e indóceis indivíduos da comunidade. Depois da execução, o Coronel mandou que levassem o cadáver do estuprador aos índios para que estes se sentissem vingados, ocasião em que houve uma comemoração com ritual de dança, concluído com fogo ateadado no corpo do defunto. A área destinada aos índios estava incluída no território de defesa do Coronel. Os índios seriam defendidos de um ataque, não somente porque estavam dentro das terras daquele líder, mas pelo fato de que o Coronel não suportava a idéia de extinção dos índios daquela reserva.

O sistema de troca de mercadorias funcionava bem e cada vez mais os alimentos que as comunidades possuíam em excesso acabavam sendo trocados com as comunidades vizinhas aliadas. Os caminhos das estradas eram um campo neutro para batalhas, e qualquer indivíduo circulava livremente por elas. Não eram incomuns as trocas de matérias-primas com produtos acabados das fábricas que ainda funcionavam com muita dificuldade nas cidades, das quais sobrara muito pouco no período pós-guerra e algumas partes estavam sendo reconstruídas. Em algumas delas, surgiram forças rebeldes que disputavam o poder com o governo, que tentava combater esta forma de poder paralelo, principalmente através do exército. O governo não tinha interesse na área rural. Comandava as forças armadas a fim de restabelecer a ordem e a paz na área urbana. O Coronel Valente sempre nomeava uma comissão para acompanhá-lo e levar a colheita até a cidade para trocar por outras coisas de que o povo necessitava. Apenas por precaução, solicitava sempre que o carregamento fosse escoltado por alguns membros armados da comunidade. Ainda havia as gangues urbanas hostis, mas geralmente não tentavam saquear os carregamentos que vinham das comunidades, pois sabiam que as trocas realizadas também eram interessantes para os que viviam nas cidades. O algodão colhido nas terras era trocado por roupas produzidas em uma indústria têxtil que funcionava precariamente em um lugar que antes fora conhecido como Palmas, antiga capital do Tocantins. No século XXII, não existiam mais capitais de





Estados. Algumas denominações eram utilizadas apenas para efeito de referência de localização, sendo os Senhores de Terras os soberanos que atribuíram novos nomes às suas comunidades e regiões. Os alimentos destinados à cidade comumente eram trocados por outros apetrechos e ferramentas, em um grande mercado protegido pelas forças do governo para não ser saqueado.





CAPÍTULO III

O TEMPLO

Na floresta, eram riquíssimas a fauna e a flora, encantadoras por demonstrar a verdade sobre a natureza. Por ser uma das raras áreas que o homem não conseguiu devastar no século anterior daquela região, a floresta ainda possuía uma variedade enorme de animais selvagens. Não era difícil encontrar capivaras, antas, pacas, jacarés, jaguatiricas, porcos-do-mato, lontras e roedores em geral. Várias espécies de peixes e aves poderiam ser avistadas junto à grande lagoa. Já no Rio Cristalino, ainda se podiam encontrar pacus, pintados, dourados e lambaris. Nas terras da comunidade, era possível ouvir o belo entoar de alguns pássaros silvestres, como pintassilgos, cardeais, canários, bem-te-vis, periquitos, sanhaços, maritacas e outros, todos procedentes da floresta, que se alastravam pelos arredores. Os mais empolgados alegavam já ter ouvido o magnífico canto do raríssimo uirapuru, coisa em que quase ninguém acreditava, afinal, infelizmente, este pássaro há muito tempo havia sido extinto na região amazônica. Entretanto, não era incomum observar, no alto de algumas árvores, araras, papagaios, tucanos, gaviões, pica-paus, jacus e, até mesmo, algumas outras aves raras. Próximo ao lago, havia garças, paturis, marrecos, gansos, patos e, até, alguns cisnes. A biodiversidade era algo simplesmente indescritível na floresta. Um raro, complexo e fantástico ecossistema ainda preservado nas terras daquela comunidade.

Certo dia, o Coronel tomava café em uma pequena caneca laqueada de esmalte branco com contornos em azul, e apreciava o canto dos pássaros silvestres que se aventuravam afastar-se da floresta para alegrar o centro da comunidade. O encantamento do Coronel foi interrompido quando notou que Diógenes, velho





moribundo membro de sua comunidade, chegou junto a José Anastácio para apresentar um homem que almejava pertencer àquele povo. O Coronel torceu o nariz ao ver José Anastácio na ocasião em que o estranho foi apresentado. Chamava-se Ezequiel Malta, a quem o Coronel perguntou o que tinha a oferecer para a comunidade. Aparentemente com uns trinta anos de idade, o homem se disse teólogo, um sacerdote desejando transmitir os conceitos religiosos para todos que ali buscassem Deus ou para aqueles que simplesmente estivessem à procura de um conforto para a alma. O Coronel ficou pensativo, pois não havia ninguém naquela comunidade para oferecer aquele tipo de conhecimento aos membros. O Senhor de Terras sabia que, desde que o mundo era mundo, várias pessoas já haviam se matado por motivos de divergências religiosas. Desta forma, ele poderia estar gerando um sério problema ao permitir alguém que defendesse uma doutrina específica. Querendo formar melhor opinião, pediu para reunir os anciãos na sala de estar do casarão após o almoço, e atribuiu ao grupo dos doze a responsabilidade da decisão final. Optaram pela criação de um Templo ecumênico para acolher aqueles que desejassem louvar e cultuar o Criador. No entanto, de forma alguma seria defendida uma doutrina determinada, pertinente a alguma crença. Apenas deveriam ser transmitidos os conceitos gerais sobre a espiritualidade e ninguém teria do que reclamar, pois nenhuma religião específica havia sido escolhida. Independente dos princípios religiosos, qualquer grupo poderia reunir-se no Templo para cultuar e desenvolver suas crenças. Ficou definido que não haveria imagens, crucifixos, bíblias, alcorões ou coisas do gênero. Seria um lugar com condições agradáveis para que as pessoas pudessem adorar o Criador, exaltar o Cosmos, enfim, aquilo em que acreditassem. Os anciãos foram unânimes na aprovação. O Coronel não gostava muito de unanimidade, nem para a atuação na comunidade. Uma oposição saudável não fazia mal a ninguém, pois os questionamentos sempre conduziam a uma reflexão mais profunda e consciente. Além do mais,





constantemente lembrava-se de um antigo dito popular que pregava: “toda unanimidade é burra”. De toda forma, o Coronel acreditava que várias cabeças pensavam melhor do que uma, respeitando e referendando o que fora decidido pelos anciãos sem intervenções. O Coronel solicitou que toda a comunidade fosse informada sobre as decisões. Os anciãos ficaram incumbidos de conversar com o Teólogo para explicar como este deveria interagir com o povo quanto aos assuntos religiosos. Em seguida os anciãos solicitaram aos devotos da nova idéia que um Templo fosse construído com um pequeno cômodo na parte dos fundos para abrigar o Teólogo. Em outras ocasiões, o Coronel teria acolhido Ezequiel Malta no casarão até o término da construção do Templo, mas era dezembro, mesma época em que ele havia perdido sua companheira Maria de Lourdes, permanecendo bastante aturdido neste período.

Um dos membros presentes na apresentação do teólogo, chamado José Anastácio, era muito ambicioso. O Coronel não gostava muito dele por ter recebido informações de que o mesmo falara contra sua pessoa durante sua ausência. Mas, quando o Senhor de Terras se fez presente, chegou para tomar satisfações. José Anastácio tremeu como vara verde, chegando a ajoelhar-se e alegando ter sido calúnia o fato relatado. O Coronel repreendeu-o verbalmente e disse que reuniria os anciãos para propor que o mesmo fosse banido, caso houvesse novas incidências. Alertou não deveria haver lugar para fofocas daquele tipo na comunidade e que, se preciso fosse, estava disposto a eliminar o mal pela raiz. A partir daquela ocasião, José Anastácio evitava confrontos com o Senhor de Terras, tentando, inclusive, uma reaproximação quando da chegada do Teólogo, objetivando melhorar sua imagem com os membros da comunidade que ficaram ofendidos com a afronta que ele fez, agindo de forma caluniosa contra o Coronel. Ainda tentava melhorar o seu conceito junto ao povo, ao deixar transparecer que estava interessado no bem-estar de todos e em produzir bons frutos para a comunidade. Para alguns, José





Anastácio se assemelhava ao pior dos sacripantas, usava um palavreado chulo ao se expressar e vivia tentando conquistar a consciência do povo. Não era muito inteligente, mas extremamente persuasivo e esperto para tratar de determinados assuntos de seu interesse. Sua aparência não colocava medo no Coronel, afinal, aquele líder de terras já tinha despachado para a eternidade diversos jagunços com feição bem pior, verdadeiros assassinos que não faltaram nas batalhas empreendidas nos arredores.

O velho ano findou-se, e a construção do Templo se iniciou ainda em janeiro. Os tijolos foram fabricados com uma argila especial que recebia mistura de outros materiais para torná-la mais resistente, o mesmo processo que havia sido empregado em algumas construções do século XXI. O cimento era obtido à base de troca no que restara da cidade de Gurupi, não muito longe de uma das fronteiras das terras do Coronel Valente. A notícia da construção de um Templo para cultivar a espiritualidade foi vista com bons olhos pela comunidade. Muitos vieram a participar dos mutirões. Alguns buscaram opiniões junto ao Coronel, inclusive sobre a forma em que a construção deveria ser edificada. Coraggio também participava na edificação da obra, mas reservava parte do tempo para praticar as suas lições de violão oferecidas por alguns seresteiros que havia na comunidade. Em algumas ocasiões, seu pai o conduzia para aprimorar as habilidades com as armas. Não havia professor melhor para a arte de atirar do que o Coronel, que transmitia diversos macetes ao filho e a alguns de sua inteira confiança. Ninguém superava a habilidade do Coronel neste campo, pois os anos de experiência, unidos a uma pontaria inigualável, o transformaram no mais habilidoso atirador de que já se ouvira falar naquela época.

Algumas vezes, o Coronel Valente costumava sair bem cedo para visitar um de seus aliados, o Coronel Aureliano. Este Senhor de Terras já possuía uns 57 anos e liderava pacificamente o seu povo em uma comunidade média. Casado com Dona Genoveva,





ambos costumavam ficar sentados em frente a um antigo casarão. Geralmente de lá o Coronel Aureliano comandava seu povo, concedendo todas as diretrizes que fossem necessárias para o bom andamento de sua comunidade. Tanto o Coronel Aureliano como sua esposa Genoveva eram obesos, possuíam cabelos grisalhos e uma simpática feição. O Coronel Valente gostava de passar algumas horas do dia com seus velhos conhecidos, e apreciava a experiência com a qual o Coronel Aureliano comandava os seus homens. Ouvia muitas conversas e “causos” narrados pelo velho Senhor de Terras. Naquelas ocasiões, o Coronel Valente aproveitava para saborear um delicioso almoço e os magníficos quitutes feitos por Dona Genoveva, que cozinhava como ninguém. Certa vez, depois de visitá-los, o Coronel retornava tranqüilamente para suas terras. Notou, no entanto, um dispersar de pássaros na mata fechada em um atalho em que sempre ingressava, tanto para vir quanto para retornar à sua comunidade. Imediatamente, o Coronel Valente percebeu que se tratava de uma emboscada. Por isso, saltou de seu cavalo e, antes que chegasse ao chão, já estava com sua *Winchester* espanhola engatilhada. O cavalo continuou percorrendo o percurso e parou logo mais à frente. Neste ínterim, um jagunço utilizou a ponta de uma espingarda para abrir parte da mata, procurando o Coronel. Para a sua surpresa, só avistou o cavalo sem ninguém na montaria. Esta simples movimentação no meio do mato foi o suficiente para o Coronel localizá-lo, disparando um projétil que atingiu o lado esquerdo da cabeça do jagunço. Rapidamente, o Coronel rastejou pela lateral e colocou-se em melhor posição para saber se havia mais de um homem na emboscada, mas não havia ninguém. Então se levantou e caminhou pensativo até o local onde estava o cadáver que acabara de dar as últimas estrebuchadas, imaginando se poderia ser um traidor que se enganou, desejando atingir o Coronel Aureliano. Mas breve o equívoco foi desfeito, pois, pouco distante dali, o Coronel encontrou o cavalo do jagunço amarrado em uma árvore, e o mesmo tinha a marca de





identificação feita pelo ferrete de seu maior inimigo. O Coronel Valente jogou o corpo do jagunço na sela do cavalo encontrado, depois desamarrou o animal e o tocou. Era comum, na maior parte dos animais de montaria, quando não estavam sendo conduzidos por alguém, que acabassem percorrendo o destino de volta ao local de morada. Assim, o Coronel Valente montou em seu cavalo e pôs-se a acompanhar o eqüino com o defunto, constatando que o jagunço realmente era um enviado de seu maior inimigo, ao ver o animal parar na frente da porteira da estrada que conduziria às terras do seu arquiinimigo. O Coronel fez questão, inclusive, de abrir a porteira, pois recado como aquele era muito interessante de se dar ao seu rival, enviando de volta justamente um jagunço falecido que não conseguiu dar conta de despachá-lo para o além. O Coronel não parava de sorrir ao imaginar a reação de seu algoz inimigo naquele dia, ao receber um defunto de presente. Dormiu muito satisfeito. Este fato fez crescer ainda mais o boato entre as comunidades de que o Coronel possuía o corpo fechado. Outros diziam, simplesmente, que ele não temia a morte porque tinha o espírito suicida.

As obras do Templo foram completadas após três anos, mesma ocasião em que o Coronel completou trinta e oito anos. A arquitetura chamava a atenção e a edificação era de considerável tamanho, pois levou em consideração a quantidade de pessoas que havia na comunidade. Somente o quarto do teólogo não era grande, afinal um homem de Deus não precisava de luxo. A obra poderia ter sido concluída com antecedência, mas o Coronel não permitiu desviar mais membros de seus afazeres, devido ao fato de não gostar de vestir um santo para despir outro. As demais atividades da comunidade não deveriam parar de forma alguma, mesmo para a conclusão de um projeto que muitos membros consideravam relevante. As intempéries propiciadas pelas mudanças climáticas também atrapalharam a construção em algumas circunstâncias, embora muitos já estivessem acostumados com o tempo instável. O Coronel fazia questão de ressaltar nestas





ocasiões: “Este é o preço que pagamos pela incoerência de nossos antecedentes, que, ao invés de cuidarem da natureza, destruíram-na com quase todas as suas belezas”. Exceto em escassos lugares em que alguns Senhores de Terras lutavam para a preservação do meio ambiente, raríssimos eram os locais no mundo em que se podia observar a natureza referenciada em livros de antigos que conseguiram resistir à Terceira Guerra Mundial. Tais livros que conseguiram resistir eram trocados no mercado por alimentos e, depois, utilizados na área de ensino da comunidade.

Neste intervalo de tempo demorado para a conclusão da construção do Templo, Coraggio havia aprimorado enormemente suas habilidades com as armas. Tornou-se um dos melhores atiradores. Seu pai incumbiu-se de passar-lhe as principais noções de estratégias de guerra, muitas adquiridas através da experiência, outras através de escritos de um dos mais sábios generais da história, Sun Tzu. O Coronel Valente era um homem extremamente culto e inteligente. Muitas vezes, em seus momentos de solidão, empenhava-se em ler e estudar os mais variados tipos de assuntos. Havia criado uma biblioteca disponível a toda a comunidade em seu povoado, cujos livros, além de obtidos através da troca por alimentos nas cidades, também podiam ser conseguidos em comunidades aliadas que já não tivessem tanto interesse em parte de seu acervo bibliográfico. Embora fosse digna de elogios, a habilidade que Coraggio havia desenvolvido com as armas ainda não se comparava aos afinados acordes que conseguia extrair do violão. Com voz encantadora unida à sonoridade do instrumento, encantava as pessoas e arrancava suspiros dos mais jovens corações femininos da comunidade. E já que o Coronel não desejava nenhum compromisso sério com as moças, arremessar as filhas ao colo de Coraggio era o sonho de muitas mães da comunidade. Era muito provável que aquele jovem encantador fosse o Senhor de Terras futuramente. Quem não gostava nada disto era José Anastácio, que sonhava, sem as mínimas condições até então, em ser o líder daquela comunidade.





CAPÍTULO IV

CONSTANZA

Em uma noite chuvosa de inverno, o Coronel Valente havia adormecido em sua velha cadeira de balanço na sala de estar. Já era meia-noite quando alguém bateu à porta. Estranhando o fato de que alguém pudesse estar procurando-o naquele horário da noite, embora não tivesse ouvido nenhum alarme soar, pegou uma de suas duas cartucheiras calibre 12 que ficavam penduradas acima da lareira, escolhendo a cartucheira remontada ao invés da paralela. A única diferença entre a cartucheira remontada e a paralela era que, na remontada, os dois canos permaneciam sobrepostos, um acima do outro. Já na paralela, os canos permaneciam um ao lado do outro. As armas não possuíam o cão para ser engatilhado antes do disparo, denominadas como cartucheiras “mochas” por alguns membros da comunidade. Sempre deixava um cartucho na câmara de disparo nas cartucheiras que ficavam no casarão, mas conferiu para ter certeza. Apagou as luzes da sala e, cuidadosamente, espiou pela fresta de uma das janelas, percebendo que um vulto se aproximava para bater à porta novamente. Posicionou-se de forma estratégica ao lado da parede próxima à porta da entrada principal. Novamente escutou toques na porta. O Coronel permaneceu quieto até que ouviu a voz de Janice se identificando. Acendeu as luzes e, ainda desconfiado, abriu a porta frontal do casarão com a arma em riste, deparando-se com três pessoas, uma mulher, uma criança e Janice, que se antecipou dizendo:

— Desculpe importuná-lo a esta hora da noite, Coronel — disse de forma tímida. — Trago esta mulher e sua filha para saber se o senhor aceita que elas façam parte de nossa comunidade.

Primeiramente, o Coronel olhou a mulher da cabeça aos pés,





reparando ser ela possuidora de uma beleza incomum. Deveria ter aproximadamente uns trinta anos. Notou que, de seus cabelos longos, escorriam gotículas de chuva. Usava uma calça *jeans* apertada que ressaltava seus contornos bem definidos. Segurava uma bela menina no colo, e ambas estavam bem molhadas pela chuva, assim como Janice. Estavam com os lábios roxos devido à temperatura fria daquela noite. Ainda aturdido pelo seu encantamento com a mulher, o Coronel, após ter tido a sensação de ter transcorrido uma eternidade, perguntou:

— Como se chama? — disse com um tom rouco que lhe saiu da garganta.

— Eu me chamo Constanza! Esta é minha filha, Selena — disse a mulher, indicando com um olhar, e um leve movimento de cabeça, a menina adormecida no colo.

— O que você pode produzir de útil para esta comunidade?

— Qualquer coisa que seja algo digno e que permita a minha sobrevivência e a de minha filha!

O Coronel era possuidor de um sexto sentido acima do normal. Sua intuição ferrenha tinha um segredo. Ao olhar diretamente nos olhos da maioria das pessoas, ele parecia conseguir penetrar-lhes a alma. Já tinha se livrado de muitas emboscadas, seguindo seus instintos. Nos olhos de Constanza, ele pôde perceber que havia sinceridade. Refletiu por alguns instantes sem nada dizer. O silêncio parecia ser eterno para quem aguardava uma resposta. Ao acabar de refletir, pediu para que Constanza entrasse com Selena. No momento em que Janice foi despedir-se, o Coronel perguntou:

— Por que não esperou que amanhecesse para apresentá-las a mim?

— Foi meu marido que achou melhor trazê-las aqui, Senhor! Não seria prudente manter alguém, mesmo por poucas horas, em nossa comunidade sem a sua autorização.

— De toda forma, não era necessário, pois em sua família eu confio plenamente!





— Obrigada, Senhor — disse ela, com um sorriso no rosto.

— Quer abrigar-se aqui até amanhecer? — prosseguiu ele.

— Não, Coronel. Viemos a cavalo. Embora minha casa seja um pouco distante, não demorarei muito para retornar. Deixarei o cavalo dessa moça no curral antes de retornar para minha casa.

— Fico grato! Até logo!

— Até logo — despediu-se Janice.

Janice achou estranho o Coronel não ter solicitado para ela abrigar as novas integrantes em sua casa. Talvez ele tenha ficado com dó da mãe segurando a criança, que deveria estar um pouco pesada. Após pensar um pouco, pareceu compreender o fato ao lembrar do olhar do Coronel ao ver Constanza. Primeiramente perturbado ao ver moça, depois algo pareceu ter mexido com a mente dele. Janice era uma boa pessoa, esposa de um dos melhores amigos do Coronel naquela comunidade. Isaías, seu marido, era veterinário e cuidava do rebanho com muita dedicação e afinho. Certa vez, quando uma doença descontrolada acabou com uma considerável parte do rebanho, muitos viram Isaías chorando de tão entristecido que ficou. Naquela ocasião, o Senhor das Terras o consolou, percebendo que era um homem de bom coração, amoroso e fiel aos seus princípios.

Assim que o Coronel adentrou o casarão com suas novas hóspedes, ficou desconfiado de algo e levou as mãos à testa de Selena. Algo o levou a pensar que a menina deveria estar febril, confirmando suas expectativas ao tocar-lhe a testa. Constanza ficou surpresa com aquele gesto e a intuição, olhando com um pouco de espanto para o Coronel, que lhe pediu para levar Selena a tomar um banho morno. Acompanhou-a, mostrando o local, abrindo pessoalmente as torneiras para encher a banheira com aqueles braços fortes, observados pela moça. Depois, providenciou-lhe um de seus roupões, informando que não teria roupas para a criança. Mas disse que, assim que amanhecesse, ela poderia pegar roupas novas para ela e para a criança no armazém. O Coronel orientou para que Constanza preparasse algo





posteriormente para que as duas se alimentassem na cozinha. Constanza, maternalmente dedicada como sempre, despiu a criança, que havia acordado assustada por não saber onde estava, e colocou-a na banheira, aguardando até que melhorasse do estado febril. Depois, aproveitou para banhar-se também, pois o frio que enfrentara para chegar ao casarão quase havia lhe congelado o corpo. Assim que saíram do banho, o Coronel conduziu-as para um quarto próximo ao seu. Notou que a mãe havia enrolado a criança em uma toalha, e que, ao encostar-lhe a cabeça no ombro, adormeceu novamente. Constanza decidiu por não acordar a filha para se alimentar, pois percebera que a menina estava muito cansada e não haveria problema algum em alimentar-se pela manhã. O Coronel acompanhou-a até a cozinha para tomar uma xícara de leite com café e comer um pedaço de pão. Constanza quis iniciar uma conversa para conhecer melhor aquele Senhor de Terras tão comentado nas redondezas, mas a curiosidade do Coronel foi mais aguçada, por isso a argüição foi maior da parte dele. Entre outras coisas, ele quis saber sobre o que acontecera e por quais motivos ela estava pedindo abrigo naquela comunidade. Constanza explicou que morava em uma comunidade a alguns quilômetros, mas que seu marido morreria após adoecer e contrair uma infecção generalizada. Após a morte do marido, passou a sofrer um maior assédio por parte do Senhor de Terras de sua comunidade, sendo perseguida após negar-se decididamente a deitar-se e manter relações com um homem pelo qual não sentia nenhum afeto. O inescrupuloso Senhor de Terras providenciou para que ela e sua filha fossem banidas daquela comunidade.

Percebendo o cansaço de Constanza, o Coronel insistiu para que fosse descansar. Entretanto, ela não quis. Achou o líder muito agradável e atencioso, desejando aproveitar ao máximo sua companhia. A madrugada avançou até que foram dormir. Ambos se empolgaram com a conversa, despertando uma empatia mútua à primeira vista.

No outro dia, o Coronel acordou assim que o dia amanheceu.





Independente do horário em que fosse dormir, possuía o hábito de acordar cedo. Vestiu-se e foi até a cozinha tomar o tradicional café que Janice sempre preparava pelas manhãs. Sentou-se em uma das cadeiras ao lado da mesa. Partiu um pedaço de broa e, enquanto tomava o café, permaneceu distante do mundo, pensando na conversa que havia tido com Constanza há poucas horas. Depois, pediu a Marlene, filha de Janice, para que, assim que as novas integrantes da comunidade acordassem, fossem conduzidas ao armazém para escolherem algumas roupas. Passou pela sala de estar, trocou seu par de chinelos de couro pelas botas de canos longos, sempre em um dos cantos da sala de estar muito próximas à entrada. Ao lado da estante, seu chapéu de feltro sempre permanecia pendurado em um cabide junto a um de seus sobretudos. Com a vestimenta completa, olhou para sua escopeta fixamente por alguns instantes. Resolveu pegar sua *Winchester*, encaixando-a em um comprido coldre amarrado nas costas, sustentado por uma alça de couro que cruzava o peito na diagonal. Era a forma mais comum de os membros daquela comunidade carregarem suas longas armas, moda influenciada involuntariamente pelo Coronel. O Coronel era o único que utilizava sobretudos pretos, pois, além de isto ter-se tornado uma característica própria, também servia para uma rápida identificação.

Após abrir a porta central do casarão, desceu as escadas e foi diretamente ao curral. Lá encontrou Emanuel, vulgarmente apelidado de “Asinino” por pessoas da comunidade, que alegavam que o mesmo possuía um enorme membro no meio das pernas, ao verem, certo dia, as suas calças rasgaram-se em montaria, deixando à vista de todos o órgão genital, que, mesmo não estando ereto na ocasião, era algo descomunal e, se levado à excitação, assemelhava-se ao órgão sexual de um asno. Integrantes da comunidade disseram que, às vezes, o flagraram tendo relações bizarras às escondidas com algumas éguas no curral. O Coronel tratava-o com muita gentileza e pelo nome de batismo, pois jamais gostou que apelidassem pessoas para serem alvo de deboche ou





coisa parecida. Quanto mais humilde fosse a pessoa, mais reconhecimento e atenção eram concedidos por parte daquele Senhor de Terras. O forte jovem negro era muito prestativo, estando sempre pronto a ajudar em qualquer tipo de serviço ou solicitação do Coronel. Deixava preparado o cavalo do líder logo que amanhecia, pois sabia que, em algumas ocasiões, o Coronel gostava de partir solitário para o alto de uma montanha para meditar.

O Coronel montou e partiu. Permaneceu muito tempo sentado debaixo de uma árvore, em uma espécie de peregrinação mental pelo passado, revivendo na memória muitas lembranças de Maria de Lourdes, tirada brutalmente de sua vida naquela terrível noite de emboscada. Ao retornar ao presente, descobriu que Constanza deveria ser a responsável por toda aquela reflexão, pois ela possuía, inclusive, algumas feições e, de certa forma, o modo de ser de sua ex-companheira. Não havia dúvidas de que o Coronel estava fascinado pelos encantos daquela linda mulher. Seu coração, após vários anos de desinteresse por alguma mulher, voltara a pulsar mais rápido com novo despertar da atraente chama da paixão. Ele apenas não entendia como uma força tão arrebatadora lhe surgira na alma em apenas algumas horas, da noite para o dia. Como aquela mulher em poucas horas havia conseguido ressuscitar sentimentos arraigados nas profundezas de seu coração, trazendo de volta aquele desejo ardente há tempos adormecido? O Coronel começou a sentir uma vontade que há muito não sentia. Uma motivação enorme de lutar pela vida e por seus ideais mais do que nunca se fazia presente. Entretanto, ele não cederia fácil aos seus desejos e travaria uma batalha interna. O Coronel sofrera demais ao perder Maria de Lourdes, assim lutaria com todas as forças que encontrasse para não se envolver novamente. Em sua mente, um novo amor poderia dar vida e entusiasmo aos seus dias, mas, ao mesmo tempo, poderia deixá-lo muito vulnerável em outros sentidos.

Já era quase meio-dia quando montou em seu cavalo a fim de





retornar para almoçar. Ao chegar ao casarão, percebeu que Selena estava na sala, impressionando-o sua beleza com o novo vestido. Assim como a mãe, a menina também possuía uma beleza exótica. O que mais lhe chamou a atenção foram os olhos claros e o carisma encantador que a criança revelava. Mesmo tendo ficado um pouco inibido ao se aproximar, Selena não fez cerimônia ao começar a questionar sem parar, matraqueando, indagando ininterruptamente e, até, fazendo perguntas indiscretas embora cômicas, coisas de criança. O líder achava graça e, aos poucos, sentiu-se à vontade com a menina. Começou a falar de uma série de fantasias que as crianças gostam de ouvir. Constanza observava tudo com um sorriso meigo e surpresa com a comunicação dos dois, que pareciam conhecer-se há anos. Em certas horas, ela tentava intervir, pedindo para que a menina não atordoasse o Coronel com tantas perguntas, mas este pediu para deixá-la à vontade. Assim que a refeição ficou pronta, todos almoçaram juntos, com exceção de Coraggio, que comumente saía cedo e só retornava à noite. Coraggio gostava de se alimentar nas casas de diferentes integrantes da comunidade, retornando ao casarão somente após saciar-se de tanto tocar violão com outros seresteiros em um botequim instalado naquela comunidade. Possuidor de uma simplicidade desmedida, independente do hóspede que recebesse, o Coronel sempre almoçava na cozinha, permitindo que Janice e Marlene o acompanhassem nas refeições à mesa. Mas, quando recebia visitas de outros Coronéis de comunidades aliadas, elas preferiam não se sentar junto a ele para não incomodar ou atrapalhar as conversas sobre qualquer assunto sigiloso que pudesse surgir.

A conversa durante o almoço continuou e foi bastante animada. Boas variedades de situações engraçadas sobre o que acontecia na comunidade foram contadas por Janice. Assim que todos se alimentaram, o Coronel foi para a sala descansar. Constanza o acompanhou, desejosa de saber em quais atividades ela poderia ajudar naquela comunidade, pois jamais se sentiria bem sendo





improdutiva. O líder já havia pensado em uma designação para ela, salientando ser uma tarefa de alta responsabilidade e bastante trabalhosa. Constanza haveria de auxiliar o Coronel na organização geral daquela comunidade, trazendo os principais problemas para serem discutidos e até sugerindo opiniões, no intuito de solucioná-los. Ela ficou radiante com a designação, fazendo várias perguntas sobre o povoado para saber como se desenvolvia o cotidiano. Todas as questões foram respondidas a contento, algumas de forma abrangente e outras, mais superficialmente, devido ao fato de não possuírem tanta relevância. O Coronel alegava que a importância das coisas existia conforme os valores atribuídos pela própria comunidade a cada situação. Depois de algum tempo conversando, o Coronel levou-a para conhecer a área central da comunidade, apresentando-a às pessoas que ali desempenhavam suas atividades. Constanza ficou impressionada com a estrutura disponível e começou a imaginar a responsabilidade de apenas um homem comandar tudo aquilo. É claro que existiam os anciãos, mas eles eram conselheiros e apenas opinavam, ajudando o Coronel a pensar quando os assuntos eram mais delicados. Após conhecer todos os armazéns, o local de ordenha e o local em que eram preparados os laticínios, o Coronel levou-a para conhecer as áreas onde eram realizados os atendimentos médicos e odontológicos. Depois, passaram à área de ensino, à biblioteca, ao Templo e a outras dependências. Aproveitou para pedir a Emanuel que providenciasse um dos melhores cavalos para que Constanza pudesse executar suas novas atribuições. Emanuel selecionou um cavalo branco da melhor qualidade. Constanza admirou o porte e a elegância do animal. Passou as mãos em sua crina e falou-lhe carinhosamente, surpresa e satisfeita com sua mansidão. Ficou grata com a atitude do Coronel. Ter um bom animal era essencial para locomover-se de forma mais rápida para melhor executar suas tarefas. Além disso, também serviria para que pudesse passear pelas terras nas ocasiões em que dispusesse de tempo livre.





Depois dos agradecimentos de Constanza, ambos montaram e saíram para cavalgar. O Coronel mostrou algumas áreas de plantio, a criação de bovinos, suínos e eqüinos. Aproveitou para apresentar algumas famílias e tentou transmitir da melhor forma qual era a extensão de seus domínios. Retornaram ao casarão apenas ao cair da tarde. Exausto, o Coronel tomou um banho relaxante, seguindo para sua cadeira de balanço para aguardar suas hóspedes para o jantar. Selena logo surgiu na sala, tomando a liberdade de sentar-se ao colo do Coronel. Ele se afeiçoou muito à menina. Assim que Constanza chegou à sala, todos foram para a cozinha, onde Janice havia deixado a comida pronta sobre uma parte aquecida do fogão a lenha. Jantaram e ainda conversaram sobre algumas idéias que poderiam ser implementadas na fazenda. Selena não tirava os olhos do Coronel e, em algumas ocasiões, contrariando a mãe, se intrometia na conversa. Depois foram para a sala, onde conversaram durante mais algum tempo, até que Selena acabou por adormecer no sofá, provavelmente cansada de tanto ouvir histórias sobre aquela comunidade. Quando partiam para os aposentos, Coraggio chegou ao casarão e foi apresentado a Constanza e Selena, que havia acordado quando o Coronel foi pegá-la no colo para levá-la ao quarto. O simpático jovem foi muito cordial e amistososo com ambas. Era o jeito de ser de Coraggio, sempre de bem com a vida e empenhado nas coisas que mais gostava de fazer. Destacava-se por ser alguém querido e sempre bem-intencionado.

Três meses se passaram, e Constanza havia se adaptado muito bem às novas atividades, executando-as com afínco e competência. Algumas vezes chegava mais tarde e deparava-se com Selena adormecida no colo do Coronel, ambos na cadeira de balanço. Selena era uma criança muito dócil em suas sete primaveras de vida, com um comportamento fácil de lidar, e era extremamente carinhosa com aqueles que a cercavam. Sempre ao chegar mais tarde, Constanza entrava nas pontas dos pés para não ser notada. O Coronel não gostava que ela avançasse o horário cuidando de





seus afazeres. Sorrateiramente, tomava um banho para depois ir até a cozinha se alimentar, voltando, em seguida, para acordá-los para irem repousar. Desde o início, interessou-se pelo Coronel, mas não compreendia como isto ocorrera, pois ainda carregava algum sentimento pelo seu ex-marido, que fora muito bom para ela. Durante as noites, chegava a sentir o seu corpo arder de paixão e desejo, mas não conseguia declarar-se para aquele que também possuía o mesmo sentimento, mas tentava lutar com todas as forças contra seus desejos, resistindo a dar o primeiro passo e entregar-se à relação. Olhares apaixonados ocorriam algumas vezes, mas, no momento de ir repousar, cada um acabava recolhendo-se aos seus aposentos. No entanto, chegou o dia em que Constanza não conseguiu mais conter seu desejo e decidiu que teria que se desfazer da inibição e dar o primeiro passo. Após ver o Coronel levar Selena no colo e ajeitá-la carinhosamente em sua cama, ela ficou estagnada olhando desejosamente para o líder. Ela sentia um fogo invadindo o seu corpo, que nem toda água do mundo poderia apagar. Até sua face, agora enrubescida, queimava, e uma força sobre-humana tomou conta de seu ser. Constanza sentiu que até sua genitália umedecera e somente aquele homem à sua frente poderia dar jeito naquela situação. Suas mãos tremiam levemente quando pegou com suavidade nas mãos daquele homem atraente e sedutor, sentindo o seu coração disparar. Tomou a iniciativa em dar um beijo, o primeiro beijo, e, para sua alegria, foi prontamente correspondida. Na ocasião, teve a sensação de que seu corpo entrara em ebulição da cabeça aos pés. Sem dizer uma única palavra, puxou-o pelos braços e levou-o em direção à cama de casal que havia no quarto dele. Ao lado da cama, beijava-o sem parar, desfazendo com uma das mãos o laço do roupão azul trajado por ele. Delicadamente, o roupão caiu ao chão. Impressionada com a forma física do Coronel, Constanza começou beijar o restante daquele corpo másculo e viril. Enquanto seus lábios percorriam partes do corpo do Coronel com beijos suaves, com as mãos ela acariciava as demais. Encantado e excitado,





o Coronel absorvia todo o carinho recebido. Constanza persistiu na investida, descendo com seus lábios sensuais, beijando a pele do Coronel até chegar ao seu membro, que agora segurava com uma das mãos, enquanto a outra permanecia segurando um lado das nádegas do Coronel. Ela sentiu aquele membro intumescendo até ficar completamente rígido. O Coronel possuía dotes medianos e Constanza friccionava seu membro em movimentos regulares, indo e voltando, sentido suas mãos deslizarem do início ao fim. Não suportando ficar apenas olhando, levou a boca em direção à glândula, realizando variadas e inesperadas carícias, o que deixou o Coronel mais repleto de volúpia. Percebendo que ambos estavam incontidos de desejo, Constanza conduziu-o a sentar-se na cama e prosseguiu, beijando-o das coxas aos pés. Depois levantou e permaneceu de pé, em frente ao Coronel. Desamarrou o roupão que a impedia de mostrar sua nudez e deixou o mesmo cair ao chão, exibindo toda a beleza de uma mulher com trinta e quatro primaveras, seus contornos, e deixando sua intimidade exposta bem à frente dos olhos daquele homem que parecia não acreditar no que estava vendo. Não resistindo, o Coronel levantou-se e pôs-se a beijá-la da cabeça aos pés, retribuindo voluntariamente todas as carícias que recebera anteriormente. Os belos seios de Constanza eram firmes, e os mamilos rosados, inclinados levemente para cima, fizeram com que o Coronel não resistisse à tentação de mordiscá-los carinhosamente. Isto a levou à loucura. Quando sua genitália foi tocada mais intensamente, os primeiros sussurros foram inevitáveis. Constanza estava com os pêlos do corpo todos arrepiados. Com as mãos nas nádegas de Constanza, uma mão de cada lado, o Coronel puxava aquela doce mulher algumas vezes para frente, de forma a querer absorver todo o néctar feminino que havia nas partes íntimas de Constanza. Era impossível continuar resistindo a todo aquele desejo. Assim, ela colocou as mãos delicadamente nos ombros do Coronel, incentivando que o mesmo se deitasse. Aquele homem sedento de amor já a havia levado ao orgasmo sem, ao menos, penetrá-la.





Constanza posicionou-se por cima do Coronel, já deitado, e, com as pernas semi-abertas, fez com que a ponta daquele membro vigoroso finalmente se encaixasse em sua vulva. Agora sua feição era do mais puro desejo, extremamente sensual. Aquele homem parecia implorar, sem dizer uma só palavra, para que ela não demorasse a soltar seu corpo até que ocorresse a penetração total. E assim o fez, soltando um grande gemido na ocasião. Sua genitália sentiu aquele volume todo penetrar de uma só vez. Suas partes íntimas sentiam uma vibração que era transmitida pelo corpo todo, vibração que se assemelhava a um movimento sísmico. Segurando com mãos firmes o peito do Coronel, pressionava-o sistematicamente, deixando-lhe alguns vergões avermelhados. Com ambos os órgãos genitais lubrificadas pelas preliminares, cada movimento executado de ida e vinda era de um prazer indescritível. O Coronel sentia o leve impacto sincronizado do corpo daquela bela mulher desabando sobre o seu. Ambos não iriam agüentar muito tempo até explodirem em êxtase. Assim, se entregaram ao amor plenos de libido, emitindo todos os sons que a volúpia propiciava naquelas ocasiões, até que, enlouquecidos, não agüentaram mais, e o prazer total chegou com uma explosão. Constanza liberou um grito de prazer na ocasião do orgasmo, o melhor orgasmo que já havia tido em sua vida até o momento, ocasião em que o Coronel sentiu suas energias canalizadas percorrem o interior de seu membro até jorrar na fonte dos desejos. O corpo do Coronel chegou a projetar-se para frente, e emitiu um forte gemido. O movimento foi tão inesperado que quase lançou Constanza para trás, mas, quando percebeu que isto poderia acontecer, soltou rapidamente as mãos do peito do Coronel permitindo a aproximação, aproveitando para selar o clímax sentido simultaneamente por ambos com um beijo na boca. O casal ficou impressionado com o prazer gerado, ambos permanecendo de certa forma assustados ao olhar a feição um do outro. Ao mesmo tempo em que ficaram perplexos de certo modo, simultaneamente estavam muito felizes com o olhar de





satisfação e cumplicidade no ato realizado. Com o corpo ainda trêmulo pelo prazer, Constanza soltou-se, caindo na cama bem ao lado do Coronel. Ainda pareciam não compreender o que ocorrera. Aquele sentimento transcendeu todas as expectativas, parecendo dois amantes que não se encontravam há várias vidas. O desejo obtido na relação foi tão bom que continuaram a fazer amor várias vezes até o dia amanhecer. A partir daquele dia, Constanza passou a dormir todas as noites com o Coronel, vivenciando intensamente uma lua-de-mel como se o mundo fosse acabar nos próximos instantes. Algumas vezes, os seus órgãos genitais chegavam a ficar inchados e doloridos pelo excesso de relações, mas, quanto mais se amavam, mais queriam amar. Era algo compulsivo! Um simples toque das mãos de Constanza no Coronel já era o suficiente para deixá-lo enlouquecido de desejo. Constanza, por sua vez, só de ouvir a voz sedutora daquele homem em seus ouvidos, sentia o seu desejo brotando prontamente no vão de suas pernas.

Com o passar do tempo, Constanza também foi ganhando consideração na comunidade. Em princípio, foi um pouco difícil o entendimento ou a interação com algumas pessoas, mas, aos poucos, com um jeito único e especial, acabava incutindo na mente das pessoas que o que era mais importante e coerente deveria ser feito. Alguns diziam que ela era um pé-de-boi para trabalhar, pois sempre estava disposta a resolver os mais inusitados problemas, doando o melhor de si e colocando-se como voluntária para resolver a maior parte dos casos. O Senhor de Terras estava bastante satisfeito com a atuação dela, que muito contribuía com a difícil tarefa de administrar uma comunidade com aquelas dimensões. Alguns poucos que temiam pedir algo ao Coronel, muitas vezes por receio dos mitos gerados pelas ações do líder que exigiam punho, outras pela simples vergonha de chegar diretamente a ele, realizavam o pedido através de Constanza, que sempre se prontificava em intermediar, ajudando a encontrar uma solução para cada assunto. Era uma mulher ímpar. Depois que o





Coronel ensinou-lhe algumas técnicas de tiro, ele a presenteou com a sua mais estimada e conservada *Winchester* espanhola. Este simples ato fez com que o respeito dos membros da comunidade aumentasse ainda mais por ela, pois os integrantes começaram a entender a consideração que o seu líder possuía por Constanza.





CAPÍTULO V

TAYNARA

Coraggio tornara-se um dos maiores amantes da natureza que havia nas redondezas. Nos últimos tempos, dera para explorar algumas partes das terras, decidindo empenhar-se em desvendar os segredos da floresta, sempre repleta de encantos, vida por todas as partes, uma diversidade de tons e melodiosos sons, enfim, todas as maravilhas concedidas aos seres humanos pela mãe natureza, natureza esta que fora destruída de maneira assustadora, principalmente no século anterior. O jovem queria decifrar os segredos e conhecer os caminhos da mesma maneira que seu pai já o fizera anteriormente. A floresta de mata fechada chegava a ser perigosa. Em algumas circunstâncias, investir mata adentro poderia ser fatal. Lá ainda existiam jaguatiricas, onças suçuaranas e outros bichos peçonhentos. No entanto, Coraggio aprendera a lidar com essas ameaças sem jamais ter que usar sua arma ou retirar seu facão para se defender de qualquer espécime daquele lugar maravilhoso. Ele sabia que os animais só atacavam os homens quando se sentiam ameaçados. Quando isto não ocorria, a harmonia entre homens e animais era sempre perfeita, podendo viver e compartilhar aquele imenso espaço, sem necessidade de conflitos. No começo, vez por outra, Coraggio chegou a perder-se naquela imensa selva, chegando a dormir na própria mata até que voltasse a amanhecer. Mas nem por isso se estressava, ajeitando-se debaixo de alguma árvore frondosa para passar a noite. Sempre recostava a cabeça em tronco, de forma que o caule estivesse perto de sua cabeça. Fazia isto para evitar que algum felino, por sentir-se ameaçado ou por defesa do território, o atacasse pela retaguarda durante o repouso. Não sabia se isto tinha fundamento, pois ouvira de alguns antigos que felinos atacavam





as pessoas pela retaguarda, na maior parte das vezes. Crendice ou não, na dúvida, não custava nada seguir os conselhos da cultura popular.

A floresta apresentava várias clareiras em seu interior, permitindo que, em dias de clima estável, as estrelas pudessem ser observadas. Com o tempo, Coraggio começou a demarcar os locais em que passava, juntando pequenas pedras sobre pedras um pouco maiores como referência, rejeitando fazer pequenos sinais nas árvores com o facão, como era o costume de alguns. Colocar pedras sobre pedras causava menos impacto à natureza do que pequenos cortes em árvores, e, desta forma, Coraggio tinha como se orientar. No caso de ficar perdido pelas trilhas, tinha como retomar um rumo ao encontrar as pedras. Procurava sempre retornar pelos lugares em que já havia passado anteriormente, evitando fazer outros caminhos para não causar danos à natureza. No início, o jovem chegou a andar em círculos, mas, com o tempo, aprendeu a caminhar na mata.

Em certas circunstâncias, cruzou as matas em um único sentido, almejando chegar ao enorme lago que permanecia após a floresta, próximo à reserva dos índios. Depois de caminhar um bom tempo, acabou chegando ao local desejado. Assim que avistou o lago, a tarde chegou rapidamente. Coraggio abasteceu seu cantil com a puríssima água e depois se alimentou com um pedaço de carne-de-sol colocada em uma velha bolsa, sempre que estava empenhado em explorações como aquela. Levava alimentos que não pereciam facilmente, sendo alguns destes envoltos com sal, para permanecerem conservados por mais tempo. Depois de dessalgá-los e nutrir-se com suas guarnições, próximo a uma grande árvore na densa relva, estendeu uma manta acolchoada que lhe servia como forração para dormir. Em seguida, pegou uma lona fina para armar uma espécie de tenda. A noite nem chegara de vez, e aquele jovem cansado pelas suas andanças dormia de forma plácida e serena. Era uma bela noite de lua cheia. Em uma das extremidades da floresta, local em que se encontrava, a





luz do luar tocava-lhe a face tranqüilamente enquanto sonhava. De repente, um barulho diferente dos que estava acostumado ouvir acordou-o subitamente. Assustado e com o coração batendo forte, o jovem começou a olhar ao redor. Não muito distante, ele percebeu que alguém havia se atirado nas águas. Rastejou e posicionou-se de forma que pudesse ver o que estava acontecendo sem ser notado. O enorme lago apresentava forma irregular e, naquele local específico, a outra margem não estava tão distante. Existia uma enorme pedra e a pessoa certamente se posicionara em cima da mesma para saltar na água, considerando o barulho propiciado pelo mergulho e as ondulações consideráveis. Atento e com a luz da lua cheia a clarear a noite como se fosse apenas um dia de nuvens escuras, Coraggio não demorou a perceber que uma linda índia submergia. Reparou que seus enormes cabelos longos fluviavam sobre as águas límpidas e que a índia nadava de um jeito sutil e delicado.

O que levava uma índia a banhar-se àquelas horas da noite? Não sabia, mas, à luz do luar, aquilo deixava um clima romântico no ar. Coraggio ficou observando-a por um longo tempo, até que, nua, a bela índia saiu das águas para secar-se naturalmente sentada em uma das pedras. Os olhos de Coraggio pareciam não acreditar no que via. Uma mulher, parecendo namorar a lua com contornos impressionantes, desnuda bem à sua frente. O jovem permaneceu acordado e à espreita, até que a bela jovem partiu com alguns adornos que recolhera do chão para cobrir parte de sua nudez. Coraggio não sabia em qual circunstância seu coração batera mais forte; se quando acordou assustado com o barulho do mergulho ou com a partida da índia que acabara de entreter-se. Decidiu que permaneceria acampado para vê-la mais vezes. Notou que a bela índia aparecia todas as tardes para banhar-se, algumas vezes com outras índias aparentemente mais novas, pois ainda não tinham corpo de mulher. Entretanto, assim que mudou a lua, durante as noites a índia que aparecia solitária não apareceu mais, ficando claro que ela só nadava durante as noites de lua





cheia. Os alimentos estavam acabando e Coraggio começou a se alimentar de algumas raízes que sabia não produzirem nenhum mal à saúde. Sua fixação pela índia era tanta, que não queria partir rumo ao centro da comunidade sem vê-la, pelo menos, por mais uma vez. Até que, certo dia, a índia apareceu sozinha durante a tarde, como ocorria às vezes. Ao vê-la nadando, Coraggio percebeu que uma sucuri estava nadando em sua direção. Não sabia se era rota da grande serpente ou se ela poderia estar seguindo alguma correnteza. De toda forma, existia uma probabilidade de que a sucuri atacasse a índia. Coraggio somente conseguia avistar a enorme cabeça serpenteando pelo lago. Não havia outro jeito a não ser matar a serpente. Rapidamente, pegou sua espingarda e debruçou-se sobre o galho de uma árvore. Tinha que dar um tiro certo, pois já estava muito próxima da índia, que, de costas, não via nada. Mirou e concentrou-se, lembrou-se rapidamente das técnicas que o pai lhe ensinara, até que, no momento certo, o disparo foi efetuado, atingindo em cheio a cabeça da serpente. A índia tomou um susto enorme, saindo rapidamente da água enquanto muitos pássaros ainda alvoroçados se dispersavam na mata. Aturdida, ela olhou para aquele jovem inclinado sobre a árvore. Quando estava para juntar seus pertences do chão e sair correndo, Coraggio gritou:

— Calma! Não corra!

No ímpeto, ela desejou correr, mas algum motivo a deixou imobilizada. Ainda estava muito assustada.

— Eu atirei para salvá-la! — disse Coraggio, descendo da árvore e soltando a arma no chão. — Como se chama?

A resposta não veio. Coraggio achou que ela não ainda não havia entendido o motivo do disparo, pois, quando o projétil atingiu a cabeça da serpente, a mesma afundou, de forma que não estava à vista da índia. Coraggio mergulhou e deu algumas braçadas até chegar perto da sucuri. Depois levantou a cabeça da serpente para que seu ato pudesse ser entendido. A índia assustada levantou as mãos, colocando-as nas faces. Agora, sim, ela havia





compreendido os fatos. Coraggio saiu das águas e aproximou-se dela, que, inibida, ainda pensava em fugir. Ele insistiu:

— Não tenha medo, não vou fazer-lhe mal algum! Só atirei para salvá-la!

A índia olhava atentamente e não sabia o que fazer, até que disse umas palavras que Coraggio não conseguia entender. Provavelmente estava falando em alguma língua nativa, transmitida através das gerações indígenas. Coraggio voltou a abordá-la:

— Não entendo o que fala, mas sei que você deve falar a minha língua. Qual o seu nome?

— Taynara... — e a voz saiu-lhe com um sussurro trêmulo.

— Taynara! Eu me chamo Coraggio — disse ele, estendendo a mão.

A bela índia estendeu a mão até tocar na de Coraggio. Mas, depois, partiu em disparada, provavelmente em direção à sua tribo. O jovem permaneceu estático. Estava tão encantado que demorou um tempo para dar-se conta de que, finalmente, se aproximara daquela linda morena. Resolveu voltar para o centro da comunidade e preparar-se para permanecer mais tempo nas matas da floresta, acampado no mesmo lugar em que descobrira a existência de Taynara.





CAPÍTULO VI

CORONEL JEREMIAS CONSTANTINO

Há alguns quilômetros dali, um grito aterrorizador interrompeu o silêncio matinal. Coronel Jeremias, arquiinimigo do Coronel Valente, acordara como sempre mal-humorado. Eis um homem ruim para diabo nenhum colocar defeito. Se existisse alguém digno de ser o maior representante do mal no planeta Terra, este era ele, e não havia ninguém para poder superá-lo. Tratava-se de um homem arrogante, egocêntrico, egoísta, portador de péssimos hábitos, e que sofria de transtorno obsessivo compulsivo. Seus gritos faziam com que as pessoas ao seu redor tremessem. Antes que voltasse a dar outro grito, Dona Ronilce, sua esposa, apareceu assustada e perguntou:

— O que foi? — disse a mulher, completamente trêmula.

— Quero minhas botas! Quem deu sumiço nelas? — gritou o homem.

— Estão no mesmo lugar de sempre — disse Dona Ronilce, humildemente.

— Como no mesmo lugar de sempre?

— Estão no lugar que você as deixou.

— O que você quer dizer com isto? Quer dizer que estou ficando louco?

— Não estou querendo dizer nada disto! Você se esqueceu de que deixou suas botas na sala antes de ir para cama? — arriscou.

Ele não pensou duas vezes. Levantou as mãos para esbofeteá-la, quando sua filha, Berenice, apareceu no meio com as botas nas mãos, evitando que ele batesse na mãe mais uma vez sem nenhum motivo. O rude homem, exasperado e impaciente, soltou um som esquisito, parecendo um animal urrando insatisfeito pelas





ventas. O homem tomou abruptamente as botas de cano longo das mãos da filha e saiu, bufando, porta afora. Mãe e filha entreolharam-se sem dizer uma palavra, até que ele se afastasse. Dona Ronilce olhou com gratidão para a filha, que, aliviada e ao mesmo tempo inconformada, disse:

— Você está louca? Já não falei para não tentar discutir com ele? Não sabe que não é bom do juízo?

— Eu sei, minha filha, mas nem fiz nada para ele! Todos os dias a mesma coisa. Não estou mais agüentando esta vida.

— Eu sei que você não está agüentando! Na verdade, ninguém o agüenta mais aqui nesta casa. Mas você vai querer continuar sendo espancada sem motivos? Sabe que ele é louco e sempre esquece coisas. É melhor não discutir e ir pegar logo o que ele estiver procurando ou querendo — disse Berenice.

— Mas, minha filha... Já me esqueci da quantidade de vezes que apanhei sem ao menos provocá-lo. Você bem sabe disso!

— Pois é, minha mãe, eu também não agüento mais vê-la neste estado, mas o que fazer?

— Algumas vezes chego a pensar que seria melhor morrer logo de uma vez. Confesso até que tenho pensado que dar um fim em minha vida. Seria um alívio para mim.

— Jamais diga uma coisa destas, mãe! — disse Berenice, com lágrimas nos olhos e voz embargada. — O que será de mim e meu irmão sem você?

Ambas se abraçaram, chorando, momento em que João Otávio, o jovem irmão de Berenice, entrou na sala e presenciou mais uma vez a cena que ele estava cansado de vivenciar. Dona Ronilce criava os jovens filhos com muito amor e ternura, por isso, com exceção do Coronel Jeremias naquela casa, tudo era praticamente perfeito.

O Coronel Jeremias pegou seu cavalo selado e foi fazer uma vistoria em sua comunidade. Possuía alguns jagunços maquiavélicos de confiança que sempre o acompanhavam, mas nenhum que fosse mais malvado e vingativo. Nas épocas em que estava mais





perturbado, era um perigo para qualquer um que causasse desconfiança ao péssimo líder. Certa vez, deu um tiro no rosto de um de seus empregados, simplesmente porque não gostou do modo como o pobre coitado olhou para ele. Outra vez, torturou durante uma semana um de seus homens porque colocou na mente que era um traidor que levava informações ao Coronel Valente. Ao término dos sete dias de tortura, serrou o homem ao meio com uma motosserra, na presença de vários membros da comunidade, para deixar bem claro que aconteceria o mesmo a qualquer um que o traísse. Era um homem cruel, parecia não ter alma. Alguns diziam que era filho de Lúcifer. Outros o denominavam a própria encarnação do mal. A comunidade do Coronel Jeremias não estava em crescimento, mas, de toda forma, ele vivia arquitetando um jeito para tomar as terras do Coronel Valente, mesmo não tendo necessidade de estender seus domínios. Conspirava incansavelmente por todos os cantos de suas terras. Perturbado, desejava, dia após dia, descobrir uma forma de tomar posse da comunidade de seu maior inimigo.

Mas nem tudo era ruim na comunidade do Coronel Jeremias e seus temidos jagunços. Parte do povo, encarregada de cuidar das tarefas rotineiras da comunidade, era boa. Naquela comunidade existiam dois jovens namorados que pareciam permanecer alheios a todos os acontecimentos. Apaixonados, só pensavam em se casar. Um amor belo de se ver e difícil de se encontrar em qualquer canto. Gesuel e Terência eram carismáticos e muito queridos naquela comunidade. Esforçados junto às respectivas famílias, estavam começando a reunir tudo o que fosse necessário para celebrar a união tão desejada. Uma casa estava sendo erguida para abrigar os dois. Nos momentos livres, quando Gesuel não estava a serviço, cuidando do gado da comunidade, dedicava-se à tão sonhada construção da casa. Terência era uma bela moça virgem. As mulheres admiravam muito o fato de a jovem querer manter-se casta até o dia do casamento, uma coisa raríssima para a época. Alguns homens sabiam do fato de Terência estar-se reservando





para seu noivo, e a olhavam com ares de safadeza, desejando possuí-la em sua intimidade. Terência não dava confiança, pois era uma moça séria, com o coração repleto de amor e paixão pelo seu amado. Ela ajudava Dona Tamara nos afazeres da cozinha na casa do Coronel Jeremias. Sua beleza era observada maliciosamente pelo próprio Coronel, o que causava arrepios na jovem Terência só de imaginar aquele homem rude e barba malfeita olhando para ela com segundas intenções. Muita gente daquela comunidade sonhava em ir embora dali. Entretanto, viver nas cidades era muito pior, e dificilmente seriam aceitos em outra comunidade. De um modo geral, todas já reuniam uma quantidade ideal de pessoas. O ingresso exigia passar pela seleção do líder, comumente rigorosa, para atender às necessidades de sua gente. Alguns poucos tentavam se arriscar, mas não conseguiam êxito em ser aceitos em outra comunidade. Quase nenhum Senhor de Terras das redondezas aceitava pessoas que desertavam as terras do Coronel Jeremias; afinal, poderiam ser espiões implantados para conspirar e querer o domínio das terras. O Coronel Jeremias, por sua vez, mandava matar qualquer um que tentasse abandonar a comunidade sem sua ordem. Por isso, alguns membros, que não se conformavam com viver sob o domínio daquele Senhor de Terras sem escrúpulos, tinham que se sujeitar e se conformar, submetendo-se a viver confinados naquele lugar. A encarnação do mal não deixava transparecer os verdadeiros motivos, mas, na realidade, o rude Coronel Jeremias não desejava perder pessoas, pois precisava delas para a manutenção de suas terras, e para o ataque ou a defesa da comunidade que julgava ser apenas sua. Os poucos que conseguiram fugir sabiam que aquele era um caminho sem volta, pois tentar retornar depois seria morte certa. Para estes que, mesmo assim, se arriscavam a fugir, restava, na maior parte das vezes, viver nas cidades, o que não era nada bom, devido aos infindáveis problemas lá existentes.





CAPÍTULO VII

SELENA

Alguns anos se passaram e Selena começou a tomar corpo de moça após o catamênio. Com apenas doze primaveras, suas formas deixavam muitos varões atentos e desejosos, embora nenhum deles ousasse chegar perto, em respeito ao Coronel Valente. Selena fez algumas amizades e freqüentava a escola da comunidade. Entre suas principais amigas, estavam Rebecca, Rubiana, Paládia, Jesebel, Elisanda, Marla, Lavínea e Ingrid. Todas praticamente com a mesma idade, com exceção de Ingrid, que era um pouco mais velha, já margeando as quinze primaveras. A exemplo de todas as moças da comunidade, Selena admirava muito o Coronel Valente, achando-o um verdadeiro herói. Entretanto, na passagem da puberdade para a adolescência, os hormônios estavam mexendo com o organismo da jovem. Uma confusão se fez em sua mente e ela acabou por se apaixonar pelo Coronel, algo de certa forma comum entre as jovens daquela comunidade, que também o admiravam. As moçoilas costumavam se reunir para falar a respeito do Coronel. Selena era a líder dos comentários e todas escutavam com atenção, não permitindo interrupções das demais. Afinal, era ela a que vivia mais próxima do assediado Senhor de Terras.

Selena estava alerta e acompanhava a vida do Coronel com sua mãe. Procurava ficar o mais produzida possível, desejando ser notada por ele, que amorosamente dispensava carinho por ela. Em algumas ocasiões, procurava imitar a mãe e assemelhar-se o máximo a ela. Afinal, o Coronel gostava tanto de Constanza que também poderia despertar interesse por ela, considerando a similaridade. Através das conversas com suas amigas, descobriu que o Coronel já havia tido relações com moças da comunidade,





embora jamais com alguma daquela idade. Com o tempo, Selena estava inteirada de todos os acontecimentos do casarão. Sabia da rotina de todos, horários, comportamentos, e assim por diante. Descobriu, inclusive, que a paixão do casal parecia interminável e que, além de algumas noites, Constanza e o Coronel não raro costumavam fazer amor pelas manhãs. A porta do quarto do casal possuía um estilo antigo, fechando uma e depois a outra como complemento. Entretanto, a mesma estava com a madeira empenada e não se fechava por completo, deixando uma fresta que permitia ver o que acontecia em seu interior. Quase todas as manhãs, a jovem Selena acordava e, sorrateiramente, com os pés descalços, ia espiar para ver se o casal estava fazendo amor. Por várias vezes, atingiu o seu objetivo vendo os corpos nus em seus relacionamentos mais íntimos. O Coronel e Constanza nem desconfiavam de que Selena poderia estar acordada naquele horário. Sabendo disto, sem inibição alguma, observava o casal mantendo relações nas mais variadas posições, o que a deixava excitada e ainda fazia o seu corpo arder em brasas. Certo dia, após presenciar uma relação amorosa do casal, retornou para a cama como sempre fazia. Sentindo que sua genitália umedecera, levou instintivamente a sua mão delicada até a mesma, tirando a sua roupa íntima inferior para maior liberdade. Selena usava sempre camisolas transparentes não muito longas, acima dos joelhos. A jovem deitou-se, então, e começou a acariciar o clitóris avantajado que herdara da genética materna, descobrindo, naturalmente, como podia se estimular e obter o prazer solitário. A partir daquele dia, os seus sonhos e desejos em relação ao Coronel ficaram mais intensos ainda, fantasiando estar inclusive no lugar de sua mãe nas relações que ela presenciava às escondidas. A moça delirava, chegando a gemer e revirar-se várias vezes na cama de tanto desejo. Este desejo tornou-se incontrolável com o tempo, e ela parecia estar ensandecida, enlouquecida de paixão pelo Coronel. Algumas vezes, na comunidade, chegou a ter ataques de ciúmes em relação a algumas outras moças que o cobiçavam, chegando às vias de





fato, esbofeteando uma e rolando no chão de terra. Tudo isto passou invisível aos olhos da mãe e do Coronel, que ainda viam Selena como criança, e não uma moça que começava a sentir desejos e paixão.

Selena sabia que, depois que o casal mantinha seus relacionamentos amorosos no início do alvorecer, o Coronel costumava cair em seu sono mais profundo. Já Constanza, banhava-se rapidamente, tomava o seu café da manhã e saía para cavalgar. Antes de envolver-se com Constanza, o Coronel acordava na alvorada e logo estava procurando afazeres na comunidade. Como Constanza passou a ajudá-lo em muitas atividades, não era tão necessário levantar cedo. Além do mais, quando o Coronel fazia amor pela manhã, gostava de relaxar e tirar aquele cochilo, pois o achava muito bom para recuperar as energias. De toda forma, o sono do Coronel não se estendia muito e o horário em que ele acordava ainda era considerado cedo por muitos. Geralmente, este cochilo profundo durava cerca de apenas meia hora. O processo de relaxamento do corpo é algo natural após o ato sexual, principalmente para os homens. Em uma destas ocasiões, sabendo que a mãe já havia saído, Selena entrou no quarto para ver o Coronel nu o mais perto possível. Abriu a porta que não fechava totalmente, e de modo silencioso, se dirigiu até próximo da cama onde o Coronel repousava. Observou-o dos pés à cabeça, olhando de perto cada detalhe do seu corpo. Selena sentiu forte vontade de tocar o corpo do Coronel com as mãos, esticando-as delicadamente, e tocando suavemente aquelas firmes nádegas. Depois deslizou cautelosamente suas mãos, que se assemelhavam a uma pluma, até atingir as coxas dele. Incontida, tocou no peito do Coronel com muita leveza. Podia sentir o calor e a energia subindo por suas mãos. Olhou para o membro, que, depois da relação, encontrava-se adormecido. Sentiu uma vontade enorme de tocá-lo. Tratava-se de uma parte sensível, e o Coronel poderia acordar. Mesmo assim, a curiosidade e a vontade eram tantas, que a moça decidiu arriscar-se. Dirigiu a mão com todo





cuidado. O membro caberia em suas mãos por não estar ereto, embora estivesse um pouco inchado devido à relação matinal com Constanza. Selena tocou a espessa camada de pele do órgão sexual do Coronel, sentindo uma textura suave e que parecia muito sedosa. Mas, quando estava para segurar o membro de uma forma melhor, o Coronel virou-se para o outro lado. Assustada, com receio de que o Coronel acordasse e a pegasse ali, deu as costas e saiu sem fazer alarde, pois já se arriscara demais, mesmo estando ele adormecido em sono profundo. Ao chegar próximo à porta, mais uma vez olhou para aquele corpo esbelto. Suspirou e depois saiu com o coração ainda batendo forte.

Em certas circunstâncias, o desejo ardente pelo Coronel e possível traição à sua mãe causavam-lhe sentimentos de culpa. Nestas ocasiões, Selena dirigia-se até o templo e pedia perdão pelo que acreditava ser pecado. Mas, assim que ela se deparava com o Coronel, os desejos vinham à tona novamente e, de maneira descontrolada, sua mente a traía com os pensamentos mais loucos que podiam surgir em sua intimidade. Chegou o dia, entretanto, em que ela não agüentou. Precisava fazer alguma coisa para que o Coronel a olhasse como se olha uma mulher, e não uma garotinha criada debaixo de uma espécie de asas protetoras. Sabendo de todos os horários das pessoas que habitavam o casarão, Selena resolveu mostrar suas belezas de moça ao Coronel. Por volta das cinco horas da tarde, Janice e Marlene iam sempre embora, deixando o jantar pronto no fogão a lenha com uma leve brasa, só para manter a comida aquecida. Este era o horário em que o Coronel costumava voltar ao casarão, cerca de uma hora antes de sua mãe chegar. Por volta das quatro e meia da tarde, Selena tomou um banho de vinte minutos, partindo depois em direção ao seu quarto. Deixou a porta semi-aberta e pôs-se a se enxugar. Estava completamente nua quando ouviu Janice e Marlene fechando a porta principal do casarão ao irem embora. Não demorou muito e a mesma porta se abriu. Com certeza era o Coronel, pois os passos dele ressoavam pelo chão de madeira. O barulho dos passos





era uma coisa tão normal aos que habitavam o casarão, que passava despercebido para quem se locomovia. Entretanto, Selena o ouvia se aproximando e sabia que ele deveria olhar para dentro do quarto em que estava, pois este se encontrava no final do corredor e muito próximo ao seu quarto. Sem olhar para a porta para não cruzar o seu olhar com o do Coronel, completamente nua, Selena pôs-se a passar um óleo no corpo, que as mulheres pediam para os homens adquirir na cidade na troca por alimentos. Era um óleo que atuava com uma unção de fragrância cativante e promovia benefícios à pele. Ouvindo que os passos se aproximavam, ela notou que os mesmos diminuíram de ritmo até parar o próximo à porta do quarto do casal. O Coronel levou as mãos à maçaneta para abrir a porta que nunca ficava fechada por completo. Reparando que os passos não continuaram, Selena agora tinha quase certeza de que o Coronel deveria estar olhando para ela. Sem olhar para o lado, continuou espalhando o lubrificante protetor pelo corpo, acariciando os seios firmes, depois deslizando as mãos até o abdômen firme, passando pelas virilhas e pelos belos par de pernas. Realmente o Coronel ficou olhando a jovem deitada na diagonal da cama com a cabeça encostada em dois travesseiros que permaneciam apoiados na parede, na qual a cama ficava encostada. Reparou que aquela criança estava se tornando uma moça muito bela e formosa. Pela primeira vez, admirou-a com olhar de homem. Observando detalhadamente, notou que as partes íntimas da jovem já possuíam alguns pêlos. Na verdade, o Coronel ficou pasmado com aquela cena totalmente inesperada, mal sabendo que Selena estava fazendo aquilo intencionalmente para ser notada. Aturdido por alguns instantes, seus instintos naturais de homem começaram a entrar numa espécie de ebulição, momento este em que abriu a porta de seu quarto e fechou-a rapidamente, encostando-se atrás da mesma. Aflito, olhou para o teto e ficou perturbado por olhar para Selena vendo-a como mulher. Decidiu que tentaria tirar tudo aquilo de suas lembranças de qualquer forma, só não saberia como, pois instintivamente





todos os seres humanos acabam armazenando imagens como estas na mente ao longo da vida. Selena, por sua vez, vestiu-se alegremente com sua camisola transparente. Com um sorriso no rosto, sabia que tinha atingido o objetivo. Daquele dia em diante, aquele projeto feminino em forma de moça sabia que o Coronel não a veria mais como criança, mas como uma jovem candidata à mulher.

Constanza chegou pouco tempo depois do ocorrido. No quarto, percebeu o Coronel um tanto distante e um pouco confuso. Perguntou:

— Tudo bem com você?

— Tudo...

— Não parece. Aconteceu algo?

— Nada demais. Só algumas preocupações...

— Com a comunidade?

— De certa forma, com algumas pessoas.

— Algo que possa me contar?

— Não é necessário. É coisa minha! — disse o Coronel.

— Tem certeza de que não deseja se abrir comigo?

— Não é nada que mereça a sua preocupação, pode ficar tranqüila.

— Está bem... — disse ela, desconfiada e sem entender.

Selena aproveitava as ocasiões festivas na comunidade para ficar abraçada ao Coronel. As outras moças se corroíam de inveja. Constanza achava bonito, pois carregava consigo que sua filha via aquele homem como um herói. Ela acreditava que Selena nutria por ele apenas uma espécie de afeto paternal. De vez em quando, Selena lançava um olhar apaixonado ao Coronel, mas ele aprendeu a conviver com isto e não dar muita importância. Acreditava que era coisa da idade. O mesmo acontecia com as outras meninas, e, mais hora menos hora, aquilo acabaria passando. Algumas vezes Selena se irritava com o descaso do Coronel, ou seja, queria ser notada e desejava que algo acontecesse entre os dois. Ficava possessa outras vezes e até tentava se afastar da convivência.





Entretanto, isto não perdurava por muito tempo, pois virava e mexia, encontrava-se pensando no Coronel e voltava a delirar em fantasias. Em seus desejos mais íntimos, queria mesmo era seduzir o Coronel, pois seduzida por ele a jovem já se sentia. Sonhava em beijar-lhe a boca e se via na cama jogada nos braços dele, trocando palavras românticas. Mas nada disso acontecia. Sua mãe tinha forte presença na vida daquele homem, e, mesmo com o passar do tempo, ele prosseguia enfeitiçado por Constanza, não restando a menor probabilidade de apaixonar-se por outra mulher. Ambos eram muito apegados e tinham uma relação intrínseca. Como nem tudo são flores, algumas vezes brigavam. Ficavam muito mal-humorados nestas situações, até que acabavam por juntar-se novamente. Constanza tinha ciúmes do assédio de muitas mulheres bonitas. Este era o motivo das brigas na maioria das vezes. Entretanto, o Coronel não levava a sério os conflitos por causa de ciúmes, e estas brigas geralmente acabavam na cama, pois o desejo que um sentia pelo outro era grande demais, uma atração descomunal, algo fora dos limites da compreensão humana. Um havia nascido para o outro e a ligação entre o casal parecia ser do astral, transcendental. Constanza não resistia ao Coronel. Bastava ele chegar perto, e ela sentia seu corpo arder em desejo. Tudo neles se encaixava de forma surpreendente, desde o corpo até os pensamentos. Selena continuava observando o casal em suas relações pela fresta da porta algumas vezes, o que a deixava mais aturdida ainda, com tontura de tanta vontade e desejo de ser possuída pela primeira vez pelo homem de seus sonhos.





CAPÍTULO VIII

O COTIDIANO

Coraggio agora vivia na floresta, tentando uma aproximação maior com a bela índia, e acreditava que, em breve, conseguiria avanços neste sentido. Tornara-se um apaixonado desconcertante, e, quando raramente aparecia na comunidade, todas as pessoas percebiam que o jovem carregava um olhar romântico. Entretanto, não se abria com ninguém, pois sabia que era determinadamente proibida a aproximação entre membros da comunidade e os indígenas, ordens do próprio Coronel. Tocava as mais variadas músicas sobre amor e paixão no boteco com os seresteiros. Nestas poucas vezes em que vinha para a comunidade buscar alguns alimentos na área central, tomava as melhores cachaças e, depois, sofria calado. A música em forma de versos era a sua única forma de desabafar aquele amor incandescente que lhe esquentava o peito e parecia corroer-lhe a alma. A aproximação de Taynara estava sendo muito lenta, uma conquista morosa. Ele esperava os dias em que ela aparecia sozinha para banhar-se no lago, pois outros membros da aldeia não poderiam vê-lo para não causar alarde. A bela índia era filha de Guaracy, matriarca que controlava toda a aldeia. Possuía três irmãs menores, Guanayna, Guanayra e Guayçara. O problema maior era que Taynara estava prometida para o jovem Raoni, um índio da aldeia com quem ela deveria se unir em breve. Taynara não podia quebrar a tradição imposta pela mãe, mas também sofria calada, pois se afeiçoara a Coraggio, o seu salvador. Mesmo assim, ambos se cortejavam às escondidas. Nas noites de lua cheia, Taynara mantinha o ritual de banhar-se nas águas, ocasião em que Coraggio fazia-lhe companhia. No entanto, nada acontecia além de beijos românticos à luz da lua,





pois a índia tinha que se preservar ao costume antigo de entregar-se somente ao futuro companheiro. Era um amor proibido que deixava muitas vezes ambos entristecidos por não poderem relacionar-se e, até, realizar o enlace.

Na comunidade, havia uma casa de mulheres da noite. O Coronel não gostava muito da idéia, mas existiam homens que não queriam compromissos e necessitavam saciar seus desejos incontidos. O Senhor de Terras colocou algumas regras para que o local pudesse funcionar. Não era permitida bebida alcoólica naquele recinto, a música jamais deveria estar em volume alto e as mulheres tinham que ser discretas para não perturbar a paz e ordem existentes na comunidade. A casa era gerenciada por uma velha senhora conhecida como Valentina, que geralmente ganhava dos homens alguma coisa produzida na comunidade para trocar por perfumes e adornos na cidade, apetrechos que distribuía posteriormente entre as integrantes da casa, conforme a atuação de cada uma na noite. Emanuel vivia rodeando a casa de mulheres da noite, mas, com ele, ninguém queria manter relações por saberem ser portador de uma enorme espada de ébano. Algumas vezes, Valentina arriscava-se a fazer-lhe uns agrados. Sua idade e seus anos atuando como mulher da noite deixaram-na um pouco flácida em suas partes íntimas, mas, de toda a forma, não se arriscava a ficar debaixo na hora da relação com Emanuel, preferindo controlar a penetração por cima do jovem negro. Certa vez, Emanuel ofereceu a Valentina um garrote que ganhara de presente do Coronel. Em troca, desejava ter relações com uma moça da comunidade, que, desgostosa com a vida, se integrou ao grupo das mulheres da noite. Valentina aceitou, pois a troca do garrote poderia render vários adornos na cidade. A moça não sabia de nada sobre os dotes de Emanuel nem poderia ser avisada, estas eram as condições tratadas. No quarto um tanto escuro, a moça nem tinha idéia do que estava por vir. Emanuel deixou propositalmente só uma janela aberta de vidraças, com a luz da lua a iluminar o ambiente. Pediu para que a moça tirasse a roupa





e se deitasse. Depois, de costas, tirou a roupa. Quando se virou, a moça viu apenas um vulto balançando em sua direção. Desconfiada, ficou em estado de alerta. Impressionadíssima, quando teve certeza de que o que viu balançando era o membro daquele que estava iniciando a penetração, rapidamente segurou no meio do membro do rapaz com as duas mãos firmemente, evitando que Emanuel tentasse inserir o resto de seu órgão. Mesmo assim, a parte introduzida era grande demais, resultando em fortes gritos por parte da moça. Do lado de fora, Valentina e as outras mulheres da noite se entreolharam ao ouvir os gritos, imaginando o que estava acontecendo. A moça soltou uma das mãos rapidamente e, com o braço, fez muita força até que Emanuel caiu de lado na cama. A jovem correu nua pelo quarto, pulou a janela e nunca mais quis ser mulher da noite, retornando para sua casa. Desconsolada, Valentina teve que devolver o garrote para Emanuel, afinal o serviço não fora completo.

Selena estava cada vez mais enlouquecida com aquela paixão que lhe consumia as vísceras. A paixão pelo Coronel fez com que aprontasse algumas rebeldias para a sua mãe, até então coisa da idade para Constanza. No entanto, chegou o dia que Selena tomou uma erva em quantidade excedente e desmaiou, tendo que ser levadas às pressas ao médico da comunidade. Na ocasião, o Coronel ficou muito triste com o fato e foi visitá-la. Conversaram um bom tempo. Ela apertou a mão do Coronel e o fitou com olhar de cumplicidade. Logo apresentou melhoras e voltou à convivência no casarão. Mas, depois de um tempo, Selena quis chamar a atenção, acabando por se envolver afetivamente com Marla, uma jovem reprimida e que, ultimamente, apresentava-se deprimida, atravessando uma fase muito problemática em que não confiava com ninguém, nem com a própria Selena. Quando os conflitos de Marla ficavam intensos demais, ela se recolhia para orar no Templo. Entretanto, voltava mais esquisita ainda. Melhor que não tivesse ido, pensava Selena. Quando Constanza soube que a relação de Marla com sua filha ultrapassava





os laços de uma boa amizade, ficou inconformada a princípio, mas, com o passar do tempo, começou a se habituar. Marla, por sua vez, ao sentir que Constanza apresentou certa resistência ao relacionamento homossexual, começou a sentir raiva. O Coronel não dava muita importância para as peripécias de Selena, não tinha preconceitos e, para ele, tudo não passava de outra forma de Selena tentar chamar a atenção ou curiosidades da idade. No século XXII, havia bem mais mulheres do que homens, pois muitos homens morriam em conflitos, sem falar que o índice de natalidade de crianças do sexo feminino era bem maior que a natalidade do sexo masculino, desde o século anterior. Assim, não era incomum encontrar no mundo mulheres que possuíam como companheiras outras mulheres. Quando isto não acontecia, um homem tinha mais de uma mulher. A comunidade do Coronel Valente era mais voltada para a união em família com um certo equilíbrio na quantidade de homens e mulheres. Existia um número maior de mulheres, mas não chegava a ser tão grande assim. Os casos homossexuais que pudessem acontecer passavam despercebidos, devido a serem muito discretos. O que o Coronel nem podia imaginar é que, nas relações íntimas entre as duas jovens, Selena fechava os olhos e imaginava estar sendo acariciada por ele. Havia-se tornado homossexual, mas o seu desejo íntimo era ser heterossexual. Isto alimentava um grande conflito em sua mente de adolescente.

Ezequiel Malta, o sacerdote, continuava a tomar conta do Templo. Não faltavam beatas e alguns carolas para ajudar nas atividades. Ele usava túnicas longas com capuz durante o dia todo. Por algum motivo, o Coronel não se afeiçoara a ele, mas não intervinha em nada relativo à religião. Algumas vezes, deixava o Templo nas mãos dos fiéis por poucos dias para orar em comunidades vizinhas.

Tudo transcorria na mais perfeita ordem e a comunidade prosperava de vento em popa. O Coronel Jeremias estava quieto demais ultimamente, algo estranho. Por isso, Isaías e José





Bonifácio, grandes amigos do Coronel, procuraram-no para uma conversa. Isaías, bom homem e marido de Janice, com o tempo de convivência e confiança adquirida com o Coronel, tinha passe livre no casarão. José Bonifácio não se sentia bem em ter tamanha liberdade, mas era um homem em que o Coronel confiava até de olhos fechados, uma raridade em se tratando daquele Senhor de Terras que já havia passado por várias emboscadas. Chegando ao casarão, Isaías se antecipou ao Coronel, cumprimentando-o primeiramente e depois dizendo:

— Como está o senhor, Coronel?

— Vou bem e vocês?

— Bem! — disseram Isaías e José em uníssono.

— Sentem-se! — disse o Coronel, apontando duas cadeiras antigas, enquanto sentava-se em sua tradicional cadeira de balanço

— Então... Quais os motivos que os trazem até mim? — prosseguiu.

— É que estamos preocupados, Coronel. Este silêncio do Coronel Jeremias não lhe parece estranho?

— Confesso que também tenho achado sinistro e ando ressabiado. Ele nunca ficou tanto tempo sem entrar em conflito para tentar tomar posse da nossa comunidade. Se bem que, da última vez, acabou levando a pior e pode ter colocado as barbas de molho.

— Nós sabemos... — disse José Bonifácio, balançando a cabeça positivamente — Entretanto, conversando estes dias com Isaías e outros membros da comunidade, chegamos à conclusão de que algo não está cheirando bem.

— Pois é! — disse o Coronel, concordando — O que vocês acham que está acontecendo?

— Bem... — disse Isaías, com uma pausa mais longa, refletindo — Sabendo como é o Coronel Jeremias, ele deve estar preparando uma emboscada daquelas.

— É possível... É bem possível! — disse o Senhor das Terras — O que vocês acham que ele está pretendendo fazer?





— Aí é que está a questão, Coronel. Nós não temos a mínima idéia, mas como o senhor sempre nos ensinou, temos que tentar antever os passos do inimigo — concluiu Isaías.

— Vocês têm razão! Aquele abutre sanguinolento deve estar à espreita para aprontar alguma coisa!

— Por isso o procuramos aqui, Coronel. Queremos uma sugestão.

Um silêncio tomou conta da sala por alguns instantes, enquanto o Coronel pensava. Os dois amigos se entreolhavam à espera de uma resposta, até que o Coronel respondeu:

— Não é de meu feitio iniciar um conflito partindo de nós contra o Coronel Jeremias. Como sabem, nossa comunidade tem extensão suficiente para que possamos viver bem. Mas mantenham-se alertas! Formem um discreto grupo, revezando-se próximo à fronteira com as terras daquele infeliz. Permaneçam atentos a tudo e a qualquer movimento.

— Sim senhor, Coronel! É mais prudente assim! Ficaremos de olho — disse Isaías concluindo.

Levantaram-se e se despediram. O Coronel ficou por lá reflexivo. Realmente, o Coronel Jeremias estava quieto demais, coisa que não era de sua índole. O romance com Constanza o havia deixado dispersivo com relação a estas questões, esquecendo-se um pouco de seu rival e inimigo. Estava na hora de ficar alerta; coisa boa não deveria estar por vir.





CAPÍTULO IX

GESUEL E TERÊNCIA

Finalmente, o casamento de Gesuel e Terência estava a poucas semanas de ocorrer. Eram os únicos da comunidade do Coronel Jeremias que pareciam viver em outro mundo, não prestando muita atenção aos acontecimentos e às maldades daquele rude Senhor de Terras. A construção da casa de ambos havia sido concluída e a comunidade, de certa forma, observava aquele amor na tentativa de esquecer a frustração que era viver debaixo do autoritarismo brutal de um homem que comandava todos como se fosse dono dos que ali estavam. A amor de Gesuel e Terência era belo, inocente. Ambos sonhavam e suspiravam pelos cantos, imaginando o tão esperado dia do enlace. Não gostavam de morar ali e, algumas vezes, pensaram em fugir. Mas sabiam que dificilmente teriam as portas abertas em outra comunidade. O jeito era continuarem vivendo subordinados àquela aberração conhecida como a encarnação do mal.

Certo dia, ouvindo por trás das paredes próximas à cozinha, hábito comum do Coronel Jeremias, devido ao fato de desconfiar de todos, ficou sabendo da virgindade de Terência. A cozinheira, Dona Cilene, estava dando orientações sobre a noite de núpcias, pois a mãe da noiva, muito simples, era acanhada demais para aquelas coisas e também não tinha a mínima condição de orientá-la neste sentido. Terência era uma jovem muito bonita e já havia se deparado com os olhares maliciosos do Coronel Jeremias, que, diga-se de passagem, não gostava nada de ver a alegria do casal de jovens. Aliás, desde que se entendia por gente, não gostava de ver a felicidade de ninguém. Após a encarnação do mal ouvir a conversa inteira entre as duas, aguardou alguns instantes e, depois,





entrou na cozinha como se nada tivesse ouvido. Pediu, então, para Terência lhe servir um chá por volta das dez e meia da noite. Sem que o homem percebesse, entreolharam-se rapidamente Terência e Dona Cilene, achando estranho o Coronel pedir chá a uma hora daquelas, visto que aqueles que lá viviam também dormiam e acordavam cedo. Entretanto, ninguém ousava questionar uma ordem do homem.

Inocentemente, por volta do horário marcado, o chá estava pronto e Terência foi servi-lo. Todos dormiam no casarão, e somente o Coronel Jeremias aguardava Terência. Com a bandeja nas mãos, a moça entrou na enorme sala. Ao colocar a bandeja sobre uma pequena mesa, ouviu a porta se fechando atrás dela. Sem se virar, sentiu sua espinha gelar. Presentiu que algo ruim estava para acontecer. Lentamente virou-se, observando o momento em que o Coronel trancava a enorme porta de saída. Pálida e apavorada, a moça imaginou que aquele homem a repreenderia por algo, mas seria muito pior. Com um olhar sarcástico, o brutamontes se aproximou. Somente quando mais perto, a ingênua Terência percebeu nos olhos maliciosos dele quais eram suas reais intenções. A moça tentou esquivar-se da primeira investida, mas era tarde demais. Sentiu uma força brutal agarrar-lhe por um de seus braços. Solto um grito naquele momento, mas o mesmo ficou abafado entre as paredes espessas. A encarnação do mal sacou um revólver, encostando-o na cabeça de Terência e dizendo que, se não se comportasse, ele lhe estouraria os miolos. Agarrou os longos cabelos com força e, depois, a empurrou, fazendo com que a parte superior do belo corpo da moça permanecesse debruçado sobre uma mesa redonda de madeira. Os pés ainda tocavam o chão, mas suas pernas tremiam. A encarnação do mal colocou a arma na mesa e, com a outra mão, levantou a saia do vestido da moça, rasgando-lhe abruptamente as roupas íntimas. Terência tentou inclinar o corpo para se levantar, mas o animal a empurrou com toda força contra a mesa. A jovem nem sabia atirar, mas, no intuito de defender-se





,tentou alcançar o revólver, porém sua posição não era propícia, momento em que foi fortemente esbofeteada com as costas de uma das mãos do maldito. Não restava outra coisa a fazer, a não ser chorar, quando, com o canto dos olhos, observou que o homem desabotoava as calças. Fechou os olhos para não ver o que aconteceria, parecendo não acreditar no pesadelo que não demorou. Sem nenhuma piedade, o Coronel Jeremias bruscamente introduziu o seu membro na genitália da moça, e ela soltou outro grito lancinante pelo romper abrupto de seu hímen. Não havia lubrificação, pois a moça não sentia desejo por aquele que agora a estuprava. Mesmo assim, a encarnação do mal prosseguiu a violentá-la sem parar. A princípio, a pobre moça gemia de dor, fato que causou maior excitação naquele animal, fazendo com que ele aumentasse a velocidade do coito. Terência sentia-se invadida com um facão que adentrava uma bainha que não lhe pertence. A jovem moça desesperou-se até que não agüentou mais e entrou em estado de choque, parecendo ter morrido com lágrimas no rosto. Mesmo assim, o maldito prosseguiu, até que conseguiu descarregar todo o seu esperma dentro da moça. Quando terminou de gozar, soltou a mão que segurava a jovem pelos cabelos, a mesma que a forçava a permanecer de bruços sobre a mesa com a anca virada para cima. Assim que a soltou, a parte frontal do corpo da moça que estava sobre a mesa escorregou como uma folha de papel, fazendo Terência desabar no chão. Caiu por não ter forças nas pernas e porque estava realmente em estado de choque. Seus olhos não fechavam e as lágrimas pareciam estar cristalizadas sobre a sua face. A encarnação do mal chacoalhou o membro e depois levantou suas calças com naturalidade. Com um olhar sacana, ainda olhou para Terência largada ao chão. Pegou sua arma e soltou um sorriso cínico ao dar as costas e sair pela porta. Depois foi direto para seu quarto dormir, como se nada houvesse acontecido. O cérebro da moça ainda registrou estas últimas imagens do Coronel, mas sem nenhuma reação imediata.





Quem conhecia profundamente a encarnação do mal sabia que ele não sentia o mínimo remorso por suas maldades. O Coronel Jeremias acreditava estar acima do bem e do mal, assim como alguns políticos corruptos que viveram no século XXI. Fazia as suas próprias regras sem ouvir ninguém e, se alguém ousasse atravessar o seu caminho, deparava-se com a morte. Terência saiu do estado de choque depois de vinte minutos, e sentiu suas lágrimas voltarem a escorrer pelo rosto. Ainda permaneceu mais um tempo largada ao chão, pois suas pernas não encontravam forças. Quando finalmente conseguiu se levantar, toda trêmula, saiu cambaleando pela sala, partindo para sua casa. Sentia uma enorme dor física por ter sido deflorada, mas não se comparava à dor que atingira seu pudor naquele atentado violento que acabara de sofrer. Estava enojada e revoltada. Adentrou seu quarto e fechou-se na escuridão. Tanta expectativa aguardando a tão esperada noite de amor com seu amado e, agora, todos os sonhos e fantasias vieram por água abaixo. A moça chegou a pensar se não seria ideal que o homem a tivesse matado de vez. Não queria mais se casar e trancou-se no silêncio de seu quarto. Não queria falar com mais ninguém, fossem seus pais ou seu noivo.

No outro dia, não foi trabalhar no casarão, nem nos demais. O Coronel permaneceu indiferente quando Dona Cilene o avisou que a moça não aparecia para cumprir as funções diárias. Mandou procurar outra pessoa para ajudá-la nos afazeres. Depois de muita insistência, o noivo de Terência conseguiu uma conversa com ela, pois não entendia o que estava acontecendo. Gesuel perguntou:

- Meu amor... O que está acontecendo?
- Nada!
- Como nada? Estava tudo tão bem e de repente...
- Não sei se devo falar... — respondeu, ainda resistente.
- Precisa se abrir comigo, Terência. Não quer mais se casar comigo?
- Você não tem culpa de nada. Não é você.





— O que é então? O que a aflige tanto?
— É que... — e Terência desabou a chorar compulsivamente.
— Calma... Por favor, não chore! Eu preciso saber o que está acontecendo — disse Gesuel, abraçando-a ternamente até que o emocional da moça parcialmente voltou a se estabilizar.
— É que eu fui violentada por aquele animal! — disse ela, depois de tomar coragem e respondendo em um só fôlego.
— O quê? Você foi o quê?
— Fui estuprada por aquele demônio imundo!
— Aquele amaldiçoado fez isto com você?
— Fez... Foi horrível! Ele acabou com meus sonhos! Minha vida nunca vai ser a mesma e tenho ódio de tudo o que aconteceu! Preferia ter morrido!

Uma lágrima de revolta desceu dos olhos de Gesuel, que se manteve abraçado à moça por alguns instantes. Terência sentiu-se mais aliviada por ter aberto o coração para seu noivo e falado tudo o que havia se passado. Depois, em um ataque de fúria, o rapaz saiu atordoado, passando em sua casa para pegar uma das armas de seu pai, seguindo até o casarão do Coronel Jeremias. Colérico, Gesuel chegou gritando, querendo saber o paradeiro do Coronel. Inexperiente, não sabia que o bom cabrito não berrava. Os gritos fizeram com que aquela aberração mundana ficasse estrategicamente à espera de sua presa. Ao abrir a porta da sala, sem a mínima chance, Gesuel levou um tiro na parte frontal da cabeça, desabando imediatamente no chão, não havendo mais reflexos para reagir. Ao saber deste acontecimento, uma integrante da comunidade foi até Terência e contou que seu noivo tinha sido morto pelo Coronel Jeremias. Não resistindo, Terência pegou uma corda e dirigiu-se para uma árvore no alto do morro, enforcando-se. Mesmo que desconfiados de que, naquele episódio de morte do casal, havia o dedo do Coronel Jeremias, ninguém ousava falar nada sobre o acontecido. Para todos, o Coronel disse que agiu em legítima defesa quando o jovem entrou gritando para matá-lo. Ressaltou que mataria da mesma forma qualquer um que





tentasse afrontá-lo. A cada dia que passava, as reações daquele homem bruto só pioravam. Raramente tomava banho e suas feições ficavam cada vez mais feias com o passar do tempo. Seu mau hálito qualquer dia faria abutres baixarem dos céus à procura de carniça. Os pais do casal foram os únicos que tentaram esmiuçar algumas informações, mas chegaram à conclusão de que os verdadeiros fatos morreram junto com o casal. Somente uma pessoa não tinha dúvidas sobre o que havia acontecido, Dona Ronilce. Pois, na manhã posterior à noite em que Terência fora violentada, Dona Ronilce havia encontrado uma peça íntima rasgada em um canto do chão da sala, presumindo rapidamente o ocorrido, e escondendo silenciosamente a roupa, com o intuito de um dia revelar à família o que havia acontecido.





CAPÍTULO X

DIAS FUNESTOS

Após três anos se passarem, não havia nada de novo debaixo do sol ocorrendo na comunidade do Coronel Valente. Os acontecimentos eram rotineiros. Mesmo depois de um tempo, seus homens continuavam cabreiros com o silêncio do Coronel Jeremias. Como nada acontecia, relaxaram a vigilância na fronteira e voltaram para suas casas. Contudo, quanto mais o tempo passava, mais desconfiavam de que algo ruim estava para acontecer. Até que, certo dia, o Coronel acordou com um sentimento estranho, após o sono profundo das manhãs. Constanza sagradamente saía para cavalgar pelas pastagens todas as manhãs, ocasião em que aproveitava para fazer algumas reflexões. Depois, acostumou-se a voltar ao casarão para cortejar rapidamente o companheiro, saindo, em seguida, para cuidar de suas atribuições na comunidade. Naquele dia, Constanza não voltou. Percebendo que as horas avançavam, o Coronel saiu à sua procura, perguntando inicialmente se alguém tinha visto sua companheira. De todos a quem perguntou, ouviu a mesma resposta. Haviam visto Constanza pela manhã. Assim, o Coronel partiu imediatamente em direção à pastagem, à procura de sua amada. Vasculhou o amplo lugar, até que avistou apenas o cavalo que dera à sua companheira. Chegando mais perto, começou a sentir um temor imensurável. Um sentimento esquisito lhe tomou o corpo, até que, próximo de uma árvore, seus temores tomaram dimensões alarmantes e uma sensação de pavor o invadiu. Com a arma na mão, desceu de seu cavalo, pisando na pastagem que se apresentava um pouco alta por causa das últimas chuvas. Cautelosamente, foi caminhando em direção à árvore, onde havia alguns arbustos,





próximo de um mato alto. De repente, o Coronel sentiu o seu mundo desabar. Um arrepio lhe percorreu o corpo inteiro ao ver Constanza estirada no chão. Talvez tivesse distraidamente colidido com um dos galhos da árvore ao cavalgar. Correu em direção ao corpo dela e, ao aproximar-se, entrou em pânico. Começou a acreditar, pela segunda vez, que o universo conspirava contra ele. Constanza estava morta! O Coronel parecia não acreditar naquele fúnebre destino que a vida lhe pregara mais uma vez.

— De novo, não! — repetia ele em voz alta.

Ajoelhou-se e reparou que sua companheira havia sido estrangulada e que houvera luta. Havia hematomas no corpo de Constanza, principalmente nos braços e no pescoço. A *Winchester* estava dentro do coldre junto à sela do cavalo, mas sumira um pequeno punhal todo trabalhado, com o qual a presenteara e que ela sempre portava ao sair do casarão. Certamente, não teve tempo de reagir. Achou esquisito, pois a pastagem naquele lugar permitia uma boa visão em quase todas as direções. Uma hipótese começou a lhe passar pela mente, tendo em consideração que Constanza não sacou a *Winchester*. Começou a desconfiar de que quem se aproximou dela deveria ser uma pessoa conhecida, alguém da própria comunidade. Se fosse alguém estranho, certamente Constanza teria sacado a arma, ainda mais naquele lugar, que permitia visibilidade total. Algo muito estranho estava acontecendo! Por fim, o Coronel abraçou-a com lágrimas descendo ininterruptamente por seu rosto, e começou a se recordar do que acontecera com Maria de Lourdes. Abalado, o líder começou a conversar em voz baixa com Constanza, sussurrando nos ouvidos de sua falecida companheira, pedindo-lhe perdão por não ter conseguido protegê-la. Falava como se ela ainda estivesse ali e pudesse escutar as suas palavras. Foi encontrado no início da tarde por homens de sua comunidade que o procuravam, alguns que inclusive estiveram presentes quando o encontraram abraçado com a falecida Maria de Lourdes. Muitos não agüentaram e, emocionados, puseram-se a chorar.





Outros desceram do cavalo e foram prestar-lhe consolo. Depois de muita insistência, Isaías conseguiu fazer com que ele soltasse Constanza de seus braços e o tirou dali. A tarde avançava lentamente, e o Coronel parecia estar em transe. Com um último olhar, não muito distante dali, o Coronel avistou a cerca da divisa entre as terras de sua comunidade com as do Coronel Jeremias. Sua intuição dizia que, de alguma forma, aquele verme tinha algo a ver com o acontecido, embora levado a crer que o assassino estivesse dentro de sua própria comunidade.

Seus homens trataram de levar o corpo de Constanza. Quando retornaram, algumas pessoas que se encontravam no centro da comunidade estavam aflitas e pareceram não acreditar no que estavam vendo. A marcha natural do cavalo do líder trazia o Coronel à frente, seguido de todos com cabeça baixa. Apresentava a feição de alguém completamente arrasado; era indescritível expressar sua aparência. Logo mais atrás, seus homens o acompanhavam. Um dos cavaleiros puxava a maca levemente inclinada com o corpo de Constanza. Uma fila se abriu para que os homens passassem. As mulheres choraram ao ver a moça. O Coronel não tinha mais nenhuma reação. Próximo ao centro da comunidade, Isaías mandou os homens pararem. Ajudou o Coronel a descer do cavalo e o acompanhou até o casarão. Depois, pediu para que levassem Constanza ao médico legista. Se aquele dia havia sido fúnebre, muitas noites negras ainda estavam por vir.

A comunidade velou Constanza por dois dias. Um produto impediu que o corpo entrasse em estado de decomposição. No século XXII, as pessoas eram veladas nuas, sem nenhum objeto pessoal ou roupa, sendo enterradas da mesma forma como vieram ao mundo. Apenas as belas flores escondiam a nudez de Constanza. Selena permaneceu no velório, junto a outras mulheres da comunidade, dormindo no ombro das senhoras quando não agüentava mais ficar em pé. Chorava muito, assim como muitos outros da comunidade. Selena, por algum motivo, sentia remorso,





talvez pela má-criação que fizera à mãe em várias ocasiões, talvez por desejar o homem que a sua geratriz também amava e desejava, talvez por ser incapaz de compreender os seus próprios sentimentos. A comunidade compareceu em peso para despedir-se de Constanza. Filas se formavam em alguns horários. O Coronel não teve forças para comparecer ao velório. A única coisa que conseguiu foi levantar-se na hora do enterro, dirigir-se até a janela do casarão e ver o féretro passando com o ataúde, levando Constanza para ser enterrada. Ezequiel Malta vinha logo à frente, conduzindo um grupo que orava. Atrás do sacerdote, seguia o corpo, carregado pelos melhores amigos do Coronel, e, após, uma longa fila de membros da comunidade que cantavam uma melodia muito triste. O único gesto que o Coronel conseguiu fazer foi um aceno de despedida para Constanza. Não emitiu um som sequer. A sua forma de despedir-se foi assim, triste e dolorosa. Quando o grupo terminou de passar, o Coronel se dirigiu para sua cadeira de balanço, a mesma em que permanecia desde que encontrara falecida a sua companheira, e se recolhera ao casarão. Sentou-se e continuou ali, sem dizer uma só palavra. Calado, sentiu o seu universo em desequilíbrio.

Uma chuva incessante começou a assolar a comunidade por várias noites. Imagens perturbadoras passavam pela mente do Coronel sem parar. Lembrava-se de Maria de Lourdes e, depois, de Constanza, ambas mortas por crueldade do destino. Sentia-se um verdadeiro incapaz por não ter conseguido proteger suas amadas. Quando o cansaço, por fim, o fazia pegar no sono, logo acordava suando frio com pesadelos. Começou a delirar com uma febre que o perseguia durante os dias e as noites. Tudo aquilo eram sintomas causados pela dor da perda de seu amor.

Para terminar de complicar, o alarme soou na comunidade. Um ataque do Coronel Jeremias se iniciara. Os amigos do Coronel foram até o casarão e tentaram conversar com ele, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Parecia continuar em transe. Os amigos entenderam seu estado, e muitos se sensibilizaram. Outros ficaram





aprensivos e não aceitavam a idéia de ir para a batalha sem o líder à frente dos conflitos. Vendo o Coronel naquele estado de penúria, Selena passou a cuidar dele, ocasião em que Marla se afastou. Com uma bacia d'água, incessantemente colocava um pano na testa do Coronel. Quando, muito cansada, encolhia-se e deitava-se em uma poltrona da sala. Acordava de madrugada, e colocava um cobertor sobre o Coronel. As senhoras e moças da comunidade se uniram em vigília para orar pela melhora de seu Senhor. Revezavam-se, orando dia e noite em torno do casarão. Algumas seguravam velas acesas e trajavam preto em respeito ao luto, desde a morte de Constanza. Incansavelmente oravam e, mesmo quando não cabiam todas em torno da varanda do casarão, persistiam do lado de fora com a chuva incessante que se arrastava pelas noites, muitas vezes seguida de um frio quase insuportável.

Com muito custo, Selena, Janice e Marlene levaram o Coronel para seu quarto. Ele não dizia uma palavra e suas pernas ajudaram meio que sem saber para onde ir. A febre não passava de jeito algum, mas Selena preferia que ele permanecesse deitado, aguardando seu restabelecimento. Um dia, a febre atingiu um nível tão alto que ela pensou que ele não resistiria. Com muito custo, apoiou-se debaixo de um dos braços dele e o levou para banheira. Mais uma vez, as pernas do Coronel ajudaram, sem ter ele certeza alguma de onde estava indo. Banhou o Coronel durante horas, entre febre e calafrios, sem notar qualquer outra reação de melhora por parte dele. Quando a febre voltou a um estágio suportável, novamente conseguiu conduzi-lo até a cama, e ele adormeceu. Selena também pegou no sono. Na madrugada, acordou com a voz do Coronel e percebeu que ele falava com alguém. Olhou ao redor, mas não viu ninguém. Reparou que era um diálogo entre ele e Constanza. Como Selena não acreditava em espíritos que voltavam para falar com vivos, ficou preocupada com o estado de sanidade do Coronel. Achou que a última febre alta tinha-lhe afetado as faculdades mentais. Enquanto Selena só ouvia a voz





do Coronel, ele ouvia as respostas de Constanza. Inflammada de dor, Selena ouviu somente a fala do Coronel:

— Constanza... Por que partiu e me deixou? — disse ele.

— Eu não parti porque quis, meu amor! — respondeu Constanza, e apenas o Coronel escutava.

— Eu sou culpado, não deveria deixar você morrer!

— Você não tem culpa alguma! Foi a vida que quis assim!

— Esta vida me amaldiçoou com a mesma sina! Quem fez isto com você?

— No momento certo, você descobrirá, meu amor. Você precisa se recuperar.

— Mas eu preciso saber! Eu preciso saber! Quem foi? — disse ele, aflito.

— Não posso revelar. O destino lhe dirá, acalme-se...

— Como posso ficar calmo se você me deixou? Quero sair deste tormento! Por que você não me leva com você?

— Eu não posso... O nosso povo ainda precisa de você.

— Mas eu não quero viver sem você! Eu não sei viver sem o seu amor! — disse Valente, com lágrimas no rosto.

— Eu não o abandonarei. Eu estarei aqui, bem perto, até você se recuperar.

O Coronel voltou a adormecer. Algumas vezes, recebia a visita de Constanza em sonhos, mas a maior parte das vezes a recebia acordado. A imagem de sua amada lhe trazia desespero certas vezes, mas, freqüentemente, dava certo conforto para suas feridas e lhe servia com um bálsamo. A relutante febre continuava, e o Coronel não se perdoava por ter perdido o seu amor. Em devaneios, começou a desconfiar da autoria de algumas pessoas de sua comunidade no assassinato de Constanza. Entretanto, a sua intuição aguçada havia ficado turva com todos aqueles acontecimentos. Quem seria o assassino ou, até mesmo, a assassina? Alguém próximo ou distante de sua pessoa? Poderia ser qualquer um, até os aparentemente mais confiáveis.





Meses se passaram, e o Coronel Valente não havia se restabelecido. Na fronteira, os homens lutavam em suas trincheiras, atrás dos montes, rochas e árvores. A situação era dramática e os ventos começaram, pela primeira vez, a ficar favoráveis ao Coronel Jeremias. Os homens da encarnação do mal lutavam com unhas e dentes. Acreditavam que, se houvesse expansão dos domínios do Coronel Jeremias, o mesmo não teria olhos para cuidar de tudo e oprimir todos, aliviando a pressão sobre eles e suas famílias. Do outro lado, em maior número, mas sem o líder à frente para coordenar o grupo, alguns homens da comunidade do Coronel Valente começaram a perder suas vidas. Diante desta situação caótica, José Anastácio pediu ao colegiado de anciãos o direito de ser o líder do grupo e coordenar as batalhas travadas na fronteira. O grupo concordou, restringindo a permissão ao tempo que levasse para o Coronel Valente se recuperar. Como não havia nenhum sinal de melhora, José Anastácio tornou-se líder interino, passando a coordenar as batalhas. Alguns que sabiam da ambição de José Anastácio até acreditaram que ele faria de tudo para vencer a batalha contra o Coronel Jeremias, visando a ser o líder definitivo após a vitória. No entanto, algo estranho continuou a acontecer. Mesmo com José Anastácio coordenando a batalha, homens ainda estavam a morrer. As orações destinadas ao Coronel Valente continuavam atravessando os dias e as noites chuvosas, sem nenhum sinal de recuperação do líder.





CAPÍTULO XI

O BANIMENTO

As coisas já não iam nada bem quando uma reclamação chegou a um dos simpatizantes que fazia parte do grupo de José Anastácio. Era a matriarca da aldeia indígena, comunicando que sua filha, Taynara, não queria mais se casar com Raoni, devido a ter se apaixonado por um rapaz da comunidade, o qual, através da descrição, o homem logo percebeu tratar-se de Coraggio. O mensageiro, apelidado de mequetrefe, capanga de José Anastácio, estava na parte central da comunidade, pegando bolsões de água para levar para a tropa, e apressou-se a informar o líder interino. Em uma tenda armada, não muito próxima da fronteira, Coronel José Anastácio recebeu a notícia com alegria. Os ventos estavam a seu favor, pois acreditava que o Coronel Valente, em pouco tempo, seria carta fora do baralho; o líder jamais se recuperaria e não demoraria muito a perder a posição de Senhor de Terras daquela comunidade. Para José Anastácio, isto era apenas uma questão de tempo. Agora, com esta notícia, tinha tudo nas mãos para banir o possível sucessor do Coronel Valente. José Anastácio ordenou ao mensageiro, que constantemente trazia e levava informações da comunidade em época de conflito, que o avisasse assim que Coraggio retornasse ao cento da comunidade.

Dois dias depois, recebeu a notícia de que Coraggio estava na comunidade em busca de alimentos. José Anastácio deslocou-se rapidamente até o centro da comunidade, reunindo pessoas e os anciãos. Depois, foi ao encontro de Coraggio, que, ao ver aquele grupo de pessoas se aproximando, ficou apreensivo. As pessoas o rodearam junto a José Anastácio, que indagou:

— Onde estava, rapaz?





— Na floresta...

— O que fazia lá? — indagou, com voz incisiva.

— Estou tentando desvendar os caminhos da floresta... — respondeu o rapaz, em tom não muito convincente.

— Mentira! — gritou José Anastácio — Não se envergonha de mentir desta forma? Nós recebemos um comunicado da matriarca da tribo, informando que você assediou a filha dela!

— Não é verdade! Eu salvei a vida da filha dela! — disse Coraggio, em tom mais elevado.

— Você conhece as regras que seu pai mesmo instituiu para quem se aproximasse da aldeia... — disse José Anastácio, em tom um tanto sarcástico, olhando diretamente para Coraggio enquanto os outros membros também esperavam uma explicação plausível do rapaz.

— Conheço as regras, mas isto não se deve aplicar no meu caso! Não seria justo!

— Quem é você, seu pirralho, para falar no que é justo ou injusto? Enquanto assedia a índia, nossos companheiros estão morrendo em conflitos na fronteira. De mais a mais, o que me consta é um envolvimento com a índia, e não apenas o caso de um herói que salvou a pele dela! — disse o Coronel interino, com ar de vitorioso por sua colocação.

— Eu sei... Reconheço o meu erro... É que me envolvi.

— Ah... Envolveu-se! — disse, cinicamente — Deve ser mal de família! O seu pai sofre da mesma doença enquanto as mulheres da comunidade tornam-se viúvas e choram a perda de seus maridos lá na fronteira.

— Lave a boca ao falar de meu pai! — exasperou-se Coraggio, ofendido, partindo em direção a José Anastácio, sendo impedido por membros da comunidade.

— Você será banido! — disse José Anastácio, enquanto os membros da comunidade se entreolhavam assustados.

— Como?

— Isto mesmo! A regra sempre foi bem clara e instituída por





seu próprio pai. Ela é válida para qualquer um que interferir na vida da aldeia.

— Você não pode fazer isto!

— Não só posso como devo! Enquanto seu pai morre aos poucos, quem ocupa a posição dele nesta comunidade sou eu, fazendo cumprir as regras, os deveres e as obrigações!

— Você não deve fazer isto com ele, é apenas um rapaz! — disse uma mulher, intrometendo-se na conversa.

— Sinto muito, mas é a regra. Preparem o cerimonial de banimento! — disse José Anastácio, dando as costas e o assunto por encerrado.

— Por que você não dá a oportunidade ao rapaz de lutar no campo de batalha? — disse a mulher.

Um silêncio seguiu-se por alguns instantes.

— Pois bem... Você tem essa oportunidade! — disse José Anastácio, sentindo-se realizado em seu interior.

— Não confio em você e jamais lhe darei as costas para não ser apunhalado! Eu não luto ao lado de quem não confio — disse Coraggio, com raiva expressa na face e nos olhos.

— Então o seu destino está confirmado. Será banido! — disse José Anastácio.

As pessoas ficaram cabisbaixas quando a mulher abraçou Coraggio. O jovem também estava triste, mas não tinha coragem de olhar nos olhos das pessoas que ali estavam. Coraggio fez bem em não aceitar lutar no campo de batalha. Se fosse para os campos de batalha, José Anastácio o colocaria no *front*, tendo todas as condições para dar um fim na vida do rapaz. Coraggio sabia que deveria suceder seu pai no poder, mas também sempre soube que alguns sonhavam com aquela posição. Entre estes, José Anastácio, que nunca conseguiu enganá-lo. Logo, as pessoas que compunham a roda se dispersaram. Dois capangas armados levaram Coraggio ao centro da comunidade. Na ocasião em que as mulheres que rezavam pela recuperação do Coronel Valente souberam que Coraggio seria banido, pararam as orações





momentaneamente e se dirigiram a José Anastácio, pedindo clemência e perdão ao rapaz. Entretanto, o líder interino permaneceu irredutível. O cavalo do rapaz foi preparado rapidamente. Presos ao animal, havia uma bolsa com comida, uma mochila com roupas, munição, água e uma espingarda. Coraggio montou no cavalo, entristecido e de cabeça baixa. Com um sorriso no rosto, José Anastácio ordenou aos membros da comunidade que formassem uma espécie de corredor permanecendo de costas ao banido. As mulheres choravam e uma delas não aceitou a ordem de dar as costas, correndo em direção a Coraggio para abraçá-lo. José Anastácio intercedeu, agarrando-a pelos braços e brutalmente empurrando-a para que permanecesse de costas. Coraggio seguiu, acompanhado de dois capangas também montados em seus cavalos. José Anastácio e os homens responsáveis por fazer cumprir o banimento foram os únicos que não deram as costas ao jovem e permaneciam bem atentos, fitando-o. Coraggio olhou com ódio para José Anastácio e o mesmo rebateu-lhe o olhar com um sorriso falso e cínico. O rapaz pensou em sacar a arma e atirar em José Anastácio, mas sabia que, no cerimonial de banimento, a arma não estaria carregada e a munição era colocada em separado, em uma das bolsas. Além do mais, havia dois capangas armados em sua retaguarda, e, mesmo que pudesse fazer alguma coisa para matar José Anastácio, sua condição era desfavorável.

Os cavalos seguiram lentamente entre o corredor formado pelas pessoas. Coraggio foi conduzido pelos capangas até uma das poucas porteiras que havia na comunidade. A partir daí, sua sorte ou seu azar estavam lançados, e tudo poderia acontecer. O jovem viu-se na estrada sem saber o que fazer e para onde ir. A cidade era uma péssima opção para o jovem. Deixou o cavalo seguir um rumo qualquer, enquanto pensava no que fazer.





CAPÍTULO XII

BERENICE

O Coronel Jeremias nunca se sentira tão bem. Com ar triunfante, ele agora comandava seus homens. Regozijava-se e seus atos demonstravam características de que, daquela vez, sua investida iria levá-lo à conquista das terras de seu arquiinimigo. Era até estranho para os homens que lutavam a seu lado vê-lo com aquele sorriso de vitória, mas, de alguma forma, ele acreditava que realmente lograria êxito, sendo tudo apenas uma questão de tempo. Lembrou-se de uma certa ocasião em que cruzou com o Coronel Valente na cidade, onde ambos estavam com seus homens trocando alimentos por apetrechos para suas comunidades. Encontraram-se, inesperadamente, dentro de um banheiro fétido no mercado de trocas. Simultaneamente, sacaram suas armas, encostando-as um na cabeça do outro. Seus olhares eram de ódio mútuo. Sabiam que, se atirassem, não restaria um vencedor para contar os acontecimentos, pois ambos morreriam. A situação persistiu por mais de um minuto e o impasse continuou. Não trocaram uma palavra sequer, até que Isaías entrou no banheiro e deparou com a cena inusitada, sacando sua arma também e apontando-a para o Coronel Jeremias. O Coronel Valente, então, deu o primeiro passo, desarmando o revólver calibre 38. Deu as costas friamente e saiu do banheiro. Depois, chamou Isaías, que recuou com a arma engatilhada apontando para o Coronel Jeremias, que transpirava. Quando o Coronel Valente o desarmou, o Coronel Jeremias, este manteve sua arma apontada para Isaías até que ele saísse. Esperou alguns minutos dentro do banheiro e, em seguida, saiu para juntar-se aos seus capangas, repreendendo-os por terem-no deixado sozinho e sem proteção.

Dona Ronilce estava muito triste em sua comunidade.





Carregava o peso de saber dos verdadeiros motivos que conduziram Terência à morte. Chorava muito e caiu em estado de depressão profunda. Berenice andava sondando a mãe pelos cantos, até que, certo dia, encontrou-a chorando com a porta entreaberta, segurando uma roupa íntima rasgada nas mãos. Berenice abriu a porta e entrou, surpreendendo a mãe. Abraçou-a ternamente e falou:

— Você precisa dividir mais o seu fardo comigo, senão não irá agüentar, minha mãe! O que está acontecendo?

— Não posso dividir, filha! Se ele souber irá nos matar — disse, soluçando e referindo-se ao marido mentecapto.

— Ele não precisa saber de nada! Não saberá que me contou!

— Foi horrível o que ele fez!

— Não há jeito, minha mãe, dele nós já sabemos que não poderíamos esperar outra coisa.

— Minha filha... — falou a mulher, tentando se acalmar. — O seu pai, aquele verme, violentou Terência!

— Como? Você tem certeza do que disse?

— Isto mesmo! Esta é a peça íntima que encontrei no chão da sala. Terência não apareceu mais para trabalhar em casa depois que encontrei isto. Provavelmente, ela contou o que aconteceu para Gesuel, que tentou matar seu pai. A moça suicidou-se depois!

— Então foi isto que aconteceu! Aquele maldito acabou com a vida de Terência!

— Não tenha dúvidas, minha filha, de ele acabará até com nossas vidas ou de qualquer um que tentar se meter no seu caminho.

— Isto não pode ficar assim, minha mãe! Este pesadelo tem que ter fim! Precisamos dar um basta!

— Como, minha filha? Como?

Berenice não disse mais uma palavra. Uma lágrima de revolta desceu-lhe dos olhos e manteve-se abraçada a Dona Ronilce, que voltou a chorar e a se lamentar baixinho, em tom quase inaudível.





A partir daquele dia, Berenice resolveu fundar uma sociedade secreta com o intuito de ajudar sua mãe e colocar um fim nas maldades do seu pai. Da sociedade secreta, somente mulheres poderiam participar. Convidou, inicialmente, suas amigas mais próximas, entre elas estavam Manuela, Mikaela, Ariadne e Agnes. Reuniam-se às escondidas e tarde da noite, geralmente com velas acesas no porão. Enquanto o Coronel Jeremias continuasse na fronteira, elas não correriam grandes perigos.

Entretanto, em certa ocasião, Mefistocles, outro capanga do Coronel Jeremias que tinha ido à comunidade pegar alimentos, ficou desconfiado de algo ao cair da tarde. Percebeu que sua filha cochichou alguma coisa no quarto com outra amiga. Como partiria somente no outro dia pela manhã, seguiu a filha durante a noite. Permaneceu no lado de fora do grande casarão, próximo a uma grade de entrada de ar para o porão, o que lhe permitiu ouvir a conversa secreta. Permaneceu lá até que a reunião terminasse, entendendo tratar-se de um grupo que conspirava contra o Coronel Jeremias. Foi para casa e fingiu estar dormindo, ouvindo os ruídos da filha, que entrou pela janela. Não falou nada para não fazer alarde. No dia seguinte, partiu com os alimentos na carroça, levando-os para os homens que lutavam na fronteira. Chegando, comentou tudo com o Coronel Jeremias, que, possesso de raiva, montou em seu cavalo e se dirigiu imediatamente ao casarão. Chegou abruptamente. Enfurecido, foi ao quarto de Berenice, chutando fortemente a porta com sua botina. Berenice saltou assustada da cama, não tendo tempo de compor-se com a vestimenta. O Coronel agarrou-a pelos cabelos longos e ondulados, e arrastou-a da cama. Sacou o revólver, engatilhou encostando-o na cabeça de Berenice, dizendo:

— Até você, da minha própria prole, quer me trair!

— Eu sinto vergonha de ser sua filha! — disse Berenice, com olhar de revolta ao ser arrastada daquela forma bruta.

— Ah... Sente vergonha? — disse ele, desarmando o revólver e esbofeteando-a fortemente, o que lhe arrancou sangue dos lábios.





— Sinto vergonha! Vergonha, mesmo! — respondeu ela, caída ao chão — Você é um animal que não merece viver! Pensa que não sei o que fez para Terência?

— Para Terência? — perguntou ele, surpreso.

— É! Para Terência! Você ouviu muito bem!

— Eu fui seduzido por aquela menina! Pensa que ela não gostou do que aconteceu? Você precisava ver a cara dela com ar de desejo, me pedindo mais. Ela sempre me provocou e teve o que merecia!

— Você é um doente! — gritou Berenice.

O Coronel Jeremias, irritado, partiu para o espancamento, surrando brutalmente a filha. Dona Ronilce tentou defendê-la e foi espancada junto. Ele agrediu as duas aos murros e pontapés, como se estivesse lutando com homens. Deixou as duas estiradas no chão. Dona Ronilce ficou desacordada e sangrava. Berenice não tinha mais forças para se defender. Furioso, saiu do quarto, mas antes gritou, olhando para Berenice:

— Este foi apenas um aviso! Da próxima vez, mato as duas! Não tenham dúvidas disso!

O mentecapto ainda deu uma espécie de ganido ao virar as costas, partindo em retirada e retornando para os campos de batalha. O ódio havia transtornado o seu ser, que era pura iniquidade e maldade. O pior é que ele não carregava sentimento de culpa. Como era um doente mental, ainda achava-se vítima das circunstâncias. A partir daquele acontecimento, que assolou a vida de Berenice, ela teria que tomar muito mais cuidado com seu pai.





CAPÍTULO XIII

A CIDADE

Coraggio carregou sua espingarda com munição e prosseguiu em direção à cidade. Horrível e desoladora era a idéia de tentar viver nas cidades. A violência era assustadora, bem pior do que a vida no campo. Parte de diversas delas estava sob ruínas e existiam gangues que habitavam escombros. O exército lutava nas ruas contra forças rebeldes que queriam tomar o poder do governo, pois alguns ainda acreditavam que o sistema antigo poderia dar certo.

Coraggio começou a lembrar das aulas que recebeu de seus mestres na comunidade, refletindo sobre como a humanidade havia chegado a um estado tão deplorável. No final do século XXI, o clima na Terra havia destruído muitas coisas. A temperatura aumentara muito, devido à ganância do homem em suas explorações exaustivas dos recursos naturais. As indústrias poluíram o planeta de tal forma até atingir proporções insuportáveis. Os industriais, visando a ter preços mais competitivos, desmobilizaram grande parte da mão-de-obra, desempregando colaboradores em níveis alarmantes. A população havia crescido bastante e, sem emprego, não possuía salário para adquirir suas necessidades básicas. Com o tempo, de nada adiantou os industriais investirem tanto em automação e robótica, pois chegou o ponto de não haver quem tivesse dinheiro para comprar os produtos industrializados. Assim, as empresas entraram em colapso no mundo globalizado. Este efeito dominó afetou bruscamente as economias dos países, levando à queda do Capitalismo. Não havia motivos para produzir, pois faltavam compradores. O dinheiro não valia mais nada; não servia como moeda de troca, devido ao fato de não se ter o que fazer com ele.





No desespero, muitos governos tentaram criar uma terceira coluna econômica, um misto entre o sistema capitalista e o comunista. Mas era tarde demais! As pessoas começaram a passar fome. Além do problema da superpopulação, havia a questão das alterações climáticas com que a natureza e seus mecanismos de autorregulação revidavam o mal que o homem havia feito ao planeta, destruindo constantemente as plantações, colheitas e safras inteiras com tornados, furações, ciclones extratropicais, chuvas torrenciais e o calor exacerbado. O planeta estava desregulado em decorrência do desequilíbrio ecológico causado pelos seres humanos. Grandes partes da Terra haviam-se transformado em um grande deserto. Países invadiram outros países por causa da água potável para sobrevivência. As maiores florestas do mundo, exploradas sucessivamente, já não existiam mais. O Pólo Norte também não existia mais. As geleiras derretidas fizeram com que o nível do mar aumentasse cerca de seis metros, invadindo os litorais. No Pólo Sul, também houve derretimento, mas ainda havia parte das geleiras. O problema se agravou até que os governantes do mundo se reuniram para destruir parte da população. Foi quando aconteceu a Terceira Guerra, e bilhões de pessoas foram aniquiladas em todos os cantos do mundo, destruindo cidades inteiras, matando mais do que as catástrofes da natureza, que já haviam matado muitas pessoas. Ainda bem que os países não usaram seus arsenais nucleares, pois seria o fim da raça humana, e não haveria vencedores. Foi somente depois da guerra que alguns homens perceberam como fora idiota a ocorrência do êxodo rural no século XX, em que muitas pessoas abandonaram a vida no campo em busca de fortuna e melhor qualidade de vida nas cidades. Se não tivessem deixado a zona rural e continuassem a cuidar de suas terras, não existiriam tantas alterações climáticas no mundo, e o Capitalismo não o teria levado àquele estágio decadente. O interessante é que muitas pessoas do século XXI pensavam no futuro como um filme de ficção, com muita tecnologia, carros voadores e viagens espaciais interplanetárias. Isto tudo poderia





até ter ocorrido se a humanidade tivesse cuidado do planeta, mas, como alguns foram ambiciosos demais, não houve jeito. Somente os países mais ricos haviam investido em bases em outros planetas. Entretanto, raros foram os seres humanos selecionados para habitar estas bases, não conseguindo, posteriormente, garantir sua sobrevivência. Sem água em quantidade suficiente para plantar, e com sol iluminando o planeta em condições inapropriadas, não havia vida que resistisse. As cápsulas de vitaminas criadas pelos cientistas levaram à morte os últimos sobreviventes dessas bases, com doenças degenerativas. Na verdade, o homem quis ser Deus sem ter a mínima condição para isto. Quando percebeu que os seres humanos precisavam das condições do planeta Terra para viver, era tarde demais para muitos.

Coraggio chegou à cidade e procurou algum escombro ou grupo com o objetivo de ser aceito para tentar sobreviver. Nem bem entrou na cidade, e percebeu que um rapaz foi em sua direção com uma faca para saqueá-lo. Teve que matá-lo sem pensar duas vezes. Chocado, procurou refúgio em um escombro solitário, não muito distante da entrada da cidade. Percebeu que seria um erro tentar ingressar na área mais central. Logo, a noite caiu. Coraggio dormiu sentado com a arma no colo, encostado a uma parede. No outro dia, bem cedo, partiu rumo à sua comunidade. Iria correr o risco de morrer para ingressar na floresta, local em que quase ninguém poderia encontrá-lo. Permaneceu na estrada até o cair da noite e invadiu a propriedade. Conhecedor de tudo o que havia na comunidade, teve o cuidado de passar incólume perto das casas. Além do mais, sabia que a maior parte dos homens estaria lutando na fronteira. De toda forma, não poderia ser percebido por ninguém, principalmente pelos jovens varões que assumiam a guarda dos lares em época de conflito. Naquela ocasião, Coraggio percebeu que havia algo de muito errado nas táticas e estratégias de combate de José Anastácio, em desconformidade com o que o seu pai lhe havia ensinado. Se o Coronel Jeremias atacasse pela retaguarda, obteria êxito





rapidamente, pois não havia ninguém experiente para coordenar os jovens varões na defesa da comunidade. Tanto era verdade que Coraggio conseguiu entrar nas terras sem ser notado prontamente. Esquivando-se, finalmente ingressou na floresta.

Coraggio tinha o objetivo de chegar até Taynara e convencê-la a permanecer com ele. Embrenhou-se no meio da mata e ficou escondido, aguardando sua amada aparecer. Seria necessário esperar. Assim o fez, aguardando ansiosamente. A índia não apareceu durante as tardes nem nos primeiros dias de lua cheia que se seguiram. Provavelmente, estava banhando-se em algum outro rio e, certamente, havia sofrido castigos por seu envolvimento com ele. Tentar resgatá-la no centro da aldeia seria uma forma suicida e os índios, em quantidade, o matariam, alegando legítima defesa. Coraggio começou a rezar e a suplicar ajuda dos céus, até que em certo dia, dormindo em uma moita e banhado à luz da lua, acordou com o barulho de um mergulho. Alegre, correu em direção ao lago, mas nada viu. Olhou em todas as direções e se viu desanimado ao achar uma capivara, a responsável pelo mergulho.

Já estava desanimado até que, no último dia de lua cheia, outro mergulho o acordou. Olhou em todas as direções, até que viu sua bela índia emergindo das águas. Ficou afoito e olhou cuidadosamente para certificar-se de Taynara não estar sendo vigiada por alguém. Percebendo não haver perigo, encontrou um jeito de se aproximar. Deu primeiro um baixo assovio para alertá-la. Este tipo de assovio já havia sido usado como sinal em encontros anteriores. Taynara sentiu-se feliz ao ouvir o assovio e olhou na direção da mata à procura de seu amado, até que viu um galho balançando. Foi nadando em direção à margem. Saiu das águas e olhou atenta, então Coraggio saiu de trás da árvore. Sua felicidade foi enorme. Correu na direção de Coraggio e o abraçou ternamente. A alegria foi tanta que a índia nem se deu conta de estar nua, pois suas poucas vestes haviam permanecido do outro lado do rio. Era noite de primavera e o cheiro da flor dama-da-





noite recendia no ar. Um clima romântico tomou conta do casal e Taynara finalmente entregou-se a Coraggio. A bela índia deixou o jovem ainda mais inflamado de paixão. Nem acreditava que estava a possuir aquela linda morena de corpo escultural e bem definido, sentindo o calor da penetração e dos movimentos, até chegar ao clímax, preenchendo com gozo aquelas vísceras aquecidas. Amaram-se por várias vezes naquela noite, ao lado de uma fogueira, até que ambos pegaram no sono.





CAPÍTULO XIV

RAONI

O sol nem bem havia nascido e Raoni pôs-se à procura de Taynara. Caminhou até encontrar as poucas vestes da índia perto do lago. Observou por todos os lados e nada mais encontrou. Começou a temer que sua prometida tivesse sido atacada por algum animal selvagem da floresta. Subiu em uma pedra e pôs-se a observar melhor em todas as direções, até que avistou um pequeno foco de fumaça saindo da mata. Mergulhou e atravessou o lago a nado, adentrando cautelosamente a floresta. Por entre as árvores, foi caminhando silenciosamente, até que se deparou com o que menos desejava encontrar. Avistou sua prometida adormecida nos braços de outro homem, ambos deitados em uma manta. O índio ficou possesso de raiva e ciúmes, pois logo entendeu tudo o que havia acontecido. Uma lágrima de ódio desceu de seu rosto e, enfurecido, deu as costas e partiu em direção ao lago, ocasião em que Taynara acordou e o viu. Aguardou um pouco até que ele se distanciasse mais. Depois tirou delicadamente um dos braços de Coraggio que estava sobre ela. Perseguiu a certa distância Raoni, vendo-o atravessar o lago nadando sem fazer alarde. Observou-o pegando suas poucas vestes do outro lado do lago e partindo em direção à tribo. Taynara, então, correu de volta até Coraggio. Abaixou-se próxima a ele acordando-o:

- Coraggio! Coraggio! — disse tocando seus ombros.
- Hã... — disse o jovem, tentando sintonizar sua mente.
- Coraggio! Você precisa fugir!
- Fugir? Fugir por quê?
- Raoni esteve aqui e certamente voltará com outros índios!
- Voltará para quê?
- Para matá-lo! É uma questão de honra! Rápido! Fuja!





— E você? Vem comigo? — disse Coraggio, levantando-se e compondo-se com a vestimenta.

— Não posso! Tenho que voltar para a aldeia.

— Voltar? E o que farão com você?

— Não sei... Devo sofrer punição.

— Punição? De que forma?

— Não sei... Posso ser enclausurada e até condenada à morte. Depende do julgamento da aldeia.

— O quê? Eu não passei tudo isso para deixar você morrer aqui! Se tivermos que morrer, morreremos juntos.

— Não seja tolo! Fuja enquanto é tempo!

— Só fugirei se for com você.

— Comigo? — disse a índia atormentada e fazendo uma pequena pausa.

— Sim, com você! Vamos embora daqui!

— Para onde?

— Não sei! Descobriremos um lugar! — disse, jogando para Taynara uma camisa longa e de mangas compridas que havia em sua mochila. — Vamos! — voltou a insistir, puxando-a pelas mãos.

— Então vamos! — disse a índia, concordando.

A índia vestiu-se rapidamente, achando esquisito usar roupa, pois estava acostumada com suas poucas vestes indígenas. Entretanto, precisava esconder sua nudez para onde quer que fossem. Coraggio tirou a espingarda da sela do cavalo. A fuga seria complicada, pois, em certos lugares, não daria para passarem montados. Seria necessário passar a pé por estes trechos, puxando o animal pelas rédeas. Isto daria vantagem para os índios se aproximarem. Montou e puxou sua amada para que sentasse na traseira do cavalo. Por entre as árvores da floresta, foi desviando e tentando colocar a vantagem possível naquele terreno. O jovem sabia que os índios não usavam espingardas na aldeia, pois toda e qualquer proteção aos índios seria concedida pelo Coronel Valente se necessário, garantindo a defesa da tribo. Entretanto, sabia que os índios possuíam lanças afiadíssimas e zarabatanas com setas





envenenadas. Se o ataque fosse simultâneo pelos índios, dificilmente teria como escapar. O jeito seria usar os conhecimentos aprendidos com o Coronel Valente para tentar separá-los. Após passarem por um riacho, Coraggio saiu com o cavalo em um sentido paralelo às águas. Depois, voltou para o riacho com o animal até o ponto de onde saiu pela primeira vez, partindo com o cavalo em outra direção até atingir a relva. Percorreu um trecho razoável, só não mais distante porque não haveria mais tempo. Por fim, voltou até as águas e partiu em uma direção aleatória. Não demorou muito até que Raoni e os demais índios de sua tribo chegassem ao ponto próximo do riacho. Raoni, liderando-os, separou rapidamente os integrantes da aldeia para cada lateral do riacho que cruzava a floresta, seguindo ele, junto a um outro grupo, o rastro aleatório, justamente o caminho pelo qual Coraggio e Taynara seguiram. De toda forma, a tática funcionou e os índios não estavam mais concentrados em um só grupo.

Em um trecho à frente, Coraggio e sua amada tiveram que descer do animal. Era um terreno muito perigoso e acidentado. Puxando o animal, ambos seguiram caminhando na velocidade permitida pelos declives e inclinações. Desviaram-se de rochas, entraram na mata fechada e começaram a percorrer trilhas estreitas. Coraggio pegava todos os atalhos que havia aprendido com seu pai. Precisava chegar o mais rápido possível em terras abertas, fora da floresta, para que pudesse montar no cavalo e, somente assim, conseguir distanciar-se de vez dos indígenas. Não faltava muito para chegar em terras abertas, pois já estava há quase uma hora fugindo.

Prestes a sair da mata, Raoni conseguiu aproximar-se. Algumas lanças começaram a acertar árvores próximas. Habilmente, Coraggio se esquivou, protegendo o seu amor. Deu um tiro para demonstrar que estava armado, na expectativa de que os índios pudessem desistir da investida, mas não adiantou. Raoni continuou avançando e coordenando os demais. Coraggio não queria atirar





para matar ninguém, a situação se complicava e o cerco se fechava. O grupo opositor ainda possuía uma quantidade de índios que não poderia ser desprezada. Seria impossível matar todos. Se conseguissem fechar o cerco, o fim de Coraggio e de sua amada seria iminente. Coraggio tinha que se desvencilhar, mas, para isto, ficariam expostos temporariamente. Como não havia outra solução, puxando o cavalo e junto a Taynara, percorreu um trecho de mata aberta sem muita proteção das árvores. Este pequeno intervalo de tempo foi o suficiente para que Raoni atrasasse sua lança e atingisse Taynara. Coraggio deu um grito desesperado, que pareceu ecoar por toda a floresta. Os índios mais próximos conseguiram ver a bela índia sangrando com a lança fincada entre o coração e o ombro direito. Coraggio engatilhou e, com um único tiro, acertou Raoni no peito. Primeiramente, o índio ajoelhou-se, olhando fixamente sua prometida, depois caindo de bruços na terra. Taynara gritava de dor, e lágrimas escorriam de seus olhos. Os outros índios ficaram sem reação. Não sabiam se atacavam ou se acudiam Taynara, afinal agora o líder estava morto. Um dos índios levantou a mão direita fazendo um sinal para os outros não atacarem mais. Coraggio continuou com a arma apontada por alguns instantes. Assim que teve a certeza de que não iriam mais guerrear, abaixou a espingarda e depois a inseriu no coldre na sela do cavalo. Pegou carinhosamente, com toda cautela, sua amada no colo e levou-a para fora da floresta. Voltou correndo e puxou o cavalo até chegar perto de Taynara. Em pasto aberto, poderia montar o animal e carregar sua amada. Precisava procurar ajuda rapidamente, pois não sabia quanto tempo Taynara agüentaria se perdesse muito sangue. Colocou-a sentada na sela de lado à sua frente e sentou-se atrás, levando-a amparada em seu ombro. Não poderia galopar rapidamente, pois o impacto aumentaria a dor e prejudicaria Taynara. Também não podia dirigir-se ao médico no centro da comunidade, pois, como fora banido, o seu retorno resultaria em punição a ser paga com a própria vida. Assim, prosseguiu margeando a floresta e fazendo





desvios para não ser encontrado. Seu objetivo era chegar à casa da velha parteira da comunidade sem ser visto pelos que habitavam as redondezas. Era dia ainda e não poderia esperar a noite chegar, embora na escuridão fosse muito mais difícil de alguém encontrá-los. Tinha que correr contra o tempo. Cada segundo era importante para salvar sua amada, que não sobreviveria com a demora no atendimento. O jovem orou e, com fé, conseguiu chegar sem ser visto, depois de alguns contornos, à casa de Dona Miquelina, a velha parteira. Segurando Taynara no colo, deu um jeito de aproximar-se da porta e chamou. O neto da parteira atendeu com uma espingarda na mão. Vendo Coraggio, o rapaz não sabia como reagir e chamou a avó. A parteira, já com idade um pouco avançada, arregalou os olhos ao ver o jovem banido e indagou:

— O que faz aqui, meu rapaz? Você não foi banido?

— Fui! Mas a senhora precisa me ajudar! Esta moça precisa de sua ajuda!

— Se encontrarem você aqui, irão matá-lo! E, se souberem que esta velha o ajudou, também serei banida. Não tenho idade para isto!

— Por favor, Dona Miquelina... Precisa ajudar a salvar esta vida!

— Meu jovem... Sou uma parteira! Não sou médica nem enfermeira!

— Eu sei disso, mas a senhora entende de alguma coisa e pode me ajudar! — disse Coraggio com lágrimas nos olhos, complementando: — Eu amo esta mulher!

Fitando os olhos de Coraggio, a velha parteira, que possuía bom coração, consentiu que ele entrasse com Taynara. Ao lado da casa, havia um pequeno estábulo em que permaneciam alguns apetrechos e o cavalo do neto da parteira. Ela, então, pediu para Juan, seu neto, levar o cavalo de Coraggio e fechar as portas. O neto, obediente, atendeu prontamente ao pedido da avó. O rapaz tinha muita admiração por Coraggio, mas também ficou aflito





com os risco de ser banido da comunidade. Existia um bom médico na comunidade, mas Dona Miquelina não podia nem pensar na hipótese de chamá-lo. Ultimamente, ela fazia raríssimos partos em algumas mulheres que a preferiam ao médico. Dona Miquelina fora a parteira que realizara o nascimento de Coraggio naquela noite sombria. A velha senhora negra, já um pouco obesa devido à idade, possuía um carinho muito grande pelo Coronel Valente e por Coraggio, motivo pelo qual ela aceitou ajudar o rapaz. Mantinha algumas ervas medicinais plantadas em vasos em sua casa. Recolheu-as e começou a preparar algumas poções com água quente no fogão de lenha. Taynara permaneceu deitada na cama de casal. Por pouco a lança não pegara em cheio o seu coração. Raoni a havia atingido em um local delicado. O ciúme do índio era tão grande que preferia ter sua prometida morta a vê-la nos braços de outro homem.

Dona Miquelina utilizou ervas anestésicas em Taynara. Depois, pediu a ajuda de Coraggio para remover a lança. Era muito delicado fazer aquilo, mas era necessário. A velha senhora deu um pedaço de madeira para a índia colocar entre os dentes. Com muita destreza, a lança foi removida. Taynara, mesmo dopada pela poção que tomara, urrava de tanta dor, mordendo fortemente o pedaço de madeira. Em seguida, a velha parteira começou a tomar medidas para cauterizar a ferida aberta. As próximas horas seriam críticas para Taynara. A jovem delirava de febre e dor. A noite avançou e a índia começou a ter estranhos devaneios, parecendo conversar em outra língua com seus ancestrais. Coraggio não a abandonou sequer por um segundo, segurando a mão de Taynara. Dona Miquelina calmamente cantava baixinho um cântico de adoração ao Criador. O dia seguinte chegou e a febre persistia. Mas algo de positivo aconteceu, os delírios haviam cessado. Taynara adormeceu e dela parecia brotar água como uma pequena nascente devido à febre e ao calor. No final da manhã, a febre começou a baixar. Dona Miquelina só então foi descansar e Coraggio





desmaiou, fatigado, em uma poltrona que arrastou para o lado da cama em que sua amada se encontrava.

Uma semana se passou até que Taynara conseguisse ter melhoras significativas. Coraggio começou, então, a planejar sua saída do local, pois não queria que a velha parteira fosse banida da comunidade, afinal ela já havia feito muito por ele e sua amada. Por sorte, o pai de Juan estava em combate na fronteira, pois, mesmo gostando muito do Coronel Valente, por certo denunciaria a presença de Coraggio para não ser banido da comunidade. Juan chegou a ir algumas vezes até o centro da comunidade pegar comida e alguns apetrechos a pedido de sua avó, mas manteve-se de bico calado, visto sua avó ter assumido o risco de abrigar Coraggio. Juan era um bom rapaz, de boa índole, muito prestativo e afável. Havia perdido sua mãe há alguns anos por uma doença ainda desconhecida nas comunidades rurais do século XXII. Sua admiração por Coraggio era muito grande e uma lágrima de emoção lhe escorreu do rosto quando o avistou partindo da casa de sua avó. Lá estava Coraggio novamente em busca de abrigo. Parecia estranho, mas sempre que Juan o encontrava, estava partindo para algum lugar. Às vezes, para a floresta; outras, para o casarão; depois, sendo banido; e, agora, sem um destino certo.





CAPÍTULO XV

A SOCIEDADE SECRETA

A sociedade secreta fundada por Berenice prosseguiu, reunindo-se em horários alternados, mas com maior periodicidade. A fraternidade feminina havia crescido e as reuniões se davam durante o dia, em casas de amigas cujos pais estivessem ocupados nas lutas na fronteira e as mães desempenhando seus trabalhos na comunidade. Todas estavam preparadas para qualquer surpresa, prontas para forjar alguma desculpa e alegar que tudo não passava de uma reunião entre amigas. Para evitarem aglomerar-se e não chamar a atenção, cada integrante da fraternidade chegava em horário distinto. Todas sabiam que corriam sérios riscos, até de vida, se as reuniões da sociedade fossem informadas ao Coronel Jeremias. Para não deixarem nenhum tipo de comprovação, decidiram não fazer registros em atas naquele período. Existiam códigos para se comunicarem, sinais secretos muito discretos. Cada uma recebia um nome de batismo ao ingressar na sociedade secreta, um pseudônimo correspondente ao nome de uma mulher que havia sido uma personalidade em séculos anteriores. Berenice representava Anita Garibaldi, e suas companheiras representavam Clarice Lispector, Agatha Christie, Zélia Gattai, Evita Perón, Simone de Beauvoir, Olga Benário Prestes, Marilena Chauí, Cora Coralina, Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles... Esta era a forma pela qual todas as integrantes seriam chamadas durante as reuniões.

Certo dia, Berenice comentou que precisavam descobrir quem vinha visitar o Coronel Jeremias uma vez por mês. Mesmo em tempos de batalhas, o Coronel Jeremias vinha uma vez por mês até o casarão, instituindo toque de recolher a partir das dez horas da noite, sob pena de morte para quem o desobedecesse. Depois





do espancamento de Berenice, arriscar a pele seria morte na certa. Ela não tinha dúvida alguma de que o Coronel Jeremias não hesitaria em matá-la se a pegasse em uma segunda investida, pois sabia que o seu pai tornara-se um homem doente, em um estágio de demência que somente aumentava a cada dia. Berenice sabia que, para chegar à área central da comunidade e entrar no casarão, tal visita secreta poderia ser vista por alguém que permanecesse à espreita. Entretanto, todo cuidado deveria ser tomado, pois, possivelmente, haveria alguns capangas guiando este visitante e montando guarda até sua saída. Berenice desconhecia a data certa, mas sabia que a visita sempre ocorria nas primeiras semanas de cada mês. Assim sendo, designou entre as integrantes da fraternidade, uma escala em que algumas teriam que sair às escondidas de sua casa e permanecer à espreita para tentar identificar a visita misteriosa. Com os pais nos campos de batalha, a tarefa não seria muito difícil. Teriam apenas que despistar as mães e sair discretamente, nada difícil naquele horário em que muitos dormiam cedo na comunidade. Berenice acreditava que descobrir aquela pessoa, de certa forma, seria uma das saídas para o martírio e opressão em que viviam, debaixo do poder do Coronel Jeremias. Alimentava verdadeiro ódio por seu pai e pelo que ele fazia à sua mãe. Também pelo que fez à pobre Terência e, principalmente, pelo seu próprio espancamento. Depois de descobrirem quem era a visita secreta, precisariam descobrir a periodicidade da seqüência das visitas, pois existia uma lógica naquilo, mas Berenice, até então, não havia conseguido entender a sistemática e decifrar as ocasiões certas em que a mesma ocorria. A fraternidade feminina deu um jeito de confeccionar túnicas pretas com capuz para dificultar que as integrantes fossem encontradas na escuridão. Tais túnicas permaneciam escondidas para que ninguém tivesse acesso, pois teriam muita coisa a explicar se alguém as encontrasse. Inicialmente, confeccionaram apenas duas vestes em tamanho único, pois seriam apenas duas integrantes por noite. Quem usasse as vestes durante a noite, daria um jeito





de, discretamente, passá-las às integrantes que as usariam na noite subsequente.

No início do mês seguinte, os membros da fraterna sociedade secreta feminina começaram a se revezar noite após noite. Permaneciam escondidas atrás de árvores e casas, assemelhavam-se a verdadeiras sombras, sempre atentas a qualquer movimento. Dificultando as coisas, o Coronel Jeremias já havia deixado alguns capangas no centro da comunidade para fazer a guarda, desde que os conflitos haviam começado. Entretanto, a guarda era composta de pouquíssimos homens, pois o mentecapto havia destinado quase todos ao combate. Os poucos que ficaram fazendo a ronda no centro da comunidade relaxavam a guarda, pois sabiam que era muito difícil a área central da comunidade ser atingida inesperadamente naquele conflito, devido à sua localização geográfica. Para que os homens do Coronel Valente chegassem até ali, deveriam matar ou render os homens do Coronel Jeremias na fronteira. A comunidade do Coronel Jeremias fazia limites, na retaguarda, com um outro Coronel de poucas posses, um Senhor de Terras que jamais levantou o dedo para invadir qualquer fronteira e só protegeria suas terras se fosse necessário. As terras desse Coronel não interessavam a quase ninguém, pois eram áridas, com pouca água e pasto improdutivo.

Os dias foram passando, até que, em uma noite, um cavalo chegou marchando lentamente com uma pessoa montada. Para surpresa total das integrantes da fraternidade feminina, a pessoa também usava uma túnica com capuz, impedindo que fosse identificada. Estava escoltada por dois capangas. Pelo percurso de chegada, provavelmente a visita secreta veio pela porteira principal das terras, que sempre era vigiada por alguns homens. Sua túnica era marrom. Em total silêncio, o vulto desceu do cavalo e ingressou no casarão, enquanto os homens que o escoltavam montaram guarda próximo. Pela estatura e pelo jeito de andar, uma das vigilantes acreditou ser um homem. A outra resolveu não arriscar nenhum palpite. Tentar aproximar-se para descobrir





algo a mais seria uma forma de homicídio voluntário. Por isso, foram embora logo que a visita ingressou no casarão. Permanecer ali era muito arriscado.

No outro dia, as irmãs Sândala e Haidê, integrantes que permaneceram a realizar a vigia na noite da visita secreta, fizeram um sinal discreto ao cruzar com Berenice na comunidade. Berenice disfarçou ao ver para não levantar suspeita. Algum tempo depois, foi até a casa de Sândala para saber das notícias. Ficou estupefata ao saber que a visita secreta usava túnica para não ser identificada. A líder da fraternidade agradeceu às irmãs e pediu para comunicar às demais que continuassem a vigiar e tentassem ver se conseguiam descobrir a data em que estas visitas eram feitas, mês a mês. Berenice decidiu, então, que arriscaria a própria vida para descobrir quem era a visita secreta. Discretamente, voltou ao casarão, pegou um pouco de óleo de cozinha e passou nas dobradiças das portas de seu quarto, de modo que parassem de ranger ao se abrirem. Ficaria à espreita em todos os primeiros dias dos meses subsequentes, para tentar ouvir, atrás das portas da sala principal, a conversa da visita secreta com o Coronel Jeremias. Sabia que poderia morrer, mas era o único jeito de tentar descobrir algo que acreditava ser importante em sua luta para acabar com o seu próprio pai.





CAPÍTULO XVI

O MILAGRE

Poucos meses se passaram e as coisas estavam críticas nas fronteiras. As baixas de homens na comunidade do Coronel Valente eram preocupantes. No casarão, o Coronel havia emagrecido mais ainda por não se alimentar direito. Selena sempre levava um nutritivo prato de sopa que Marlene preparava para ele, tentando ministrar-lhe algumas colheradas. Algumas vezes ele aceitava parte do alimento; em outras, nem aceitava. O Coronel parecia estar sofrendo de autismo e vivendo em outro mundo. Seus olhos eram quase vitrificados e não esboçava nenhuma reação espontânea, a não ser quando tinha as tais ilusões com Constanza. As senhoras da comunidade, suas filhas e netas, bravamente continuavam em oração nos dias e noites chuvosas funestas.

A saúde do Coronel começou a piorar, até que, um dia, Selena acreditou que ele não resistiria e viria a falecer em breve. Antes parecera ensandecido e, mesmo magro e debilitado, não parava de andar pelo quarto e falar com Constanza. Selena percebeu que a indagação constante do diálogo alucinado era quem teria assassinado Constanza. Isto havia se tornado uma fixação para o Coronel. Com o organismo fraco, não estava agüentando andar pelo quarto, sentou-se na cama e não se levantou mais. Uma febre altíssima tomou conta dele e os delírios extrapolavam todos os limites. Selena continuava ouvindo o monólogo, que, para o Coronel, era sempre um diálogo. Alguns momentos depois, o Coronel calou-se e adormeceu, parecendo ter entrado em coma. Desesperada, Selena pediu a uma das senhoras que oravam do lado de fora do casarão para chamar o médico da comunidade, que, prontamente, foi atender ao pedido. Analisou o quadro clínico





do Coronel, informando não haver mais muitas esperanças, pois, se a situação persistisse, o paciente realmente não resistiria. Ouvindo isto, próximo à porta do casarão, uma mulher mandou chamar o sacerdote Ezequiel Malta para dar as bênçãos de partida ao Coronel. Assim foi feito, e Selena permitiu que as mulheres que passaram dias e noites orando pelo Coronel entrassem no casarão e se despedissem. Muitas sentiram-se mal ao ver o Coronel Valente naquele estado crítico. Choravam muito, e duas chegaram a desmaiar de tanta emoção e tristeza. Por volta das dez horas da noite, Selena, em prantos, pediu para fechar as portas do casarão. Queria permanecer só com o Coronel em seu momento de despedida. Em profunda dor, deitou-se ao lado do Coronel na cama de casal. Passava-lhe a mão no peito e lembrava da importância que aquele homem tivera em sua vida, desde o momento que a acolhera com sua mãe. Estava inconformada e começou a clamar que Deus viesse a intervir para salvar o Coronel, pois era um homem bom. Seu clamor ecoava pelo quarto até que uma paz enorme foi tomando conta de seu ser, fazendo com que ela adormecesse. Neste momento, o Coronel acordou e viu a imagem de Constanza de pé, ao lado de sua cama. E perguntou:

- Você veio me buscar, meu amor?
- Não, meu querido. Não chegou sua hora!
- Mas eu não quero mais viver sem você e sem o seu amor.
- Assim como o nosso dia de chegada neste mundo, o dia de partida também não depende de nós!
- Mas eu quero ir para junto de você, cansei desta vida.
- Você não pode partir agora, meu amor! Precisa se restabelecer e ajudar esse povo!
- Não tenho mais forças! Estou desistindo de viver...
- Não fale assim... Outras vidas dependem de você.
- Quem a matou? Quem tirou você de mim?
- Você descobrirá isto na hora certa. Neste momento, as forças do bem estão trabalhando em seu favor.





— Quero partir com você! Quero partir! — falou ele, de forma debilitada e exasperada.

— Não! Você tem que permanecer neste mundo e salvar vidas — e uma pequena pausa silenciosa tomou conta do diálogo.

— Mas eu não tenho forças nem vontade de permanecer — disse ele em voz baixa, devido ao seu estado de fraqueza.

— Acalme-se — disse ela, aproximando-se, e depois prosseguiu: — Esta é a última visita que lhe faço. Não terei mais permissão para vir ao seu encontro em forma de espírito.

— Como? — perguntou ele, aturdido.

— Isto mesmo. Não poderei mais voltar — falava Constanza, com voz serena

— Mas, por quê?

— Porque as forças superiores não permitirão que eu volte para não haver nenhuma interferência no ciclo natural das coisas. Você terá que prosseguir, lutar e salvar esse povo que deposita muita confiança em você.

— Não, meu amor, não vá! — disse o Coronel ao ver que a luz em torno de Constanza começou a diminuir de intensidade.

— Um dia, eu apareço para buscá-lo — disse Constanza, começando a desaparecer lentamente, com um aceno de despedida.

O Coronel estendeu a mão em sua direção e a imagem tocou-lhe espiritualmente a cabeça, fazendo com que aquele homem ficasse repleto de luz. Antes de desaparecer completamente, circundou a cama e se deitou ao lado do Coronel, que a acompanhava com os olhos. A imagem fundiu-se no corpo de Selena. Mãe e filha já eram muito parecidas, mas o Coronel, mesmo após a incorporação, ainda enxergava Constanza ao invés de Selena. Assim, ela lhe abriu um sorriso e ele adormeceu.

Como por milagre, no outro dia o Coronel acordou sem febre alguma. Levantou-se e olhou ternamente Selena deitada ao seu lado, dormindo calmamente. Ele havia entendido o recado de Constanza. Tomou um banho, trocou de roupa, pegou sua arma





e abriu a porta do casarão. As mulheres que lá permaneciam em busca das últimas notícias do Coronel pareceram não acreditar no que estavam vendo. A emoção foi tão grande, que lágrimas rolavam pelos rostos. Algumas se ajoelhavam e gritavam:

— Milagre! Milagre!

Outras ficaram repletas de felicidade e foram em sua direção para abraçá-lo. Sem dizer uma só palavra e obstinado por sua missão, ele desceu as escadas e foi para o curral. Embora magro, o homem moribundo anteriormente parecia estar sob forças celestiais e aparentava estar mais revigorado do que nunca. Montou em seu cavalo e pediu para Emanuel avisar aos anciãos que ele estava assumindo a frente da comunidade. Depois, partiu em retirada com um rápido galope em direção à fronteira.

Ao chegar, viu algumas tendas montadas. Achou estranho, mas não parou e foi até a linha de combate. Quando os homens o viram chegando, levantaram suas armas e deram um grito de alegria. Rapidamente, o Coronel desceu de seu cavalo e foi para lugar seguro. Os primeiros tiros que deu foram certos, como sempre, mostrando que o tempo em que ficara parado não afetara nenhuma de suas habilidades com as armas. Do lado oposto, alguns homens ouviram os gritos e alguns viram, estupefatos, que algo de estranho acontecera, avisando o Coronel Jeremias, que se encontrava atrás da linha de frente.





CAPÍTULO XVII

A DESCOBERTA

Berenice estudava atentamente os dias da visita secreta por um calendário, mas não chegava à conclusão nenhuma. Parecia não ter lógica alguma o dia da visita, mas ela ainda desconfiava de que havia alguma seqüência específica. Cansada de olhar no calendário e não chegar a nenhum veredicto, decidiu tomar um chá na cozinha e, depois, sair. Sentada à mesa da cozinha, voltou a olhar um calendário de parede. Os calendários do século XXII continuavam sendo confeccionados, mesmo com todas as intempéries que ocorriam com o clima e as estações do ano. Observar as datas de início de mês, datas em que a visita ocorria, tornara-se uma obsessão para Berenice. De tanto olhar para o calendário, de repente, a jovem moça deu um pulo da cadeira. Finalmente, compreendera a lógica da visita secreta. Pelas datas informadas pela fraternidade feminina, que se revezava nas noites dos inícios dos meses para registrar a data da visita no casarão, Berenice descobriu que a visita coincidia com a primeira mudança de lua do mês. O calendário que havia em seu quarto não apresentava as mudanças de lua, por ser muito pequeno, mas os maiores, sim, por ainda existir influência destas nas plantações. Berenice ficou feliz demais com sua descoberta e deu um jeito de sair para comunicar a algumas integrantes, solicitando que não se arriscassem mais com as rondas noturnas no início dos meses.

Ansiosamente, Berenice aguardou mudança de lua que estava para suceder. Na data em que a visita ocorreria à noite, ela permaneceu tensa e impaciente. Sua mãe perguntou o que estava acontecendo, mas ela respondeu evasivamente. Por volta das oito da noite, a jovem fechou-se em seu quarto, antes do toque de





recolher do Coronel Jeremias. Deitou-se na cama, pegou um livro e ficou olhando aleatoriamente as letras e as palavras, pois não conseguia concentrar-se. O tempo parecia não passar e ela olhava o relógio periodicamente, sabendo que a visita chegaria entre as dez e meia e onze horas. Começou a imaginar o que faria caso descobrisse algo, quais seriam as suas ações e os procedimentos junto à fraternidade secreta que havia fundado. As horas custaram a passar, mas, enfim, o relógio apontava a faixa de horário esperado. De camisola, levantou-se e pensou que seria interessante não usar nenhum tipo de chinelo ou calçado para evitar barulho. Descalça, seguiu até a porta de seu quarto cuidadosamente. Abriu-a sem que a mesma apresentasse rangido algum. Através de um corredor comprido a jovem seguiu, passando por uma grande sala de estar com uma parede paralela ao local em que se encontrava o Coronel Jeremias. Logo ao fim desta sala, havia uma curva para a esquerda que daria passagem para a entrada do casarão e para a entrada da sala em que o Coronel Jeremias estava reunido. Pelo canto da parede, Berenice espiou para ver se não havia nenhum capanga no corredor interno. Confirmou-se o que ela esperava, o capanga devia estar montando guarda pelo lado externo do casarão. A jovem sentia suas pernas tremendo, enquanto suas mãos suavam frio e seu coração batia muito forte. Lentamente, virou-se e ingressou no corredor, posicionando-se atrás da enorme porta de madeira. Suavemente, encostou o ouvido direito na porta e passou a escutar o seu pai falar com a visita secreta:

— Então, o maldito se recuperou? Como? Você não disse que ele não duraria muito?

— Pois é... Depois que eu matei a vagabunda, ele ficou acabado! Como era de se esperar, enlouqueceu e caiu nas trevas. Não consigo entender o que aconteceu para se recuperar, depois de ter ficado muito pior do que eu imaginava!

— Eu já sabia que ele havia voltado; alguns de meus homens me alertaram após ouvirem uma gritaria na fronteira. Nunca estive





tão perto de conquistar as terras dele. Tenho que pensar em fazer algo, e rápido!

— Então, faça rápido, porque aquele homem parece ter mesmo o corpo fechado.

— Preciso pensar...

— Por que não o ataca pela retaguarda? O acesso pode ser feito pela estrada e lá só há jovens sem comando.

— É uma boa idéia, mas precisarei de mais homens. Desmobilizar a frente de ataque que tenho hoje na fronteira pode ser uma atitude desastrosa com o Coronel Valente de volta à luta. Já ouvi muito falar deste homem! Não sei se tudo é verdade ou boato, mas, na dúvida, é melhor não vacilar.

— Com certeza, Coronel Jeremias! Com certeza! Ele deve estar se organizando, mesmo com as baixas que sofreu. Com aquele homem, tudo é possível de acontecer, prova disto foi ele estar de volta ao combate depois de quase morrer definhando na cama. Veja que incoerência... Um matador destemido quase morrer por dor de amor — disse a visita, completando com uma rápida risada.

— Todos temos pontos fracos, meu caro! Todos! Custou a descobrir que somente a perda da segunda mulher daquele maldito poderia causar-lhe danos de tamanhas proporções. Entretanto, agora ele está recuperado e virá mais forte do que nunca para cima de mim.

— Mas acredito que o senhor ainda tem vantagens sobre...

— Espere! — interrompeu o Coronel Jeremias.

Olhando por cima da mesa, ele reparou que havia uma sombra abaixo da porta e que, provavelmente, alguém estava a escutá-lo. Berenice, ao perceber a interrupção da conversa e o barulho de alguém se levantando da cadeira, partiu imediatamente em retirada para seu quarto. Não podia correr demais para não fazer barulho, mas tinha que ir o mais rápido possível. Seu coração parecia querer sair pela boca. Por sorte, o quarto era um dos primeiros ao ingressar no corredor após a sala de estar lateral. Entrou





rapidamente, no exato instante em que ouviu o Coronel abrir a porta da outra sala. Delicadamente, Berenice fechou a porta e apagou a luz. A encarnação do mal primeiro andou até a porta principal de saída do casarão. Ao abri-la, viu que apenas um capanga montava guarda. Perguntou se ele havia visto algo de estranho ou se tinha entrado no casarão. O capanga, assustado, respondeu que não. Fechou a porta principal e partiu em direção aos aposentos, abrindo a porta do quarto de Berenice. Acendeu a luz e viu a filha deitada com uma colcha sobre o corpo. Abriu a porta dos demais aposentos e ficou intrigado. Foi até a cozinha, verificando se havia alguma janela aberta e olhando em todas as direções. A sua mania de perseguição já o fizera tomar várias atitudes desvairadas sem que nada de concreto tivesse acontecido, mas, daquela vez, ele tinha certeza de ter visto uma sombra. Voltou para a sala e despediu-se da visita secreta. Recomendou que prosseguisse em colher informações para ele, trazendo-as sempre nas ocasiões específicas. Vasculhou tudo novamente, voltando, inclusive, a abrir as portas dos aposentos. Chegou a desconfiar de sua esposa e deu um grito com ela, mas percebeu que ela estava realmente dormindo, ao acordar assustada com os olhos vermelhos de sono. Despiu-se e ficou nu, mandando a mulher tirar a roupa em seguida. Depois que começara o conflito, a data em que recebia a visita era a única ocasião em que o Coronel Jeremias se afastava da fronteira e dormia no casarão. Dona Ronilce já sabia de seus afazeres e, lentamente, começou a tirar a roupa. Ele deu um berro e a mandou despir-se rápido para não perder a ereção. A pobre mulher que nada mais sentia de amor e paixão por aquela besta humana, muito pelo contrário, somente sentia ódio e aversão, ainda era obrigada a manter relações com ele. Mal terminou de se despir, o homem deitou-se sobre ela, fazendo com que seu membro adentrasse suas partes íntimas. Ela não sabia o que doía mais, se era isto ou saber que tinha que se manter viva do lado de um homem pelo qual sentia verdadeiro asco. O pior era quando ele a forçava a ter relações anais. Era





como se o mundo desabasse sobre sua cabeça. O Coronel tinha verdadeiro prazer em fazê-la sentir dor. Em certas ocasiões, ela chegou a pensar em suicídio por viver debaixo da opressão do marido, mas acabou por ponderar ao lembrar-se dos filhos, não querendo deixá-los sós para que fossem criados pela encarnação do mal. Emitindo um som semelhante de porcos quando se acasalam, o Coronel ejaculou e, depois, soltou o corpo de lado. Virou-se e dormiu. Dona Ronilce permanecia largada depois das relações. Era sempre assim, e lágrimas deslizavam por seu rosto, mas não podia fazer barulho com o choro, pois, se o brutamontes acordasse incomodado, ela ainda seria espancada. Um monte de coisas lhe passava pela mente naquelas ocasiões, inclusive o fato de ter-se relacionado com o homem que estuprou Terência.

Berenice, enfim, sentiu que não corria mais risco. Por pouco não fora apanhada pelo seu genitor, que, certamente, a mataria nesta segunda investida, uma afronta descomunal ao desrespeitar o toque de recolher e, principalmente, por estar ouvindo a conversa atrás da porta. Aos poucos, seu coração retomou os pulsos normais e a adrenalina voltou a cair. Agora, a jovem tinha três certezas: a primeira era de que, pela voz, a visita secreta era um homem; a segunda, de que o visitante era alguém que vivia infiltrado nas terras do Coronel Valente; a terceira era de que se tratava de um assassino, assim como seu pai. Na sua mente, ecoava a frase dita pelo assassino:

— Depois que eu matei a vagabunda, ele ficou acabado!

Isto fez com que o ódio de Berenice aumentasse. Vagabunda não era uma forma decente de se chamar uma mulher. Pior ainda era o fato de esta mulher ter sido morta em uma conspiração que envolvia seu pai.





CAPÍTULO XVIII

O CONFLITO

O conflito na fronteira estava acirrado. O Coronel Valente, assim que voltou a lutar, reparou na ausência de José Anastácio. Conversando com membros da comunidade, soube que a barraca pela qual passou ao ir lutar com os homens na fronteira era de José Anastácio. Que líder era aquele que ficava recuado, incapaz de lutar junto aos demais membros da comunidade? O Coronel Valente percebeu que a tropa estava desmotivada pelas baixas. Analisando a situação rapidamente, descobriu que a logística de abastecimento de munições e alimentos estava com sérias falhas. Notou que, vez por outra, José Anastácio permitia, nas tréguas da guerrilha, que as mulheres da noite freqüentassem o acampamento e se deitassem com os combatentes. Enfim, os homens estavam desconcentrados, mal alimentados e desmotivados. Mas o pior de tudo foi quando o Coronel trocou uma espingarda Puma calibre 38 por sua escopeta calibre 12 e percebeu que, enquanto estava usando a munição de seu cinturão, os tiros eram eficientes. Entretanto, quando foi usar a munição destinada ao conflito, reparou que havia algo errado ao ter que dar dois tiros de muito perto para matar um dos homens adversários. Rapidamente o Coronel voltou para uma das trincheiras e abriu alguns cartuchos. Para sua decepção, descobriu que o tipo de chumbo usado nas recargas era de dimensões inferiores, sendo muito mais apropriado para caça de aves. Para uso em conflitos, a espessura do chumbo deveria ser maior. Perguntando sobre quem estava realizando as recargas, descobriu que se tratava do filho de José Anastácio, um jovem de dezessete anos. Alguns tiros depois, o Coronel descobriu que alguns cartuchos chegavam a falhar. Provavelmente, tinham sido





recarregados com uma pólvora úmida ou envelhecida, armazenada fora das condições específicas. Estava claro que isto se tratava de uma sabotagem. Ao perceber isto, o Coronel teve que se organizar rapidamente. Ordenou que alguns homens dessem cobertura à retaguarda dos jovens varões da comunidade, dando-lhes instruções e coordenando o grupo para qualquer possível surpresa no outro lado das terras. Com dois homens, o Coronel destinou-se a cavalo rumo ao acampamento de José Anastácio. Lá chegando, percebeu que estava vazio. Certamente ele se evadira do local há algumas horas, assim que soube do retorno do Coronel. Não muito longe dali, o Coronel avistou alguns cavalos perto da floresta. Possivelmente, os desertores invadiram a mata. Montou seu cavalo e prosseguiu até o local em que avistou os animais. Realmente as pegadas indicavam que eles haviam abandonado os cavalos e estavam infiltrados na floresta. Valente ordenou que dois homens fossem ao centro da comunidade para retirarem das mãos de Valério Henrique, filho de José Anastácio, as atividades de recarga da munição. Deu mais algumas instruções sobre a logística, que deveriam ser transmitidas aos novos homens que ficariam encarregados do abastecimento. Depois, pegou sua arma e a munição boa que havia em uma bolsa em seu cavalo e começou a penetrar a mata. Um dos homens alertou que José Anastácio deveria estar com mais quatro homens armados. O Coronel pediu que cumprissem a tarefa designada por ele e não se preocuparem, pois fazia tempo que não participava de uma caçada.

Realmente, o Coronel conhecia os caminhos da floresta como ninguém. Se os homens haviam deixado os cavalos, é porque queriam uma velocidade maior em alguns trechos. A intuição do Coronel era de que José Anastácio tentaria desertar, chegando o mais próximo das terras de seu arquiinimigo, havendo apenas um pequeno trecho desprotegido, ao se chegar em uma das laterais da floresta, para os desertores passarem ao outro lado da fronteira.

Para o Coronel Valente, José Anastácio estava mancomunado com o Coronel Jeremias. Não demorou muito para que José





Anastácio e seus capangas se perdessem na imensidão da floresta. Através de alguns atalhos, o Coronel Valente se aproximou rapidamente do grupo. Embora os malfeitores tivessem uma vaga noção de direção, a mata fechada sempre trazia armadilhas para os não-habitados a palmilhá-la. Caminhavam em círculos e não demorariam a voltar a passar pelo mesmo lugar. Assim, Valente posicionou-se em ponto estratégico, aguardando que os inexperientes, pretensos matutos, viessem diretamente ao seu encontro. Com a espingarda engatilhada, esperava os que, em breve, deveriam tornar-se habitantes do além. Não demorou muito para que o primeiro sacripanta apontasse na trilha, carregando uma espingarda na mão direita, enquanto usava a esquerda para empurrar um galho que o atrapalhava a passagem. De repente, um estampido rompeu a orquestra musical da floresta. Os pássaros voaram desesperados pelo barulho que ecoou na mata. O matuto foi arremessado para trás e, depois, caiu de costas, só tendo reflexo para colocar a mão no peito e sentir o sangue escorrer. Parecia não acreditar que fora atingido, sentindo a visão sumir. Apavorados, os que vinham atrás recuaram e se distribuíram rapidamente na mata, posicionando suas armas em riste, à procura de alguém no local de onde saíra o tiro que atingiu o companheiro. Tinham uma certeza: para o matuto morto nem perceber que alguém estava na mata, certamente era o Coronel Valente, e iriam todos morrer, seria apenas uma questão de tempo. O Coronel Valente parecia ser um fantasma, ninguém conseguia vê-lo ou ouvir quando se deslocava. Por mais habilidosos que fossem os seus adversários na utilização de suas armas, ninguém havia superado as técnicas e a precisão do Coronel. Somente um milagre poderia salvar suas vidas, mas, na verdade, começaram a não considerar esta hipótese. Suores lhes escorriam pelas testas. O covarde do José Anastácio rastejou de costas até uma pequena vala e, assim que pôde, partiu em retirada desembestada no meio da mata. O Coronel não se importava com isto, pois queria mesmo matar José Anastácio por último. Moveu-se como um espírito na





mata. Apavorados, os homens olhavam em todas as direções, até que o segundo estampido atingiu a testa de um deles, que permanecia deitado apontando a espingarda para o centro da trilha. O projétil atingira o homem de forma indefensável, e este não teve nem dois segundos de reflexo. Os outros dois homens que estavam alinhados com o ex-companheiro se entreolharam em pânico. Não conseguiam saber de onde vinham os tiros. Assim, um deles, em desespero, disparou aleatoriamente no meio da mata. Gastou munição à toa, pois, depois dos tiros, nada havia se alterado, e um silêncio infundável pareceu tomar conta da floresta. Apavorado e num ataque de quem se entrega para a morte, querendo acabar logo com o martírio, pulou na trilha que antes percorria em fuga e saiu correndo, atirando para todos os lados possíveis, até que o terceiro estampido acalmou sua fúria com uma bala cravada nas costas. O Coronel Valente não gostava de matar ninguém pelas costas, mas como o bando estava em maior número e ele não queria aguardar muito para dar fim em José Anastácio, fez exceção ao pobre coitado, que, de uma forma ou de outra, seria executado. Pelas suas contas e pelos rastros que havia analisado, realmente só faltavam dois homens candidatos à vaga de defuntos, um capanga e José Anastácio. O último a permanecer na mata sabia que ficar entocado ou correr daria na mesma, e que não teria chance nenhuma. Resolveu correr em fuga para não adiar seu sofrimento e destino. Escorregou e caiu diversas vezes. Correu como um pobre diabo, talvez mais que José Anastácio. Por um momento, chegou a pensar que estava conseguindo se livrar da morte, até que, ofegante, parou para tentar respirar e tomar fôlego perto de uma grande pedra. Apoiou-se com a mão esquerda na pedra e olhava para o chão, tentando puxar o máximo de ar para os pulmões. Segurava um revólver na mão direita, até que resolveu aprumar-se e endireitar o corpo, quando sentiu a presença de alguém. Olhou rapidamente em todas as direções e nada do Coronel, até que sua espinha gelou. Lentamente, levantou a cabeça ao sentir nela a ponta do cano de uma espingarda. Não estava acreditando no que via após correr





tanto. Valente estava em cima da pedra. Só teve um segundo para pensar:

— Malditos atalhos! Maldito Coronel Valente!

Viu um sorriso no canto da boca do Coronel, que nem cansado aparentava estar. Largou a arma da mão direita, e ajoelhou-se para aguardar o seu destino. Ficou de cócoras, colocando as mãos no rosto e encostando-as na terra. O Coronel não sentiu a menor compaixão ao ver um brutamontes daquele chorando, afinal as baixas tinham sido dadas naquele conflito devido aos traidores. Um quarto estampido voltou a romper o majestoso canto dos pássaros. Aquele morrera com um tiro na nuca.

Um pouco distante dali, José Anastácio ouviu o quarto tiro ecoando pela floresta. Tinha certeza de quais eram os tiros do Coronel, não pelo barulho do disparo da arma, mas pelo espaçamento destes disparos e pelo estilo de quem caçava com frieza. Realmente, vingança era um prato que se comia frio. O Coronel Valente, quando obstinado em combate, era o mais tranqüilo, frio, calculista e implacável dos homens, parecendo não ter o mesmo coração que possuía ao lidar com sua comunidade. José Anastácio, minutos atrás, havia encontrado a trilha que estava a levá-lo na direção certa. Mesmo um pouco pesado, devido à sua estrutura física, corria sem parar, lembrando-se de uma frase sempre repetida pelo Coronel Valente aos membros que defendiam a comunidade em tempos de crise. Visualizava aquele Senhor de Terras, finalizando as instruções para motivar os guerreiros:

— Todos os dias, alguns animais acordam e sabem que terão que correr mais que os seus predadores para não ser devorados e garantir a sua sobrevivência. Em contrapartida, todos os dias os predadores acordam e sabem que terão que correr mais que muitos animais para se alimentar e garantir a permanência de sua espécie.

Depois, o Coronel concluía:

— Se quiserem garantir a sobrevivência de suas famílias em tempos de conflito, ajam como verdadeiros predadores!





Quando terminava de falar isto, os homens erguiam suas armas, soltavam um grito de fervor e aclamavam o líder.

Não faltava muito para José Anastácio chegar ao fim, na extremidade da floresta, perto da fronteira. Teria que andar paralelo ao conflito e por um pequeno trecho de campo aberto, apenas alguns metros distante do confronto. Nem acreditava que precisou dar tantas voltas dentro da floresta para chegar perto da fronteira onde se encontrava anteriormente. De toda forma, a estratégia de entrar na floresta foi para se proteger com as árvores e o declive da mata, embora esperasse ter mais tempo até que o Coronel Valente descobrisse suas falcatruas. Ainda ria ao se lembrar de que muitos homens nem perceberam os motivos que levaram a tantas baixas.

— Muitos caboclos xucros são como gado, a gente arrasta para onde quer — pensava ele.

Talvez alguns até o vissem correndo no pequeno trecho que o levaria às terras do Coronel Jeremias, mas não deveriam atirar, por ainda ignorarem o mal feito aos homens que lutavam no conflito para defesa da comunidade. Certamente o Coronel Valente não teve tempo de avisar a todos. O perigo seria cruzar a fronteira com muito ímpeto e ser alvejado pelos homens do Coronel Jeremias. Decidira que largaria a arma e correria com as mãos levantadas, pedindo para não atirarem, rezando para que o Coronel Jeremias o reconhecesse e mandasse suspender fogo. O risco era sua única chance!

Mais alguns passos e, contente, José Anastácio avistou, a poucos metros, o final da floresta. Respirou aliviado, pois não havia nenhum sinal do Coronel Valente até o momento. Pôs-se a caminhar firme, em direção ao destino desejado. Passou o revólver para a mão esquerda, pois precisava apoiar-se com a direita em uma grande árvore, para pular suas raízes. Ao passar a árvore, teve a sensação de que não estava só. Um suor frio escorria-lhe pelo rosto e, sentindo seu corpo gélido, olhou para o lado, não acreditando no que via. O Coronel Valente, encostado na árvore,





friamente, com a mão esquerda, apontava a espingarda engatilhada para sua cabeça. Era só “coçar” o gatilho e pronto, estaria tudo consumado. O Coronel voltou a sorrir com o canto da boca e, depois, disse:

— Ora, ora, se não temos um traidor aqui!

— Maldito! — disse José Anastácio, sentindo seu coração acelerar como nunca.

— Sabe... Eu confesso que errei com você... — disse Valente, calmo, sem alterar a posição em que se encontrava.

— Errou? — perguntou o infeliz, imóvel e iludido, pensando em ganhar tempo.

— Errei! Eu jamais deveria ter permitido que você vivesse em minha comunidade.

— Pois é... Até os homens mais inteligentes erram um dia! — respondeu em tom cínico.

— Mas nunca é tarde para corrigir o que fiz de errado, não acha?

— Então, vamos... Acabe logo com isto! Puxe logo o gatilho! — disse ele, já sem grandes esperanças.

— Se assim deseja, é uma honra atender ao seu último pedido. De mais a mais, não gosto de deixar o inferno esperando. Mas, antes, só gostaria de saber uma coisinha... Foi você quem matou Constanza?

— Não me lembro de nenhuma vaca com esse nome! — disse José Anastácio nervosamente, soltando, em seguida, uma gargalhada irônica.

— Vaca é a sua geratriz! Aquela prostituta com o sexo mais largo do que a de uma égua. Sua mãe deve ter tido vergonha de parir você, ao vê-lo despencar de cabeça no chão ao cair daquela vagina fétida, flácida e arreganhada, no mesmo dia em que transou com mais de cem homens. É por isso que você nasceu deste jeito, uma aberração da natureza! — concluiu o Coronel, alterando o tom de voz.

Muito nervoso ao escutar o insulto, em última tentativa, José





Anastácio levantou a mão direita rapidamente, acertando o cano da espingarda, mas, antes que desse mais um passo, o Coronel, que continuava encostado, de costas para a árvore e em cima de uma raiz, acertou sua face com a botina, e ele rolou, tentando posicionar o revólver que estava em sua mão esquerda. Quando estava quase conseguindo enquadrar a mira para acertar o Coronel, o quinto estampido derradeiro ecoou na floresta e um projétil foi alojado no meio da testa de José Anastácio. Sem fechar os olhos, a imagem do Coronel de pé, à sua frente, foi sumindo lentamente, mas, antes que desse o último suspiro, ainda o viu cuspir-lhe na face. O Coronel deu uma última olhada no indecente, que morreu sem dizer se era o assassino de sua amada. Durante alguns instantes, ainda ficou olhando para José Anastácio, muito satisfeito por tê-lo matado. Antes de partir, sentiu sua bexiga cheia de urina. Abriu o zíper da calça, virou-se e urinou naquele corpo estático, que permanecia de olhos abertos. Depois, foi embora retornando para a fronteira, com pena dos pobres abutres que se alimentariam de sua carne putrefata.





CAPÍTULO XIX

A REUNIÃO DA ORDEM

O Coronel Jeremias, descontrolado, andava de um lado para o outro no acampamento. Referia-se ao seu adversário e oponente com as piores palavras já ditas por alguém. Jamais esteve tão perto de uma vitória sobre o Coronel Valente. Entretanto, desde que aquele Senhor de Terras de uma das maiores e melhores comunidades voltara ao combate, as batalhas, antes favoráveis, começaram a se equilibrar. Seria uma questão de tempo para que o Coronel Valente revertesse o jogo e começasse a ter vantagens. Sentia que, daquela vez, a coisa não deveria ficar apenas em uma simples defesa de fronteira. Provavelmente, desejando vingança pela morte de sua companheira e vendo o estrago que ele havia feito com a morte de bons homens daquela comunidade, o Coronel Jeremias tinha o pressentimento aguçado de que, daquela feita, o Coronel Valente lutaria até que um deles morresse. A encarnação do mal, mesmo já tendo ouvido falar muito da capacidade de Valente, parecia não acreditar que, sob a coordenação daquele líder, pudesse sofrer ataques tão eficientes. Precisava tomar uma atitude rápida. A última opção era a fuga. Pela primeira vez, em desespero, reuniu alguns de seus homens para ver se conseguia alguma idéia, mas eram desalmados matadores e só sabiam cumprir as ordens de seu Senhor de Terras, tendo pouquíssima inteligência para ajudá-lo. Teria que usar sozinho o seu cérebro para continuar sendo o arquiteto da maldade, como sempre fora.

Enquanto isto, no centro de sua comunidade, Berenice resolveu realizar uma reunião secreta para relatar os últimos acontecimentos e suas descobertas. Como sabia que seu genitor estava atordoado





e mais ocupado do que nunca com a batalha, estava mais à vontade para reunir a irmandade feminina em sua totalidade. Logicamente, a reunião haveria de ser às escondidas, pois seria drástico caso algum capanga descobrisse e dedurasse tudo. Se isto acontecesse, não sobraria pedra sobre pedra. Muito discretas, todas se vestiram com um hábito preto e, em horários alternados, foram se reunindo no porão, organizadamente. Acenderam as velas e aguardaram a líder pronunciar a abertura da sessão. Sob o pseudônimo de Anita Garibaldi, Berenice deu andamento à reunião. Primeiramente, compartilhou com todas a descoberta da data em que a visita sombria vinha conversar com a encarnação do mal, pois somente algumas foram informadas na ocasião. Depois, comunicou tudo o que ouvira, proveniente do misterioso homem encapuzado durante a visita ao Coronel Jeremias. Passou a palavra para as participantes, ouvindo atentamente uma a uma. Muitas comunicaram estar preocupadas; algumas, amedrontadas e receosas de serem flagradas. A palavra voltou para a irmã Anita Garibaldi. Fez silêncio por alguns instantes e depois disse:

— Minhas queridas irmãs... Se ficarmos com medo, o mal também nos dominará! Nossas vidas jamais terão sossego enquanto permanecermos debaixo do espírito malévolo do Coronel Jeremias. A palavra está novamente com as irmãs!

Erguendo as mãos, uma de suas melhores amigas pediu a palavra.

— A palavra é sua minha querida irmã, Simone de Beauvoir!

Levantando e permanecendo a ordem segundo um rito secreto, com voz suave, a jovem fez a seguinte colocação:

— Precisamos de aliados, agora que temos informações, alguém que nos ajude. Já pensei em algumas pessoas, mas tenho receio de que acabem por denunciar nossas intenções — e sentou-se após falar.

Outra irmã, que atendia sob o codinome de Olga Benário Prestes, pediu a palavra com um sinal de costume, levantando-se, assim que recebeu a permissão, e sugerindo:





— Temos que fazer estas informações chegarem ao Coronel Valente, ele é o único capaz de pôr fim ao Coronel Jeremias e nesta opressão em que vivemos!

Algumas das presentes se entreolharam. Outras começaram a proferir palavras em paralelo, alegando que aquilo era uma coisa impossível de acontecer. Não poderia haver conversas simultâneas durante as sessões, pois existia um ritual do conhecimento de todas mantido em segredo entre as integrantes da ordem. Era conhecido apenas pelas integrantes, não podendo ser revelado de forma alguma. Entre as regras, cada qual só poderia falar individualmente com a autorização da líder eleita. A irmã Anita Garibaldi bateu fortemente com a mão em uma velha mesa de madeira à sua frente e disse:

— Ordem! Vocês bem sabem que não podem falar sem que a palavra seja devidamente concedida! — e silenciou por alguns segundos, observando a reação das demais, que se acalmaram, e depois prosseguiu: — A irmã Simone De Beauvoir está certa! Se existe alguém que pode pôr fim em tamanha maldade, este é o Coronel Valente! Só precisamos descobrir como fazer isto! Não temos como ingressar nas terras dele e, simplesmente, dizer que existe um traidor que costuma trazer informações ao Coronel Jeremias.

Levantando a mão, a irmã Marilena Chauí resolveu falar ao obter a permissão da líder.

— Existem algumas pessoas que podem tornar-se aliadas e nos ajudar, mas, para isto, teremos de revelar o que aconteceu com Terência.

A moça permaneceu de pé aos olhares atentos e estarecidos da fraternidade feminina, mas, antes que continuasse seu pensamento, a líder Anita Garibaldi o captou e disse:

— Pode se sentar, minha irmã! Você tem toda razão! Se existe alguém que pode se aliar a nós, estes são os pais de Terência e





Gesuel. Irei procurá-los e explicar a situação. Alguém tem mais alguma sugestão a dar? — perguntou a líder.

Como ninguém queria usar a palavra, procedeu com o encerramento da reunião. As integrantes da sociedade secreta foram saindo discretamente, aos poucos, tão silenciosas como no momento em que chegaram. Pela escuridão da noite, as moças se dissiparam como borrfios no ar, despercebidas dos poucos homens que mal faziam a habitual ronda e, em algumas ocasiões, ainda permaneciam bêbados. Quando o Coronel Jeremias não estava no seio de sua comunidade, os homens incumbidos da tarefa de vigia ficavam muito relaxados e desatentos.

No dia seguinte, Berenice tratou imediatamente de procurar o pai de Gesuel. Preferiu, primeiramente, ele ao invés do pai de Terência, a quem o impacto da notícia seria bem maior. O pai de Gesuel ouviu atentamente a moça. Depois, com uma lágrima de raiva escorrendo-lhe pelo rosto, deu um murro na mesa, seguido com um grito de dor, dizendo:

— Eu sabia! Eu sabia que aquele demônio tinha algo a ver com tudo isto! Eu só não tinha como provar!

— Eu sei que é muito difícil para o senhor, mas acalme-se! Com a cabeça quente não conseguiremos reparar qualquer situação!

— Tem razão... — disse o homem, soltando um suspiro que levou quase todo o ar de seus pulmões para fora.

— Sente-se! Temos que nos organizar. O senhor acha que devemos contar isto ao pai de Terência? — indagou Berenice.

— Com certeza! Acontece que o pai de Terência foi abastecer os homens envolvidos na batalha. Deverá voltar ao centro da comunidade apenas mais tarde.

— O senhor acha que ele não tentará fazer nenhuma besteira ao saber o que realmente aconteceu?

— Sinceramente... Receio que sim!

— E como faremos, então?

— Teremos que controlá-lo e convencê-lo de que, se tentar





agir sozinho, morrerá, e ainda poderemos perder a única chance de derrotar o demônio do Coronel Jeremias.

— Convicente! — respondeu a moça. — Para derrotar aquele maldito, precisamos nos organizar e agir em equipe.

— Está completamente correta, minha jovem! Vamos conversar com ele mais tarde. Assim que o pai de Terência chegar nas imediações, pedirei para minha filha discretamente avisá-la, e juntos conversaremos com ele.

— Obrigada. Ficarei aguardando.

Mais tarde, o pai de Terência retornou ao centro da comunidade. Tentando uma espécie de proeza para não dar o forte impacto da notícia diretamente ao homem, Berenice desdobrou-se em vão, e não conseguiu amainar os fatos. Quando, finalmente, contou que Terência fora violentada pela encarnação do mal, o homem exasperou-se, levantando-se para pegar a sua arma, e foi contido pelo pai de Gesuel, que alegou também estar revoltado, mas seria tolice tentar matar o Coronel Jeremias, um doente desconfiado, cercado de jagunços e que não dava as costas para ninguém que dele se aproximasse, mesmo sendo gente de sua própria comunidade. O pai de Terência também comentou que desconfiava da participação do Coronel Jeremias no episódio da morte de sua filha. Cultivava tanta desconfiança que notou o maldito ficar cabreiro em relação a ele, instante em que também percebeu que era uma dádiva ter permanecido vivo, pois se, naquela ocasião, a mente doentia do Coronel se incomodasse com a desconfiança, poderia ter lhe dado um tiro pelas ventas. Certamente o maldito não o tinha considerado uma ameaça até então, talvez por achá-lo ignorante demais para chegar a qualquer conclusão sobre a morte de Terência. Após tranquilizá-lo, Berenice e o pai de Gesuel traçaram um plano arriscado, mas que seria uma das únicas formas de vitória. O pai de Terência era um dos homens que conduzia uma das carroças para trocar alimentos na cidade por outras coisas úteis à comunidade. Berenice escreveria um bilhete que ele tentaria fazer chegar às mãos do Coronel





Valente na próxima empreitada até a cidade, que aconteceria nos próximos dias.

Naquele mesmo dia, o Coronel Jeremias chegou à conclusão de que a única forma de vencer o Coronel Valente seria através da contratação de mercenários. Como não havia dinheiro naquela época, oferecer-lhes-ia a oportunidade de viver no campo, coisa almejada por muitos.





CAPÍTULO XX

A REVIRAVOLTA

O Coronel Valente continuava a comandar de forma competente seus homens no campo de batalha. Organizou a frente de ataque em colunas, o que lhe permitiria grande vantagem sobre o inimigo, começando a avançar e a ganhar espaço no combate. As baixas do outro lado aumentaram e, daquela vez, o Coronel queria o sangue de seu arquiinimigo. Algum sentimento interior o induzia a crer que José Anastácio não era o assassino de Constanza. O assassino estava vivíssimo. A intuição do líder apontava o Coronel Jeremias como planejador e mandante do assassinato. Desta forma, lutaria até o fim com todas as suas forças para exterminar seu adversário da face da Terra. O risco de morrer naquele conflito também existia, mas não se importava com isto. A única certeza que tinha na vida era a de que morreria um dia e que cabia a Deus escolher a sua hora da partida.

Do outro lado da fronteira, o Coronel Jeremias mal conseguia dormir durante as noites, nem mesmo quando havia trégua de ambos os lados, devido ao cansaço das batalhas diurnas mais intensas. Aquela não era nenhuma guerra dos cem anos, mas, pelos meses em que se arrastavam os conflitos, a mesma parecia perdurar uma eternidade. Nas poucas vezes em que conseguia pegar no sono, o fantasma de Terência aparecia para assombrá-lo. Sua mente estava ficando pior a cada dia. Sua loucura e insanidade transbordavam além dos limites da razão e da compreensão. Seus gritos com os homens mais pareciam ganidos do que qualquer outra coisa. Já havia solicitado a José Emboava, pai de Terência, com mais outros homens de que mal podia dispor, que fossem com carroças até a cidade fazer a proposta para





angariar mercenários. Era muito provável que conseguisse um bom número de jovens e adultos. Na cidade, ainda havia conflitos entre o exército do governo e as forças rebeldes. Entre os rebeldes, não conseguiriam trazer ninguém, pois eles almejavam o poder no que restara das cidades. Entretanto, existiam as gangues, com jovens violentos que não pertenciam a nenhuma facção das forças urbanas de combate. Alguns membros de gangues certamente aceitariam lutar. Esta era a última esperança do Coronel Jeremias, que se lamentava por não ter atacado as terras do Coronel Valente pela retaguarda enquanto este se encontrava adoecido. Na verdade, a encarnação do mal não contava mesmo com sua recuperação, achando que ganharia a guerra. Triste ilusão!

Logo cedo, seguiram pela estrada as compridas carroças da comunidade do Coronel Jeremias. Zé Emboava, estrategicamente, decidiu conduzir a última carroça do comboio. Muito em breve, passaria próximo à entrada principal das terras do Coronel Valente. Seu coração parecia querer saltar-lhe pela boca. A adrenalina já havia contaminado seu sangue. Rememorava o plano que havia elaborado com Berenice e João Batista, pai de Gesuel. Havia preparado sua carroça para que apresentasse um defeito na roda direita em ocasião oportuna. Com os socos e solavancos, estava receoso, inclusive, de que a roda apresentasse defeito antes do programado. Até então, estava desviando-se dos maiores buracos da estrada de terra, o máximo que podia. Quando notou que se aproximava da comunidade do Coronel Valente, aumentou um pouco a velocidade da carroça e começou a passar com a roda direita em cima dos piores buracos. Discretamente, olhava para a roda, que se soltaria em breve. Conduziu a carroça um pouco mais para a direita ao ver uma vala profunda. Não deu outra... Finalmente, conseguiu seu intento. O barulho chamou a atenção do condutor à sua frente. O homem puxou as rédeas e foi prestar-lhe socorro. Zé Emboava, matuto velho, o dispensou, pedindo que fosse adiante com o demais para a cidade, pois o Coronel Jeremias tinha pressa na procura de mercenários. Disse que daria





um jeito de arrumar a carroça e prosseguiria assim que possível. O homem assim fez, respeitando a decisão do companheiro.

Zé Emboava pegou uma pequena flâmula branca, que trazia escondida na carroça, e a amarrou em um pedaço de galho mais comprido, que habilmente cortou próximo a uma cerca. Desta forma, tinha uma improvisada bandeira branca, símbolo muito antigo de paz, utilizado por alguém que desejasse se render, hábito ainda presente em batalhas das comunidades no século XXII. Com uma mão erguida e a outra balançando a bandeira, foi adentrando as terras do Coronel Valente, ao perceber que não podia mais ser observado pelo último companheiro. Com o coração na mão, logo percebeu que havia sido notado por um grupo armado próximo de algumas residências. O Coronel Valente havia instruído alguns homens mais experientes para permanecerem junto aos jovens e comandá-los em uma possível invasão pela retaguarda. Caso o Coronel Jeremias tentasse invadir as terras pela retaguarda, um mensageiro deveria avisá-lo do outro lado, para que remanejasse alguns de seus homens e pudesse cobrir ambos os lados.

Zé Emboava suava e sentia as gotas escorrendo-lhe rosto abaixo. Não era tanto o calor, mas o receio de morrer sem cumprir sua missão. Ele nem pensava em abaixar uma das mãos para limpar o suor. O menor movimento de hostilidade poderia ser o seu fim. Os latidos dos cães juntaram-se ao barulho dos ventos nos ouvidos, e logo o estampido de um tiro ecoou, fazendo com que as suas pernas começassem a tremer. O projétil pegou perto de seu pé, levantando uma touceira e jogando terra meio metro acima. A uns cinqüenta metros adiante, percebeu que os jovens atrás de algumas barricadas não estavam para brincadeiras. Parou e permaneceu chacoalhando a bandeira, aguardando até que alguém viesse em sua direção. Um homem entre os jovens acenou com a cabeça para que outro jovem montasse um cavalo que estava atrás da casa, indo rapidamente sob cobertura armada dos demais em direção de Zé Emboava, que, trêmulo, sentia a respiração ofegante.





Com todos os rifles mirados em sua direção, aguardou até que o jovem com a arma apontada chegasse. Começou a orar, invocando a proteção dos céus. O galope do cavalo ainda parecia fazer tremer a terra quando o jovem se aproximou e disse ríspidamente:

— De onde é e o que você quer?

— Sou da comunidade do Coronel Jeremias. Venho em paz e estou desarmado! — falou, tendo a sensação de que sua voz não queria sair.

— O que faz aqui?

— Tenho uma mensagem para dar ao Coronel Valente.

— Uma mensagem?

— É... Uma mensagem!

— Não sabe que estamos em tempos de conflitos?

— Claro que sei! Mas preciso falar com o seu Coronel. É muito importante!

Ressabiado, o jovem deu a volta e partiu em carreira desenfreada na direção de Joaquim, o experiente homem que comandava aquele grupo. Repetiu o que ouvira, e Joaquim ordenou que trouxesse o homem até ele. Deveria soltar a flâmula e se aproximar com as mãos erguidas. Assim que Zé Emboava chegou mais perto, Joaquim pediu para que uma revista fosse realizada no suposto inimigo para verificar se realmente este estava desarmado. Ordenou que os jovens amarrassem as mãos dele para trás da cintura. Depois, checkou pessoalmente para verificar se a amarra estava bem feita. Pediu cobertura de Miguel ao grupo que ficaria temporariamente sem ele no comando. Miguel também era experiente e comandava outro grupo de jovens, não muito distante dali. Joaquim teria que se afastar para conduzir o homem até o Coronel. Não queria confiar uma atribuição de tamanha responsabilidade para jovens que até sabiam atirar, mas que não tinham muita malícia diante dos matutos que viviam nas comunidades daquele tempo.

Pediu para que outro cavalo fosse preparado para levar o homem. Montou e, com uma corda, foi puxando o outro animal





com Zé Emboava, que teve de se equilibrar como pôde com suas mãos amarradas. Não podia galopar rápido puxando outro animal. Partiu em direção ao outro lado da comunidade em que se encontrava o Coronel Valente. Cerca de uma hora após, atingiu o centro. Alguns olharam de forma esquisita, sem entender o que se passava. Marlene chegou a perguntar do que se tratava. Mas Joaquim limitou-se a dizer que era um inimigo que fora capturado. Ezequiel Malta, o sacerdote, ficou estranhamente impressionado ao ver o homem amarrado. As mulheres da comunidade ficaram tensas com a movimentação, querendo saber de que se tratava. Joaquim resolveu deixar Zé Emboava amarrado no celeiro e deu um revólver a Emanuel. Ordenou que atirasse diante de qualquer atitude estranha. Seria muito mais rápido galopar até o Coronel Valente e retornar com ele ao centro da comunidade do que levar o homem amarrado até lá. Assim o fez em cavalgada vertiginosa. A lateral da mata produzia uma imagem que se assemelhava a um risco verde ao galope. Depois de algum tempo, Joaquim chegou próximo à fronteira. Desceu ofegante, olhando para todos e perguntando sobre o paradeiro do Coronel Valente, engasgado por tentar respirar e falar ao mesmo tempo. Um dos homens disse que o Coronel estava lutando em uma colina mais à frente e que era arriscado deslocar-se até lá. Disse que era um caso de vida ou morte e que, se preciso fosse, se deslocaria até lá de qualquer maneira. O homem pediu-lhe para aguardar protegido por uma barricada, e ele mesmo se encarregaria de se deslocar até o Coronel para chamá-lo. Encontrou o Coronel em uma trincheira, tendo que dar muitos tiros e quase morrer por se arriscar naquela empreitada, informando-lhe que Joaquim desejava falar com ele. O Coronel achou que só poderia ser uma coisa muito importante para que Joaquim tivesse abandonado o seu posto e ter ido ao seu encontro na fronteira. Pediu cobertura de tiro aos homens que ali se encontravam e partiu sem dar as costas, atirando com um rifle, escondendo-se atrás de pequenas elevações, até chegar a Joaquim. Joaquim informou-lhe sobre tudo o que havia





acontecido, partindo ambos a cavalo rumo ao centro da comunidade. O Coronel galopou com todas as forças de seu cavalo. Pediu para desamarrar o homem. Emanuel olhou com estranheza e comentou:

— E se ele fugir, Coronel?

— Se ele tentar fugir, terá um encontro com o além adiantado! Não creio que vá fugir, afinal entrou nestas terras caminhando com as próprias pernas. Quem é você? — perguntou o Coronel, em tom alto, olhando para o homem.

— Sou Zé Emboava — respondeu com voz trêmula e um pouco baixa.

— Mora nas terras do Coronel Jeremias?

— Moro sim senhor, Coronel.

— E o que veio fazer em minha comunidade?

— Venho trazer um recado da filha do Coronel Jeremias para o senhor.

— Recado?

— Sim, um recado que pode ajudá-lo.

— E por que diabos a filha daquele maldito quer me ajudar?

— Ela não agüenta mais viver debaixo da opressão do Coronel Jeremias.

— Só por isto?

— Ela foi espancada e minha filha suicidou-se por causa daquele maldito!

O Coronel Valente argüia de forma desconfiada, mas alguma coisa transmitia sinceridade nos olhos daquele homem. Prosseguiu com a fala:

— Não acredito no que está falando!

— Então, por que motivos o Coronel acha que eu arrisquei minha vida vindo trazer uma notícia para o senhor?

— Sei lá! Da parte daquele mentecapto tudo é possível!

— Concordo! Aquele maldito foi capaz de levar minha filha à morte! — disse o homem desesperado e desabando em lágrimas. Desta vez, sua feição era de dor e de raiva. Depois de alguns





segundos soluçando, se recompôs e prosseguiu — Pelo menos ouça o que eu tenho a lhe dizer!

— Desembucha, homem! O quem tem e me dizer?

— Existe um traidor em suas terras que leva informações durante a noite ao Coronel Jeremias, sempre que ocorre a primeira mudança de lua de cada mês.

— Primeira mudança de lua? Mas que conversa é esta?

— Pode acreditar, Coronel. É verdade!

O Coronel respirou fundo e começou a refletir. Fixamente imaginava quem poderia sair da comunidade para fazer uma coisa destas. O Coronel tinha algumas desconfianças. Então, prosseguiu:

— Como é esse homem? Quero a descrição dele!

— Eu não sei!

— Não sabe? Como não sabe?

— Tudo o que sei é que ele entra nas terras depois do toque de recolher, sempre encapuzado e acompanhado dos capangas do Coronel Jeremias.

— Encapuzado?

— Esta é a notícia que tenho! É tudo o que sei!

— E como você conseguiu chegar até aqui sem que o seu Coronel descobrisse? Você fugiu de sua comunidade?

— Não... Estou indo recrutar mercenários para lutar contra o senhor nas fronteiras, a pedido daquele maldito. Conduzia minha carroça por último e providenciei para que um problema surgisse na roda, só para dar este recado de Berenice.

— Berenice?

— É... A filha do Coronel Jeremias.

— Correto, homem... Mas por que este interesse em me ajudar agora?

— Estamos cansados de viver sob a opressão e debaixo do punho do Coronel Jeremias. Ele está ficando cada vez mais louco e sanguinário. Está perdendo o controle.

— E o que vocês esperam de mim?

— O senhor é o único que tem condições de matá-lo e pôr





fim em tudo isto. Ele é a própria encarnação do mal. Um demônio em forma de gente!

Atordoado, o Coronel pensava em tudo o que tinha escutado. Existia uma lógica em tudo aquilo, inclusive a questão de o Coronel Jeremias estar procurando contratar mercenários fazia muito sentido. Prosseguiu:

— Quantos mercenários o seu Coronel irá contratar?

— Quantos couberem nas carroças. Terei que partir em breve para não descobrirem o que aconteceu!

— E por quais motivos acha que irei liberá-lo ou deixá-lo vivo? Tenho verdadeira aversão pelo seu Coronel!

— O senhor não gosta dele, mas eu não tenho culpa. Também não gosto dele pelo que fez à minha filha. Sou apenas um pobre velho que arriscou entrar desarmado em suas terras para lhe dar um recado e ajudá-lo. Por que me mataria?

— Não sei... Talvez porque já tenha me arrependido de não ter matado algumas pessoas que já me traíram nesta vida.

— Por favor, Coronel! E lhe suplico! Deixe-me ir! Ainda tenho esposa e filhos para criar — disse o homem, caindo em prantos, de joelhos, aos pés do Coronel Valente.

Em anos anteriores, talvez o Coronel tivesse ficado comovido ou emocionado. Mas ele sabia que extrema sensibilidade poderia levar um homem à ruína naquela época, haja vista o que ele havia passado recentemente. De toda forma, sua intuição sempre muito forte alertava que aquele homem era inocente e que havia realmente arriscado o pescoço ao chegar até ali. Concluiu:

— Pois bem! Pode ir embora!

— Coronel? Acha prudente soltar este homem? — perguntou Emanuel.

— Podemos dispensá-lo! Joaquim... Acompanhe este homem para fora de nossas terras — ordenou o Coronel.

— Sim, senhor! — disse Joaquim, pegando Zé Emboava firme pelo braço para cumprir as ordens do Coronel.





— Só dê as costas a ele depois que partir! — recomendou o Coronel.

— Pode deixar! Irei acompanhá-lo até a estrada! — disse Joaquim.

— Só mais uma coisa... — disse o Coronel Valente, olhando fixamente para Zé Emboava — Se estiver mentindo, farei questão de pessoalmente dar fim em você depois que eu matar o seu Coronel!

Zé Emboava olhou para o Coronel com ar de agradecimento e abaixou a cabeça, sendo retirado por Joaquim, que, armado, o escoltou até a estrada, permitindo que cavalgasse um pouco à frente, não o perdendo da mira de seu revólver. Chegando lá, verificou que a versão contada pelo homem procedia quanto ao problema providenciado na carroça. Zé Emboava tinha pouco tempo para arrumar a carroça e ir ao encontro dos demais homens na cidade. Chegaria atrasado e deveriam voltar nos próximos dias com o maior número de mercenários que conseguissem engajar. O Coronel Valente tinha que pensar rápido. Aqueles mercenários poderiam até não ser os melhores atiradores, mas, possivelmente, causariam sérios problemas ao fortalecerem as frentes do Coronel Jeremias. Quando o Coronel Valente estava saindo, sentiu uma mulher em prantos pegando-o pelo braço. Era Dona Jaqueline, a mãe de Marla, que disse, afobada:

— Coronel! O senhor precisa me ajudar!

— Ajudá-la? O que está acontecendo?

— Minha filha acaba de se matar! Ela deu um tiro na própria cabeça! Deixou este bilhete... — disse a mulher, entregando-lhe, com as mãos trêmulas, o bilhete todo respingado de sangue.

O Coronel sempre achou Marla uma jovem depressiva, durante sua relação com Selena, quando teve tempo de conviver e saber um pouco mais sobre o jeito de ser da jovem. Ao ler o bilhete, o Coronel observou que se tratava de uma carta de despedida em que a moça declarava o seu amor por Selena, ressaltando, inclusive, que achava a vida injusta e estava cansada de ser molestada pelo





sacerdote da comunidade. O Coronel Valente desde o princípio nunca fora com as fuças de Ezequiel Malta. Refletiu um pouco e disse:

— Onde está esse maldito? — falou, dirigindo-se a Dona Jaqueline.

— Ele fugiu após espancar minha filha. Ela chegou muito machucada em casa, toda ensangüentada e trancou-se no quarto. Depois de um tempo em que bati sem parar e sem ter resposta, ouvi o barulho do disparo. Meu filho chegou em casa neste instante e me ajudou a arrombar a porta e... — não conseguiu concluir a mulher emocionada, que agora chorava desolada.

— Não precisa falar mais nada! Alguém sabe para onde foi este homem? — gritou o Coronel, olhando para os que ali estavam.

Àquela altura, já se havia formado um semicírculo em frente do celeiro, quando um jovem aquietou a multidão ao dizer:

— Eu o vi correndo em direção à floresta, mas ele estava estranho!

— Obrigado, meu rapaz! — disse o Coronel, montando seu cavalo e partindo em direção à floresta.

Aquele dia parecia não ter fim. Logo cedo teve uma das piores batalhas na fronteira. Depois, a visita inesperada, e, agora, mais este enrosco para resolver. Tudo isto acontecendo, e sua mente parecia ferver como um caldeirão. Um turbilhão de idéias e pensamentos ia passando por sua cabeça com as informações trazidas pelo tal membro da comunidade do Coronel Jeremias. Rapidamente, o líder chegou à floresta para começar uma outra caçada. Acreditava que, daquela vez, seria mais fácil, pois, por pior caráter que fosse o sacerdote, ele poderia estar armado, mas não deveria ter prática de atirar e, tampouco, habilidade alguma para transpor a mata fechada. Devia ter corrido para lá por ser um dos lugares mais próximos para se proteger. Isto faria sentido se quem o estivesse procurando fosse outra pessoa ao invés do Coronel Valente, que, num instante, surpreendeu Ezequiel Malta, atemorizado no meio mata. Ao vê-lo, tentou sacar a arma, mas,





antes que o fizesse, os canos da cartucheira do Coronel já estavam do lado esquerdo de sua cabeça, e uma voz ecoou:

— Ora, ora, o que temos aqui! Um homem que diz pertencer ao Deus amado! — disse, com um sorriso tenso, o Coronel. — E o pior de tudo... Armado! Acho que Deus hoje não estará aqui para protegê-lo. Você deve ter sido um mau rapaz e não andou fazendo as lições de casa. Solte esta arma imediatamente no chão!

Ao soltar a arma, o Coronel acertou-lhe um murro com toda força no rosto, quebrando-lhe o nariz e fazendo com que o sangue escorresse, enquanto o sacerdote permanecia sentindo o ardor das narinas queimando, com a visão turva e os olhos cheios de lágrimas devido à pancada.

— Sabe de uma coisa? Eu nunca gostei de você! Também... Boa coisa você não poderia ser, ainda mais considerando uma das pessoas o apresentou a mim. Só tenho pena das aves que se alimentarão da carne putrefata dele aqui na floresta. Poderia fazer o mesmo com você, mas não vai ter graça. Não quero ficar poluindo a mata com tanta coisa ruim. Confesso que você surpreendeu muita gente, afinal um sacerdote que fala em nome de Deus está acima de qualquer suspeita, não é? Vamos embora! — disse o Coronel, recolhendo o revólver calibre 38 que Ezequiel soltou no chão e colocando-o na cintura.

Empurrou bruscamente o sacerdote até sair da floresta. Sem dizer palavra, este sabia que algo muito ruim lhe aconteceria. Já estava entardecendo quando chegou próximo ao celeiro. Emanuel contou-lhe que o médico da comunidade havia relatado que a jovem Marla, além de espancada, também fora violentada antes de suicidar-se. O Coronel, que trouxera o sacerdote sob a mira de sua cartucheira, exaltou-se e acertou com a parte de trás da arma na nuca de Ezequiel, que desmaiou e desabou. Pediu para Emanuel arrastá-lo para dentro do celeiro, e fechar, em seguida, as enormes portas do galpão. Primeiramente despiu, e depois amarrou o sacerdote. Emanuel olhava atentamente sem compreender. Só pôde entender quando ouviu o líder:





— Quero que faça com ele o que ele fez com a moça!

— Eu? — perguntou Emanuel, assustado.

— Existe mais alguém aqui dentro?

— Mas, Coronel...

— Sem comentários, meu rapaz! Um pacifista disse, certa vez, que olho por olho e o mundo acabaria cego. Nesta época em que vivemos, toda regra tem exceção. Faça com ele o que ele fez com a moça!

— Mas, Coronel, nunca fiz isto com um homem antes!

— Sempre existe a primeira vez! Pensa que eu não sei de seus atos bizarros com os animais? Se você faz com animais, também vai conseguir fazer com este homem, que, aliás, não deixa de ser um outro tipo de animal. Siga minhas ordens e não deixe este maldito fugir. Se alguém tentar libertá-lo, mate! Cumpra as minhas ordens com sua própria vida se for necessário!

— Sim senhor, Coronel! — disse Emanuel, fazendo sinal afirmativo com a cabeça.

— Fique no aguardo de minhas ordens! Vou executar este maldito em breve. Não volte a colocar a vestimenta nele e traga-o nu na ocasião em que eu mandar.

— Mas, senhor... E as mulheres da comunidade? Irão ver este sacripanta nu sendo levado para ser executado no centro da comunidade?

— Não vão ver nada além do que já viram em suas casas com seus maridos. E quem não quiser ver, não olhe!

— Sim, senhor!

O Coronel deu as costas e foi para o Templo. Sua intuição, agora, dizia-lhe que Ezequiel Malta era o assassino de Constanza. Tudo começava a fazer sentido em sua mente. Um sacerdote que falava em nome de Deus, e que estava acima de qualquer suspeita, poderia passar incólume diante dos olhos de muita gente na comunidade. Inclusive, teria facilidade de aproximar-se de Constanza sem que ela reagisse quando foi assassinada. Teve a idéia de ir para o Templo vasculhá-lo, visando a encontrar algum





indício ou prova que viesse a comprovar sua intuição. Ao chegar, ordenou que todos se retirassem. Depois, fechou as enormes portas frontais e começou a vasculhar tudo.

Ezequiel Malta começou a recuperar a memória. Olhou para o lado e pareceu não acreditar no que viu. Observou um homem negro, completamente nu, agitando o órgão genital com duas mãos, uma próxima da outra e ainda com um espaço livre entre elas. Uma anomalia e aberração da natureza, com certeza! O sacerdote permanecia deitado de bruços e com cada uma das mãos amarradas nas extremidades da cama de solteiro de Emanuel. Suas pernas também estavam amarradas nas outras extremidades da cama, uma em cada ponta, de forma que, agora, permanecia com as pernas abertas. Suou frio quando começou a imaginar o que aconteceria. Tentou desvencilhar-se das cordas, mas estava muito bem amarrado. Emanuel sorriu quando sua espada de ébano estava pronta para a investida. Deitou-se sobre Ezequiel, que ainda tentava libertar-se, e segurou firme em sua nuca, pressionando o seu rosto contra a cama. Quando percebeu que não haveria mais como oferecer resistência e que o negro poderia machucá-lo muito mais se tentasse resistir, Ezequiel ouviu a voz de Emanuel dizer:

— Isto aqui é tudo para você, seu estuprador de mocinhas!

Gritou o quanto pôde, mas, quanto mais gritava, mais era penetrado. Tentava espernear e seus gritos podiam ser ouvidos à distância, mas ninguém que por perto passava ousou abrir as portas do galpão. O sacripanta berrou até que não agüentou e desmaiou. Este ato ainda se repetiria muitas vezes durante a madrugada.

O Coronel Valente revirou o Templo, deixando tudo de pernas para o ar. Desde cadeiras, caixas de madeira e adornos, até o quarto dos fundos em que Ezequiel dormia fora revirado. Depois de muito vasculhar, cansou-se. Sentou-se à beira da cama de solteiro, onde o falso sacerdote dormia, e pegou no sono. Sonhou com Constanza, que parecia querer dizer-lhe algo, mas, sempre que ela estava para falar, ele acordava. Remexia-se na cama e voltava a dormir, sonhando novamente com Constanza. Em certas horas,





ele não sabia se estava sonhando ou pensando acordado. Na verdade, as duas coisas aconteciam. O sol começou a raiar no horizonte e, de tanto se remexer e virar-se de um lado para o outro na cama, percebeu que havia algo de errado no travesseiro. Começou a sentir um objeto duro incomodando-lhe a face. Sentou-se na cama e pegou o travesseiro, arrancando-lhe a fronha. Havia uma costura muito mal feita em uma das extremidades da almofada. Puxou a linha e rasgou sua lateral, até que, para sua surpresa, encontrou um belo punhal de ouro com pedras raras. Era o punhal com o qual ele havia presenteado Constanza. Afobado, o Coronel partiu em direção às portas do Templo, abrindo-as. Como os integrantes da comunidade acordavam cedo, logo avistou um jovem passando. Ordenou-lhe ir até o celeiro e pedir para que Emanuel trouxesse Ezequiel até o Templo.

Assim que recebeu a notícia do jovem, Emanuel desamarrou Ezequiel da cama e levou-o amarrado pelas mãos. Emanuel ia atrás, segurando uns dois metros de corda entre Ezequiel e ele. Ezequiel sabia que o pesadelo não havia terminado ainda e, daquela vez, tinha certeza de que estava indo para o abate. Os membros da comunidade começaram a formar fila para ver Ezequiel passando. Os que sabiam de seus atos insanos em relação a Marla cuspiam-lhe na cara. Algumas pedras foram atiradas em suas costas. No vão de suas nádegas até as pernas, havia sangue escorrido, obra da noite que passara com Emanuel e sua espada de ébano. Permanecia de cabeça abaixada e sentia suas pernas meladas, pois não era apenas sangue que havia escorrido durante aquela noite infernal. Estava cabisbaixo, talvez nem tanto pela humilhação de ter sido descoberto e ou de estar nu, mas para proteger sua face de ataques dos membros da comunidade. Algumas jovens inicialmente viravam o rosto ao vê-lo caminhar desprovido de roupas, mas, curiosas, voltavam a olhar para as partes íntimas do sacerdote. Algumas senhoras proferiam os piores palavrões destinados a ele, sendo que uma delas investiu-lhe uma forte bofetada na face. Os jovens riam e debochavam. Tinham certeza





de que ele estava indo para a execução pelos seus atos criminosos. Alguns curiosos perguntavam o que estava acontecendo, pois ainda não se haviam inteirado dos fatos. Ao serem notificados dos acontecimentos, ficavam primeiramente abobados, depois indignados, todos seguindo Emanuel depois que este passava com Ezequiel.

Assim que chegaram ao Templo, mais pessoas se juntaram para presenciar os acontecimentos. O Coronel ordenou a Emanuel que desamarrasse o homem. Emanuel, sempre desconfiado, ficou com receio de que Ezequiel tentasse fugir. Entretanto, percebeu que seria prontamente linchado pelos membros da comunidade. O homem estava entre a cruz e a espada. De um lado, o povo cercava a porta do Templo; do outro, o Coronel. O que seria pior? Assim que o desamarrou, Emanuel atirou-o em direção ao Coronel, que aproveitou a velocidade com que ele vinha e acertou-lhe um soco na boca, quebrando-lhe alguns dentes e fazendo com que uma porção de sangue começasse a escorrer lábios abaixo. Caído e atordoado, ainda tentou se levantar, mas percebeu a botina do Coronel se aproximando rapidamente, sentindo um pontapé acertando-lhe o tórax. Revirando-se com a dor de uma costela quebrada, agora olhava para o chão, na tentativa de achar algum instrumento que pudesse atirar contra o Coronel. O povo observava tudo sem dizer uma palavra. Um silêncio mortal havia tomado conta do lugar, até que o Coronel o quebrou, dizendo:

— Vamos lá, seu covarde! Não é você que gosta de atacar mulheres indefesas? Por que não faz isto com alguém do seu tamanho?

Agora, Ezequiel olhava em todas as direções e até se esquecera de que estava nu. Ainda caído no chão, tentou pegar um pedaço de madeira, sobra da reviravolta que o Coronel fizera no Templo na noite anterior. O Coronel percebeu que ele estava à procura de algo para ser defender, permitindo-lhe que pegasse algum instrumento. Ezequiel levantou-se e permaneceu um pouco curvado com o pedaço de madeira. Dando um grito, partiu em





direção do Coronel que, habilmente, desviou-se da investida, acertando-lhe uma cotovelada nas costas, fazendo-o voltar a desabar no chão. O Coronel voltou a provocar, dizendo:

— Vamos lá! Isto é o melhor que consegue fazer? Parece pouco para quem matou Constanza!

Quando o Coronel disse isto, as pessoas da comunidade que assistiam à cena chocaram-se mais ainda. Muitos se entreolhavam assustados. Um tumulto começou a querer se instalar na porta do Templo por falta de espaço, pois não havia lugar para tanta gente olhar o que estava acontecendo. Emanuel, habilmente, controlou o povo. Ezequiel permanecia, agora, deitado de frente para o Coronel em um canto do Templo. Caíra de bruços, mas virara-se lentamente e continuava segurando a estaca de madeira na mão direita. O Coronel queria ouvir o que Ezequiel tinha a dizer, por isso prosseguiu falando:

— E aí, falso profeta! Não tem nada a dizer antes de morrer? Não quer que eu dê algum recado para seu patrão, o Coronel Jeremias? — perguntou o Coronel, observando que Ezequiel arregalou os olhos.

— Ele vai matar você! Tenho certeza!

— Ora, ora! Então, resolveu falar... Eu não apostaria nesta sua certeza! O que mais este falso sacerdote que dizia ser homem de Deus tem a me dizer? Você sabe, ao menos, rezar? Acho que é bom começar a pedir perdão pelos seus pecados!

— Vá para o inferno!

— Não posso! O inferno é um lugar reservado para pessoas como você, José Anastácio e o Coronel Jeremias.

— Dane-se! Por que não me mata logo?

— Não tenho pressa... Quero protelar o seu encontro com o diabo! Quem sabe até alívio a sua pena com ele, judiando bastante de você aqui, já que sua dívida com Deus certamente é impagável.

Esgueirando-se até ficar com parte das costas voltadas para a parede, Ezequiel começou a se levantar lentamente. Novamente, levantou a estaca e partiu em direção ao Coronel. Atingir o Coronel





era uma idéia fixa em sua mente, já que ele desvendara tudo. Antes que chegasse perto do seu alvo, Ezequiel observou que o Coronel pegou uma cadeira que o atingiu bem no estômago, com toda força, fazendo-o dobrar-se e soltar a estaca, caindo de joelhos no chão.

— Não sabia que pseudo-sacerdotes oravam antes de morrer! — disse, ironicamente, o Coronel ao ver Ezequiel prostrado daquele jeito — Durante um tempo, você conseguiu enganar a mim e a toda comunidade, mas o seu maior erro foi ter matado Constanza.

— Aquela vaca merecia morrer! Só não transei com ela porque vi que ela já estava morta, mas devia ter feito mesmo assim! — disse Ezequiel, seguindo-se sua gargalhada ensandecida que ecoou pelo Templo.

— Lave a sua boca ao falar de Constanza, seu animal! — disse o Coronel, acertando-lhe um chute na boca que quebrou outros dentes de Ezequiel, fazendo com que mais sangue jorrasse pelo chão.

Desta vez, o teólogo estava totalmente atordoado. Enxergava tudo turvo e os objetos pareciam mover-se no Templo. Mesmo assim, ainda se levantou. Cambaleando, levantou o antebraço direito, fechou o punho e foi em direção ao Coronel, com o intuito de acertá-lo. O Coronel arrancou o punhal que estava fixo em suas costas, preso entre suas calças e a camisa, fincando-o no antebraço erguido de Ezequiel. As senhoras da comunidade olharam para o lado depois de ver a cena. Ezequiel caiu novamente ajoelhado e, agora, gritava muito alto. Seu grito se assemelhava ao de um animal selvagem urrando de dor e ódio. Segurando o antebraço direito com a mão esquerda, ele agora observava o estrago que o punhal atravessado no braço lhe fizera. O Coronel deu-lhe as costas, olhando de esguelha. Foi até o altar e pegou sua cartucheira. Depois, se dirigiu a Ezequiel, encostando os canos da cartucheira em sua cabeça. E disse:

— Hora de morrer, seu desgraçado! As pessoas já viram demais e o seu tempo aqui na Terra terminou!





— Quem você pensa que é? Deus?

— Não sou Deus, mas fui criado à imagem e semelhança Dele, como cita o Livro Sagrado que você nunca deve ter lido! E, sendo um filho dele neste solo, acho que Ele não se importará em me passar uma procuração para eu matar uma aberração como você. É uma honra poder fazer justiça com as próprias mãos, ainda mais em nome de Deus! O mais engraçado é que eu que sempre fiz o meu destino; agora, farei o seu.

Já no fim de suas forças, Ezequiel abaixou a cabeça mais uma vez, olhando para o punhal. Estava pensando em arrancá-lo com a mão esquerda e acertar o peito do Coronel, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, olhou para o Coronel e percebeu que o Senhor de Terras estava destravando a arma com o polegar direito. Aterrorizado e suando frio, Ezequiel só teve tempo de gritar, até que um estampido se sobrepôs a seu berro. O tiro arrancou-lhe a cabeça e espirrou sangue pelas paredes do templo. As senhoras viraram a face para não ver todo aquele sangue espalhado. Emanuel, estático, agora olhava fixamente para o Coronel, que, por sua vez, observava os pedaços do crânio de Ezequiel espalhados pelo chão. Uma jovem, que insistiu em olhar, começou a passar mal e a sentir ânsia. O Coronel caminhou lentamente até a porta do Templo. O cano de sua arma ainda soltava fumaça após o disparo. As pessoas foram se afastando silenciosamente, abrindo uma brecha para ele passar. Após atravessar a aglomeração, ordenou que a porta do Templo fosse fechada para nunca mais se abrir. Assim fez Emanuel, deixando o corpo sem cabeça de Ezequiel que acabava de estrebuchar lá dentro. O Coronel ordenou que três de seus melhores homens e amigos fossem chamados para ir ao seu encontro. Emanuel cumpriu a vontade do Coronel, observando que o mesmo deu as costas e foi rumo ao casarão.

Selena, que perdera todo episódio por estar acordando naquele momento, surpreendeu-se ao ver o Coronel entrando. Correu em sua direção e lhe deu um afetuoso beijo no rosto. Depois,





solícita, ajudou o Coronel a tirar as botas, acompanhando-o até o quarto, onde o ajudou a tirar a camisa. Ficou feliz por ver o Coronel mais forte e revigorado. Carinhosamente, passou-lhe a mão no peito, olhando-o com o seu tradicional jeito de moça que se sentia atraída. Nenhuma palavra fora proferida desde que o Coronel adentrara o casarão, mas parecia que eles se entenderam sem dizer uma palavra sequer. Selena o acompanhou até a porta do banheiro e preparou a banheira para o Coronel tomar um banho relaxante. Ele ainda parecia estar fora de sintonia, devido aos últimos acontecimentos. Após a banheira encher, Selena olhava fixamente para ele. Foi em sua direção, desprendeu-lhe o cinto e deixou que suas calças lhe caíssem aos pés. No seu íntimo, queria despi-lo completamente e permanecer com ele no banheiro, mas ficou meio sem graça ao perceber que ele não se moveu até que ela saísse. A jovem saiu e permaneceu com as costas coladas do outro lado da porta por alguns instantes. Rapidamente, um *flash* passou em sua mente, sentindo o seu desejo pelo Coronel reacender com toda a intensidade. Um sorriso, que há muito tempo não acontecia, brotou-lhe no rosto. O seu coração batia mais forte com a presença do Coronel. Ele era o homem de sua vida, ela tinha certeza.

Selena foi para o quarto que não abandonara mais desde que cuidara do Coronel enquanto esteve doente. Deitou-se e cobriu-se com um lençol e se estimulou visualizando suas relações com o Coronel. Depois de vinte minutos, o Coronel adentrou o quarto. Olhou para Selena, imaginando se ela sairia para ele tirar seu roupão e colocar roupas. Como não percebeu nenhuma intenção da jovem neste sentido, virou-se para o guarda-roupa. Retirou o roupão azul que envolvia seu corpo e o deixou cair abaixo. Atenta, Selena agora olhava para aquelas nádegas másculas e bem definidas. A jovem quase teve um delírio ao ver aquela cena, voltando a sentir-se fortemente atraída. No entanto, ela reparou que o Coronel vestiu-se com roupa de quem não ficaria muito tempo no casarão. A atração que Selena sentia era tão forte, que ela tinha o impulso





de querer declarar-se e ir logo se atirando nos braços do Coronel. Mas, sabiamente, sentiu que aquele não era o momento mais adequado. O Coronel terminou de vestir-se e foi em direção à sala aguardar os homens. Selena cobriu-se totalmente com o lençol, não mantendo desta vez nem a cabeça para fora e voltou a se estimular com o seu vício solitário. Assim que Marlene viu o Coronel sentado em sua cadeira de balanço na sala, tratou de servir-lhe o café. Logo, os homens chegaram e o Coronel transmitiu-lhes um plano para retardar a chegada dos mercenários às terras do Coronel Jeremias.





CAPÍTULO XXI

O VISITANTE

Era dia da primeira mudança de lua do mês, e o Coronel Jeremias, apreensivo, havia ido para o centro de sua comunidade receber o visitante secreto. Ansioso, andava de um lado para o outro à espera de informações. Ele havia perdido mais homens no campo de batalha e estava nervoso para saber se o seu informante teria alguma novidade sobre o que acontecera com seus homens que partiram à procura de mercenários, pois estavam atrasados. Andava de um lado para o outro em sua sala, indo constantemente perto da janela, à espera do espião. Mal sabia que o Coronel Valente ajeitara para que um atraso providencial ocorresse ao pedir que árvores fossem derrubadas no caminho, buracos cavados nas estradas e tudo o mais que fosse possível para atrasar o carregamento. O Coronel Valente era um Senhor de Terras ético, cumprindo os acordos preestabelecidos. O protocolo acordava que as estradas principais eram campos neutros em que não poderia haver mortes, emboscadas e tocaias. Como os mercenários passariam próximo à suas terras, ele bem que poderia armar uma emboscada e matá-los facilmente, pois ainda não teriam recebido as suas armas para as batalhas na fronteira, o que só aconteceria depois que ingressassem na comunidade do Coronel Jeremias. O Coronel Valente teria de matar apenas os conducentes das carroças neste caso, pois seriam os únicos que estariam armados. É possível que alguns dos mercenários pudessem estar armados com facas ou outros objetos perfurantes, mas isto não seria problema. As gangues não tinham metralhadoras, talvez um ou outro pudesse ter um revólver. Não seria difícil o Coronel detê-los. Armas mais potentes como





metralhadoras eram comumente usadas pelo exército e pelos rebeldes, não por gangues. O Coronel Valente achava uma idiotice a manobra desesperada do Coronel Jeremias, pois os mercenários, depois de armados, poderiam se rebelar e querer assumir a liderança da comunidade para tomar-lhe o poder, a não ser que o Coronel Jeremias tivesse a idéia de matá-los em emboscada. Também poderia ser que ele doasse a sua comunidade aos mercenários ao vencer a guerra e tomar posse na comunidade do Coronel Valente, muito melhor que a sua, pois assim acreditava que aconteceria. Entretanto, estaria criando cobras para ser picado, pois, assim que os mercenários descobrissem que havia uma comunidade melhor, poderiam tentar possuí-la.

A noite estava bonita, com um céu estrelado e uma lua encantadora. À porteira das terras do Coronel Jeremias chegou montado a cavalo o visitante secreto, encapuzado e com a túnica de sacerdote. Dois homens montados a cavalos abriram a porteira e passaram a acompanhá-lo silenciosamente pela estrada que conduzia ao centro da comunidade. Cerca de vinte minutos depois, o Coronel Jeremias avistou, através da vidraça da janela, que o seu comparsa estava chegando. Sentou-se em sua mesa e ficou à espera. Um dos homens que faziam a escolta silenciosa desceu do cavalo, abriu a porta e fechou-a ao visitante, que adentrou o casarão de cabeça baixa. Logo à direita, o homem encapuzado avistou uma enorme porta aberta e adentrou o recinto ao levantar rapidamente a cabeça protegida pelo capuz, reparando que o Coronel Jeremias estava impaciente e sentado à mesa, à espera das informações de seu espião. O visitante entrou e fechou a porta da enorme sala, mantendo a cabeça baixa até chegar mais próximo do Coronel Jeremias, que se antecipou, aflito, perguntando:

— E aí? Tem alguma informação para me dar?

— Tenho... — disse o visitante em voz grave, sem levantar o capuz.

— Por que não tira este capuz? Vamos, diga rápido! — disse o





Coronel Jeremias, tentando ver o rosto de seu comparsa, mas, devido ao capuz grande e à sombra, não obteve êxito.

— O Coronel Valente disse que está prestes a matar o mal pela raiz.

— Mal pela raiz? Como assim? Que mal pela raiz que ele pretende matar?

— Você!

— Aquele maldito está sonhando acordado? Mal sabe ele que eu estou contratando mercenários para surpreendê-lo!

— Os mercenários não chegarão a tempo.

— Não? Como assim? O que você sabe?

— Coronel Valente providenciou para que eles não cheguem. Não antes de exterminar você.

— Como assim? Você quer fazer o favor de tirar este capuz ao falar comigo? Já estou ficando nervoso! — disse o Coronel Jeremias, dando um murro na mesa, não gostando nem um pouco da conversa que estava ouvindo.

— Quer que eu tire o capuz? Será um prazer! — disse o visitante, jogando com uma das mãos o capuz para trás, e deixando escorregar uma escopeta de cano cerrado pela manga comprida da túnica, até que a arma se encaixasse nas mãos já com o dedo no gatilho.

— O que é isto? — disse, exasperado, o Coronel Jeremias, parecendo não acreditar no que estava vendo.

Ao ver a face do homem, seu coração pareceu querer pular pela boca. Tratava-se, nada mais, nada menos, do Coronel Valente em pessoa, que havia se esforçado até então ao máximo em imitar a voz de Ezequiel Malta, embora tenha parecido mais uma versão gripada do sacerdote. O Coronel Valente perguntou:

— O que foi? Parece que viu um fantasma?

— Mas... Mas... — tentou falar o Coronel Jeremias, sem proferir mais alguma coisa.

— Mas você esperava outra pessoa... É isto? Sinto muito em decepcioná-lo! Não sei qual a sua fé, se é que possui fé, mas só





poderá encontrar os comparsas que implantou em minha comunidade em outras vidas. Nesta vida, não será mais possível — disse o Coronel Valente, com a arma em riste e um sorriso no canto da boca.

— Seu maldito! — disse o Coronel Jeremias, exaltado, dando outro murro na mesa.

— Confesso que você conseguiu me surpreender, Jeremias. Teve a paciência de implantar um falso profeta em minha comunidade e esperar resultados. Vingança é um prato que como frio, não é? Esqueceu-se apenas de que quem ri por último ri melhor!

— Vá se danar!

— Comoventes palavras, Jeremias. Só gostaria de saber o que você prometeu para José Anastácio e Ezequiel Malta... Dividir as terras ou o comando da comunidade, caso o seu plano sórdido viesse a dar certo? Seja o que for, os ignorantes acreditaram, embora de nada adiantasse, porque agora a carne deles fede. Não sei, mas tenho quase certeza de que você os mataria assim que conseguisse o que sempre desejou, a minha comunidade. É uma pena muito grande que eles tivessem cérebros tão pequenos a ponto de se aliar a você! Espero que não fique triste, pois, em breve, você fará companhia a eles no inferno!

— Você é louco! Invade a minha comunidade desta forma! Acha que meus homens o deixarão sair vivo daqui?

— O que restou de seus homens ainda está lutando contra os meus na fronteira. Mas saiba que eles não conseguirão resistir nem durar por muito tempo. Quanto aos que eu encontrar lá fora, eu os despacho quando sair. Creia, Coronel, talvez seja difícil para você admitir, mas perdeu a guerra.

— Nunca! — gritou o Coronel Jeremias.

Em atitude desesperada, tentou puxar o revólver da cintura, mas, antes disso, o Coronel Valente, em posição privilegiada, encostou os canos da cartucheira na cabeça do Coronel Jeremias e disse:

— Quer partir antes do tempo, Coronel? Ainda não terminei





meu discurso! Tire essa arma da cintura e jogue-a para o lado. Quero saber apenas qual será o seu último desejo! — disse o Coronel Valente, de pé, olhando atentamente para o Coronel Jeremias, que se viu obrigado a lançar a arma para o lado.

— Vá para o inferno!

— Vou lhe repetir algo que sempre digo aos traidores que costumam cruzar o meu caminho. Este lugar que acabou de mencionar, o inferno, não me pertence. É um lugar destinado a você! Aliás, quero que morra atacadado com o diabo!

— Maldito!

— Maldito é você, que mandou matar Constanza!

— Você é um tolo! Só um idiota como você poderia se abater por causa de uma vagabunda.

— Limpe a sua boca ao falar de Constanza, seu animal! — disse Valente, empurrando com mão firme o cano da escopeta pela boca da encarnação do mal, quebrando-lhe alguns dentes dianteiros e fazendo com que a cadeira em que estava sentado virasse e caísse para trás.

No impulso da queda, o Coronel Jeremias tentou cair rolando para o lado em busca do revólver que havia jogado em sua primeira investida sem sucesso contra o visitante, mas levou um chute tão forte na cabeça, que, atordoado, caiu um pouco distante da arma. O Coronel Valente dirigiu-se rapidamente para próximo do Coronel Jeremias, que tentou se esquivar de outro chute na cara, mas foi em vão. Não acreditava no que estava acontecendo, ao ser espancado dentro de sua própria casa e torcia para que os homens lá fora escutassem algo, mas as espessas portas de madeira e as grossas paredes do casarão impediam que o som se dispersasse, a exemplo do dia em que estuprou Terência. O Coronel Valente abaixou-se perto dele, agora caído de bruços. No momento em que tentou levantar-se, fortemente o Coronel Valente colocou um dos joelhos em suas costas, soltando o peso do corpo até que o arquiinimigo prancheasse outra vez no chão. A encarnação do mal soltou um grito de dor. Com um joelho nas costas e o outro





dobrado com o pé apoiado no chão, o Coronel Valente curvou-se até as orelhas do Coronel Jeremias e disse, sussurrando:

— Eu vou lhe contar um segredo... Sempre sonhei com este momento. Na verdade, eu já deveria tê-lo matado antes, pois gente como você não merece viver neste mundo. Está chegando sua hora, mas, antes, quero dizer-lhe apenas uma coisa... Alguém já lhe disse que você fede mais do que um gambá?

Desesperado, o Coronel Jeremias virou-se bruscamente, dirigindo a mão em busca do seu revólver, fazendo com que o Coronel Valente se desequilibrasse e caísse rolando para o outro lado, posicionando a perna de forma que o seu corpo permanecesse de pé e a mão estendida, com a escopeta apontada em direção ao Coronel Jeremias. Quando finalmente este conseguiu pegar sua arma, levantou-se rapidamente direcionando-a ao Coronel Valente, mas, antes que a disparasse, recebeu um tiro fatídico em cheio na cabeça. O som, daquela vez, ecoou dentro e fora do casarão. Os capangas entraram armados e afoitos para ver o que estava acontecendo. Ao abrirem a porta, mais dois tiros foram disparados, acertando-os no peito.

A escopeta do Coronel Valente ainda tinha munição, caso alguém mais entrasse no casarão e ele ainda estava com o dedo no gatilho apontado na direção da porta, quando João Otávio, Berenice e Dona Ronilce surgiram correndo pela porta da sala. Não avançaram muito ao ver os três corpos no chão e um homem vestido com aquela túnica. João Otávio não era como o pai e jamais seria, embora muitas vezes o pai tentasse fazer dele o verdadeiro seguidor da aberração do mal. Berenice deduziu rapidamente que aquele homem era o Coronel Valente e deu um sorriso ainda um pouco tenso, pelo susto que levava com o barulho dos disparos. Dona Ronilce permanecia com as mãos na boca, aterrorizada com a cena que presenciava. Percebendo que não havia mais perigo naquele momento, o Coronel Valente virou-se com a sua escopeta e foi saindo em direção à porta principal de casarão. Quando estava para descer a escada, Berenice disse:





— E agora? Pelas leis acordadas o senhor tem o direito de assumir esta comunidade.

— Eu não quero nenhuma comunidade que não seja a minha!
— falou o Coronel Valente. — A partir de hoje, eu só quero paz!
— concluiu.

— Se é paz que o senhor quer, paz é o que terá, Coronel! Isto é o que nós todos queremos! — respondeu Berenice.

Naquele momento, o Coronel Valente percebeu barulho de homens se aproximando do casarão. Levantou a escopeta e ficou pronto para disparar. Berenice deu um pulo e entrou na frente do Coronel, paralela à arma dele. Ordenou aos dois homens que surgiram no casarão que abaixassem as armas. Somente depois disto ocorrer, o Coronel Valente voltou a abaixar a sua, mas manteve o dedo no gatilho ao passar pelos homens. A reação seria imediata para qualquer movimento brusco por parte deles. Os homens permaneceram estáticos olhando aquele homem, que também não tirava os olhos deles, desamarrando a corda do cavalo do ex-sacerdote amarrada no moirão. Berenice ordenou-lhes que entrassem e recolhessem os restos do Coronel Jeremias, levando aqueles corpos dali. Agora, o comando das terras seria de uma mulher, visto seu irmão não ter o menor perfil de liderança para assumir a comunidade.

Berenice voltou a olhar na direção do Coronel para agradecer-lhe, mas só viu a imagem dele sumindo à distância, desaparecendo completamente na escuridão. Poucos metros à frente, enxergou uma túnica no chão. O Coronel dispensara a túnica do falso sacerdote e prosseguiu com a roupa que estava usando por baixo da mesma. Agora, ela entendia porque falavam tanto do Coronel Valente. Era um homem admirável, ousado, inteligente e de bela aparência. Berenice realmente tinha esperanças de vê-lo colocar um fim na encarnação do mal, mas jamais da forma que ocorrera. A jovem soltou um suspiro de admiração antes de voltar a entrar no casarão, encantada com o Coronel Valente. No dia seguinte, Berenice mandaria suspender fogo na fronteira e avisaria a todos





que as maldades do Coronel Jeremias chegaram ao término. Quando, por fim, viessem os mercenários, antes que armas lhes fossem dadas, comunicaria que seriam dispensados. A tensão se instauraria por alguns instantes, mas teriam que retornar à cidade sem condições de reagir, face à cobertura dos poucos homens armados que restaram na comunidade.





CAPÍTULO XXII

O REENCONTRO

O Coronel Valente chegou exausto durante a noite e foi diretamente para o seu quarto descansar. Selena parecia não querer mais abandonar o quarto; ele teria que dormir ao lado dela, que estava dormindo vestida com uma camisola branca transparente, feita de um tecido que se assemelhava a um véu. O fino tecido deixava todas as curvas da bela moça bem acentuadas. Como não usava roupas íntimas por baixo, o Coronel enxergava a moça praticamente nua. Procurou não fazer barulho ao tirar a botina e o restante da roupa. Depois, foi até o interruptor apagar a luz, pois Selena tinha mania de dormir com luz acesa quando estava só. De pé, não se conteve e admirou a jovem mais um pouquinho. Selena tinha seios firmes e contornos abençoados. O Coronel, então, apagou a luz e foi dormir. Deitou-se do lado da cama em que sempre dormia, pois pelo menos isto Selena não lhe havia tomado no quarto. Começou a pegar no sono, sentindo o cheiro de rosas de Selena, que não pôde deixar de despertar-lhe lembranças de sua amada, que não se fazia mais presente naquela vida. Finalmente, dormiu.

O dia clareou rapidamente. O sol atravessava as frestas das grandes janelas de madeira. O Coronel acordou e notou que Selena permanecia abraçada a ele com o rosto bem próximo ao seu. Talvez ela tivesse despertado durante a noite e o tivesse abraçado. Ou talvez tivesse feito tudo sem perceber, pois existem pessoas que rolam na cama e acordam abraçadas até com travesseiros. De toda forma, Selena era uma tentação e estava conseguindo despertar os desejos no Coronel. Ele lutaria com todas as forças para não admitir a paixão que começava a apontar. O líder tinha certeza de que as mulheres eram o seu calcanhar de Aquiles,





deixando-o muito vulnerável. Prova disto fora o que acontecera em sua vida ao perder Constanza. Com a mão direita, pegou delicadamente o braço de Selena, que estava sobre o seu peito, e arrastou a moça para o lado. Selena remexeu-se na cama, mas aparentou não acordar. Ele foi, então, em direção ao guarda-roupa colocar a vestimenta, e Selena, discretamente, observava-o colocando as vestes sem que ele percebesse. O Coronel ainda se virou para olhá-la antes de sair do quarto, mas, rapidamente, a jovem fechou os olhos, fingindo dormir. Simulou muito bem, e, de olhos fechados, percebeu o tempo que levava o olhar do Coronel em sua direção, pois demorou a encostar a porta do quarto. Soltou, então, um suspiro, pois sabia que tinha potencial para encantar o Coronel e que, agora, conseguia chamar sua atenção com um corpo de mulher. Virou-se para o outro lado, puxando a camisola para cima, até a altura da cintura. Depois recorreu, como sempre, ao vício solitário e às antigas fantasias com o Coronel. Ele haveria de ter muita energia para apagar aquele fogo, caso viesse a relacionar-se intimamente com Selena.

O Coronel tomou café e reuniu alguns membros da comunidade para dar a notícia de que havia matado o Coronel Jeremias. Os homens gritaram de alegria e jogaram os chapéus para o alto. As mulheres também ficaram muitos felizes. Depois, o líder foi à casa de um dos principais anciãos da aldeia, e solicitou que convocassem uma reunião com todo o grupo. Em alguns minutos, lá estavam todos reunidos. O Coronel explicou o que havia ocorrido até então. Os anciãos gostaram de saber que o Coronel Jeremias estava morto, pois certamente deveria haver um longo período de paz pela frente, visto que muitas das comunidades ao redor também eram aliadas. O Coronel Valente pediu autorização para reintegrar Coraggio à comunidade. Os anciãos concordaram sem nenhuma restrição. Assim, o Coronel partiu em busca de seu filho. Acreditava que, se Coraggio tivesse sido esperto, teria procurado abrigo em alguma comunidade aliada. Não era fácil ingressar nelas, mas, tratando-se de seu filho, isto





possivelmente abriria as portas para refúgio, mesmo que temporariamente.

O Coronel começou a percorrer as comunidades ainda na parte da manhã, mas não sem antes ir até a fronteira saber se a batalha com o restante dos homens do Coronel Jeremias teria continuidade. Quando chegou, foi recebido com festa. Logo pela manhã, os últimos homens que lutavam do lado oposto haviam suspenso fogo e se retiraram. O Coronel percebeu que, finalmente, haveria tempos de paz. Dispensou os homens, a fim de voltarem para as suas famílias, pedindo que os que faleceram em combate tivessem um túmulo digno da honra e da bravura com que lutaram. Para o Coronel Valente, os maiores heróis de uma guerra eram os que nela morreram. Infelizmente, José Anastácio, mancomunado com o Coronel Jeremias, colocou fim em bons homens de sua comunidade. Ambos foram muito astutos em tudo o que planejaram, só não contavam com a recuperação daquele líder em tempo de salvar a sua comunidade das garras da encarnação do mal.

Cavalgando pela estrada, o Coronel Valente logo avistou carroças vindo em sua direção, próximas à entrada da comunidade de seu falecido inimigo, prontas a ingressar na estrada que levaria os mercenários de volta à cidade. Parou à margem e ficou aguardando as carroças adentrarem a via principal. Observou que os mercenários estavam bravos e reclamando. O Coronel teve a comprovação de que Berenice os havia dispensado e aguardou que todas as carroças passassem. O último condutor a passar foi José Emboava, que reconheceu o Coronel, deu-lhe um sorriso e levantou o chapéu em sinal de cumprimento e agradecimento. O Coronel retribuiu, levantando o chapéu. Zé Emboava sentia-se vingado pela morte de sua filha e feliz por ter participado de um plano que deu certo. Nada poderia curar a dor da saudade de Terência, mas acreditava que a justiça divina fora feita através das mãos do Coronel Valente.

O Coronel continuou a missão de procurar Coraggio. Adentrou





várias comunidades aliadas, mas não o encontrou. Estava entardecendo, e ainda restavam algumas a percorrer. O Coronel seguiu até chegar a uma das mais distantes, a do seu amigo Coronel Aureliano e Dona Genoveva. Caso Coraggio tivesse escolhido algum lugar para pedir abrigo, aquele seria o melhor. O Coronel Valente sempre comentava sobre sua amizade com o Coronel Aureliano para Coraggio. O líder resolveu, então, pegar um atalho pelo qual sempre ingressava ao ir visitar seu velho amigo. Era uma trilha de mata fechada, onde muitos não se arriscavam a passar, por acharem-na tenebrosa demais e muito fácil de alguém se perder. Mas o Coronel já estava acostumado, mesmo fazendo um bom tempo que não passava por ali.

Estava quase caindo a noite quando chegou perto do casarão de seu amigo. Alguns homens, nas imediações da edificação, tomaram um susto e sacaram as armas, ao verem um homem saindo inesperadamente a cavalo, no meio da mata. O Coronel levantou a mão direita em sinal de paz e pediu calma, identificando-se. A maior parte dos homens do Coronel Aureliano o conhecia, não só pelo que as pessoas contavam a respeito dele, mas também pela curiosidade de ver se ele era real, uma pessoa de carne e osso. O Coronel Aureliano chegava a intervir, pedindo que os seus homens o deixassem em paz e parassem de assediá-lo, mas nem sempre isto funcionava, pois a admiração sobre os feitos do Coronel Valente era tanta, que praticamente tornava-se impossível ele não ser incomodado por curiosos das comunidades aliadas. Assim que os homens o reconheceram, acolheram-no, conduzindo-o até o casarão do Coronel Aureliano, onde foi recebido com muita alegria pelo velho amigo, que disse:

— Que satisfação! Contaram-me que você estava muito mal de saúde e querendo abandonar esta vida!

— Bem que tentaram fazer isto comigo, mas não foi desta vez, meu velho amigo! Como está? — disse Valente, tirando o chapéu e dando um abraço no Coronel Aureliano.

— Eu vou bem! Não como você, que está firme e forte! —





disse o velho senhor, retribuindo o abraço e, depois, indicando a sala de estar para o Coronel entrar.

— Como vai Dona Genoveva?

— Vai bem, graças a Deus! Mas o que o traz aqui? — perguntou o Coronel Aureliano.

— Coraggio... — respondeu Valente.

— Coraggio? Seu filho?

— Sim. Ele havia sido banido de minhas terras enquanto permaneci doente. Agora, o estou procurando nas comunidades aliadas. Sabe ou ouviu falar dele?

— Faz muito tempo que não vejo aquele rapaz. Aliás, você só o trouxe aqui uma vez quando ele era muito pequeno — disse o Coronel Aureliano, não contendo um largo sorriso.

— Está rindo de quê? — perguntou Valente, desconfiado.

— Venha aqui, meu amigo, quero lhe mostrar uma coisa — disse Aureliano, sem responder à última pergunta.

Acompanhou seu velho amigo em direção a um quarto. Chegando lá, o Coronel Aureliano abriu a porta e pediu que seu amigo entrasse. O Coronel Valente entrou e viu uma jovem moça de características indígenas com um bebê no colo. Valente virou-se ao amigo e perguntou:

— De que se trata? Eu lhe perguntei de meu filho e você me traz para o quarto de uma moça com uma criança no colo?

— Acho que você não olhou direito para a criança — disse Aureliano.

O Coronel Valente voltou a olhar para a criança e notou que ela possuía algumas feições familiares. Logo, os seus olhos se encheram de lágrimas. O bebê trazia muitos traços de Coraggio. Valente voltou a olhar para Aureliano, que balançou a cabeça positivamente e disse:

— É isto mesmo! Você está envelhecendo e virou avô! Este é o seu neto!

O Coronel Valente não conseguiu falar mais nada naquele instante. As lágrimas, antes presas nos olhos, agora rolaram face





abaixo. Ele caminhou em direção à cama e sentou-se em sua beirada. Taynara ficou apenas olhando para aquele homem que, agora, observava o seu filho, parecendo não estar acreditando no que via. O Coronel Aureliano pediu a Taynara que passasse a criança ao colo do Coronel Valente. A bela jovem assim o fez, delicadamente. Valente tomou a criança em seus braços com cuidado para que as suas lágrimas não caíssem no rosto dela. Se alguém o visse naquele estado emocional, jamais acreditaria que aquele era um homem que já havia despachado um monte de gente ruim deste mundo para o além. O Coronel voltou a olhar para a mãe da criança e perguntou:

— Qual o nome dele?

— Valente... Nasceu prematuro, mas com muita saúde — disse a jovem morena, sorrindo. — O seu filho queria chamá-lo de Valêncio, mas lembrou-se de que há muito tempo o pai não era chamado por este nome.

— Valente! Que bela homenagem! Meu Deus... O tempo passou tão rápido que eu nem percebi! — disse o Coronel, emocionado, voltando a olhar fixamente a criança.

— Pai! — uma voz diferente chamou a atenção do Coronel em direção à porta, e viu Coraggio entrando eufórico.

— Filho! — respondeu o Coronel, emocionado.

Com a mesma delicadeza, o Coronel devolveu a criança para a mãe e se ergueu para dar um forte abraço em Coraggio. Havia muito tempo não abraçava alguém daquela forma. Além da saudade, a emoção de reencontrar alguém que se amava era algo sempre muito bom. Agora, as lágrimas não eram apenas do Coronel Valente, mas também de Coraggio. Todos ficaram muito emocionados por alguns instantes. Coraggio disse que não acreditou quando um dos homens daquela comunidade anunciou que a lenda viva do Coronel Valente estava nas terras do Coronel Aureliano. Abraçaram-se e riram muito naquela noite, todos unidos em laços fraternos. Dona Genoveva tratou de fazer um saboroso jantar e o Coronel Aureliano de providenciar que um





quarto fosse preparado para o Coronel Valente pernoitar. Conversaram até o início da madrugada na sala de estar, tomando um vinho feito em processo artesanal nas terras do Coronel Aureliano. Somente Taynara se recolheu antes com a criança, que havia adormecido. Depois, foram todos dormir alegres e satisfeitos. Valente e Coraggio resplandeciam de tanta felicidade.





CAPÍTULO XXIII

A TOCAIA

O Coronel acordou cedo, como de costume, e tomou o seu café da manhã com Dona Genoveva e o Coronel Aureliano. Coraggio acordou logo em seguida. Contrariando o Coronel Aureliano que, desde que o acolhera, não achava necessário o jovem trabalhar, o mesmo não aceitou e, diariamente, acordava cedo para ajudar as pessoas daquela comunidade. O Coronel Valente achou por bem voltar sozinho e ordenar que uma carroça mais confortável viesse buscar seu filho e Taynara, pois também não queria que o retorno fosse desconfortável para a criança. Agradeceu ao grande amigo por acolher e prover abrigo ao seu neto, seu filho e sua companheira. Disse que tinha uma dívida com o velho amigo por seu ato, e o Coronel Aureliano respondeu que entre amigos não existiam dívidas, apenas crédito.

Quando o Coronel saiu do casarão, seu cavalo já estava pronto para montaria. Um jovem olhava para ele como se fosse alguém de outro mundo. O Coronel Valente, já acostumado com isto, tratou bem o jovem rapaz. Algumas vezes, o líder achava que as pessoas exageravam ao contar os acontecimentos de sua vida, criando expectativas e admiração descomunal nas pessoas. Enfim, o Senhor de Terras acenou ao Coronel Aureliano, a Dona Genoveva e Coraggio. Sorriu para o jovem que lhe deu as rédeas, e partiu pelo atalho de picada de mata a que estava acostumado.

O atalho evitava dar uma grande volta, economizando uma boa caminhada. O Coronel Valente, muito satisfeito, embrenhou-se mata adentro ouvindo os pássaros silvestres. Assim seguiu por uns vinte minutos. Quando estava quase saindo da trilha para pegar a estrada principal, sentiu que havia algo estranho. Podia estar errado, pensou, mas sua intuição e percepção eram muito





fortes e aguçadas. Quem poderia ser no meio daquela mata? Ele havia aniquilado todos os seus inimigos. Seria algum jagunço de seu arquiinimigo querendo dar o revide? O Coronel colocou a mão direita no revólver e diminuiu o ritmo da cavalgada, que já não era muito rápido. De repente, um jovem saiu da mata para ingressar na trilha. Tratava-se de Valério Henrique, o filho do falecido José Anastácio. Aparentemente, estava sem nenhuma arma e ficou olhando fixamente para o Coronel Valente, que parou seu cavalo na trilha, aguardando o jovem pronunciar alguma palavra. Finalmente Valério Henrique desembuchou:

— Estou aqui para vingar o que fez com meu pai!

— Poupe seus esforços meu rapaz, ele não merece!

— Você acabou com a minha vida e a de minha família! Ninguém nos aceitou em comunidades vizinhas e tivemos que nos mudar para a cidade!

— Bem fizeram as pessoas dessas comunidades, pois boa coisa você não é! De mais a mais, eu não acabei com nada. Você e sua família estão colhendo o fruto do que plantaram. Sabe quantos homens bons nossa comunidade perdeu por culpa de seu pai e de você?

— Não interessa!

— Não interessa a você, seu moleque! — disse o Coronel, um pouco exaltado, mas tirando a mão fora de seu revólver, por acreditar que aquilo não passaria de um bate-boca.

— Eu vou matar você, Coronel! — ameaçou Valério Henrique, com um tremor na voz, indicando que tinha algo preparado para dar fim ao Coronel.

— Você é muito jovem para morrer! Não gosto de matar pessoas da sua idade, que têm uma vida toda pela frente — disse o Coronel, olhando rapidamente ao redor para constatar se não havia mais ninguém de tocaia.

— Não faço questão de viver. Creia, chegou a sua hora!

— Saia da frente, meu jovem, tenho mais a fazer além de ficar com esta discussão ridícula no meio da mata — disse o Coronel,





batendo com o estribo na barriga do cavalo ao constatar que o jovem estava sozinho.

Quando o animal avançou, o Coronel notou que o jovem rapidamente enfiou as mãos nas costas para puxar uma arma. No reflexo, pulou do cavalo sacando o revólver da cintura. Antes de cair no chão, um barulho ecoou pela mata. Dois tiros foram disparados simultaneamente. Um deles perfurou a aorta de Valério Henrique. O jovem caiu de joelhos e sangue começou a sair de sua boca. Um sorriso no canto dos lábios surgiu instantes antes de o rapaz cair de bruços, provavelmente devido ao fato de que, nos seus poucos segundos de reflexo, o jovem percebeu que seu tiro acertara o Coronel.

Este caiu de mau jeito no chão, sentido o impacto da queda e a dor do projétil queimando em seu peito. Ficou um tempo no chão tentando se recuperar, até que tivesse forças para se levantar. Olhou para o jovem Valério Henrique, agora sem reação nenhuma. O cavalo havia se assustado com os disparos, avançando alguns metros à frente, mas não abandonou seu dono. O Coronel não sabia que Valério Henrique estava entre os mercenários que enfrentariam seus homens na fronteira. Quando as carroças com os mercenários passaram, o jovem o identificou e saltou da carroça, perseguindo-o à distância, até que adentrou a trilha. Valério Henrique supôs que o Coronel deveria fazer o mesmo trajeto ao voltar. Assim, entocou-se na mata e passou a noite debaixo de uma grande rocha, aguardando a qualquer momento o seu retorno.

O ferimento ardia muito e o Coronel tentou estancar a ferida, de onde ainda jorrava um pouco de sangue, pressionando um lenço com muita força contra o peito. Isto aumentava a dor que sentia. Já sentado, olhou para a arma de Valério Henrique e notou que era um revólver calibre 32, e não um 38, que imobilizava a vítima logo após ser atingida. Entretanto, as armas de calibre 32 possuíam uma peculiaridade: o projétil, após perfurar o corpo de alguém, em vez de ficar estagnado ou alojado, em algumas circunstâncias poderia continuar percorrendo lentamente parte





do corpo. O Coronel esforçou-se para se levantar, mantendo o lenço pressionado para estancar a hemorragia. A bala entrara acima do peito, provavelmente passando muito perto de seu coração. Pensou em voltar para o casarão do amigo Aureliano, mas lá não havia um bom médico como em sua comunidade. Esgueirou-se, apoiando-se em uma rocha, e foi em direção ao seu cavalo. Cada movimento era acompanhado de dor e tocou o cavalo para ingressar metros adiante na estrada principal. Sentia o suor escorrendo rosto abaixo. Não poderia dar muita velocidade à cavalgada para não aumentar ainda mais as dores com os solavancos, ou facilitar maiores danos do projétil em seu corpo. O caminho parecia eterno e jamais se aproximava do seu destino. Várias vezes teve a sensação de desmaio iminente.

Quando, enfim, chegou às suas terras, a visão começou a se ofuscar. O líder já acreditava que o jovem estava certo ao dizer que sua hora estava chegando. Próximo a uma das casas que circuncidavam a comunidade, o Coronel perdeu suas forças e seu corpo inclinou-se sobre o cavalo. Um jovem, ao vê-lo prestes a cair do cavalo, foi em sua direção e o apoiou, reduzindo o impacto da queda. Correu à sua casa para chamar o pai, que saiu e pegou o Coronel no colo. O homem tratou logo de pedir ao jovem que montasse o cavalo e fosse buscar o médico da comunidade. Ainda no mesmo dia, o Coronel foi transferido para a unidade de tratamento do centro de saúde na parte central da comunidade. O estado do líder era crítico e, caso se agravasse, o conduziria a óbito nas próximas horas. Selena, desesperada queria de toda forma ver o Coronel, mas foi impedida pelo médico. As mulheres da comunidade foram informadas ao anoitecer, voltando a fazer vigília na frente do centro de saúde. Desta vez, até alguns homens aderiram, pois, anteriormente, não puderam participar por estarem ocupados no campo de batalha. Selena chorava sem parar em uma ante-sala, em meio a um entra-e-sai danado de gente querendo notícias do Coronel.

No dia seguinte, preocupado, Coraggio resolveu ir até a





comunidade saber o que acontecera, afinal a carroça que viria buscá-lo com Taynara e o filho não chegara. Selou seu cavalo e partiu pela mesma trilha que o pai seguira. Não conhecia bem o caminho, mas tinha uma boa noção de direção, herança do pai. Seguiu mata adentro, encontrando o rastro do cavalo, principalmente em lugares em que o mato não estava alto. Em alguns lugares da picada, havia pequenos trechos estreitos de terra. Observando as marcas das ferraduras, Coraggio seguiu em frente. Depois de percorrer um bom trecho, avistou alguém caído no chão. Puxou sua espingarda e desceu do cavalo, dando um tapa em sua anca, para que prosseguisse em frente sozinho. O animal andou mais alguns metros e parou perto do corpo que atrapalhava a sua passagem. Coraggio já havia se embrenhado próximo da trilha e espreitou. Ninguém se movia naquele pequeno trecho que o cavalo percorreu sozinho. Mesmo assim, cabreiro com alguma emboscada, foi lentamente pelo mato, contornando a vegetação, até chegar ao corpo. Somente aí percebeu que se tratava de Valério Henrique, caído com a face na terra e de olhos tão abertos que pareciam cristalizados. Coraggio notou que também havia marca de sangue do outro lado; provavelmente seu pai fora atingido, pensou. Vasculhou a mata nas imediações e não encontrou nada. Chegou à conclusão de que seu pai partira em busca de socorro ou que alguns jagunços poderiam tê-lo capturado. Queria pensar apenas na primeira hipótese, pois dificilmente seu pai ficaria vivo em uma emboscada. Ou ele mataria todos ou lutaria até que o matassem. Entretanto, podia ser que tivesse desmaiado e alguém o levasse para alguma tortura ou coisa parecida. O jovem não queria pensar nisto e, atento, seguiu em frente. Quando chegou até a estrada principal, partiu em rápido galope rumo à comunidade. Parou apenas duas vezes para perguntar de seu pai a algumas pessoas de comunidades aliadas, cujas instalações eram mais próximas da estrada principal. Ninguém vira nada de estranho. Continuou galopando até chegar à comunidade que o banira e que, agora, o acolheria de volta. Sentiu uma alegria muito





grande ao abrir a porteira e ingressar nas terras em que havia crescido. Parou rapidamente em uma das primeiras casas que avistou para saber notícias de seu pai. Somente aí foi informado do acontecido, partindo a galope em direção ao centro de saúde. Chegou exausto pelos impactos da cavalgada, mas foi logo se atirando de cima do animal e pedindo licença no meio do povo para entrar na ante-sala, onde estava Selena. A jovem correu em sua direção para abraçá-lo, informando-lhe do estado do Coronel. Coraggio ficou tenso e começou a andar de um lado para o outro, contando que encontrara Valério Henrique morto, com certeza o autor do atentado contra o Coronel.

Desde que chegara, o Coronel não voltara a si. Uma cirurgia já havia sido feita para a retirada do projétil, mas ele havia perdido muito sangue devido ao tranco da cavalgada. Coraggio colocou o antebraço direito em uma das paredes, encostou o rosto e começou a se lamentar pelo estado do pai, e pelo ódio a Valério Henrique. Coraggio via em seu pai um herói, e não achava justo o sofrimento que aquele homem já tinha enfrentado na vida, tanto com a morte das duas companheiras que ele amava quanto pelas emboscadas que já havia sofrido. Só depois de um tempo lembrou-se de pedir para alguém providenciar uma carroça que fosse buscar Taynara e seu filho na comunidade do Coronel Aureliano. Todos já deveriam estar preocupados com a demora da condução. Selena sentou-se em uma poltrona e abaixou a cabeça, tentando conter as lágrimas, mas não conseguiu. Queria então conter o barulho de seu choro, em certos momentos verdadeiros gemidos de dor ou de alguém que queria gritar, mas os soluços não o permitiam por cortar-lhe a respiração.

A noite novamente aparentava ser muito longa e o quadro do Coronel não apresentava sinais de melhora. Ele estava em coma e havia perdido a sensibilidade e a motilidade. Sempre que o médico aparecia, perguntas sobre o estado de saúde do Coronel não faltavam. Tentava acalmar Selena, Coraggio e alguns amigos mais próximos do Coronel na ante-sala, dizendo que tudo o que





podia ser feito pelas suas mãos tinha sido feito. Agora, a vida do Coronel estava nas mãos de Deus. O jeito era orar e pedir ao Todo-Poderoso a intervenção divina. Coraggio, em pensamento, fez uma promessa: se o Coronel conseguisse escapar da morte, realizaria uma romaria com destino a um templo longínquo. Mais algumas horas se passaram e o céu anunciava, com relâmpagos, que breve deveria vir chuva. Algumas senhoras pediram para as filhas providenciarem sombrinhas a fim de se protegerem. Homens trouxeram lonas e montaram um abrigo. Trovões prenunciavam um temporal e alguns minutos depois as primeiras gotas começaram a cair, exalando aquele cheiro inconfundível de terra molhada. A chuva se intensificou e quem conseguiu se proteger o fez como pôde. Capas de chuva e chapéus de feltro não impediam a chuva de lavar a alma dos homens. Mulheres estavam encharcadas por não possuírem capas. Suas sombrinhas protegiam mais a parte superior do corpo; já a parte inferior era molhada pelas gotas empurradas ao vento.

O tempo foi passando, o dia amanheceu. Depois, outro anoitecer, sem sinais de melhora do Coronel. A chuva incessante mais parecia um choro dos céus, misturado às lágrimas daquela gente que orava e entoava cânticos de louvor ao Criador, para que atendesse aos pedidos do povo. Contavam-se, ainda, passagens heróicas da vida do Coronel. Sem dúvida, ele era um grande homem para aquela comunidade. Talvez ninguém tivesse a idéia exata do imenso amor que aquele povo nutria por ele. Mais uma madrugada de angústia e aflição se instalou no local. O médico ficou apático e parecia ter perdido as esperanças; só não o demonstrou para não desanimar mais ninguém. Acreditava que, àquela altura, só um milagre poderia salvar o Coronel moribundo. Coraggio saiu da ante-sala do centro de saúde e ficou orando no meio do povo, do lado de fora. Logo, Selena e os demais amigos fizeram o mesmo, conduzindo a orações mais fervorosas já ouvidas por todos que habitavam aquela comunidade. A chuva, agora, molhava todos. As mulheres abandonaram as suas sombrinhas e





os homens, que antes improvisaram a proteção de lona, saíram debaixo dela para se aproximarem mais do bloco unido que o povo formara.

Mais um dia amanheceu, e nada de melhoras do amado líder. A ante-sala, agora, estava repleta de velas acesas e flores espalhadas pelo chão. Mais no interior do centro de saúde, o médico sentara-se ao lado do Coronel na unidade de tratamento e não saiu mais. Estava sem repousar adequadamente desde que o Coronel chegara. Encostou um cotovelo na cama e levou uma das mãos à cabeça, começando a chorar. Uma enfermeira tentou acalmá-lo, mas até ele, que já acudira muitos homens que vieram a falecer e estava acostumado a lidar com a vida e a morte, não agüentou de emoção por se tratar do Coronel. Algumas pessoas lá fora acreditavam que o Coronel estava passando por um julgamento de Deus durante o coma. Outras, descrentes, não acreditavam nestas coisas e interpelavam com argumentos de que o Coronel sempre fora um homem forte e repleto de vigor e saúde, alegando com veemência que o líder mais uma vez escaparia da morte. Um novo dia surgiu e uma outra noite se aproximou, e alguns começaram a perder as esperanças. Os ardorosos na fé tentavam afastar o pessimismo e o ceticismo dos mais abatidos, que começavam a acreditar que o pior estava por vir. A noite caiu novamente e, junto com ela, vieram os piores medos e temores daquele povo. Muitos começaram a chorar fortemente pelo seu Coronel, achando que, naquela madrugada, ele não resistiria e sua vida passaria. Isto causou um certo desconforto e desespero até nos mais repletos de energia, vivacidade e otimismo.

Finalmente, o dia amanheceu e a chuva começou a dar uma trégua. Lentamente, o céu começou a restabelecer aquela cor azul que transmitia muita paz. As pessoas, cansadas, se entreolhavam. Algumas estavam encostadas nas paredes externas do centro de saúde. Algumas crianças, sentadas nas mesmas paredes, adormeceram encostadas em adultos. Um silêncio mortal tomou conta da comunidade. Agora, apenas uma brisa tocava aquelas





faces. Alguns começaram a imaginar que o céu azul era um sinal divino de que o seu Coronel partira em paz e chegara até Deus. Realmente, havia uma sensação estranha no ar. As lágrimas de Selena caíam novamente. Solitária, subiu as escadas do centro de saúde em direção ao local em que o Coronel se encontrava. Passou pela ante-sala e abriu as portas do corredor que a conduziria até a unidade de tratamento. Uma enfermeira a viu passando e partiu em sua direção para tentar contê-la, mas Selena deixou logo transparecer que nada a impediria de ver o Coronel daquela vez. A enfermeira afastou-se, percebendo o estado de dor em que a moça se encontrava. Selena respirou fundo ao pegar a maçaneta e, silenciosamente, orou aos céus, pedindo forças para ver a situação em que encontraria o Coronel do lado de dentro. Lentamente, girou a maçaneta e foi abrindo a porta. Do lado esquerdo da cama, o médico cochilava, sentado em uma cadeira, apoiando a sua cabeça com a mão direita e o cotovelo sustentado na cama do Coronel. Selena caminhou vagarosamente. Quando a porta se fechou, apenas o barulho da lingüeta da fechadura acordou o médico, que olhou assustado. Levantou-se para ir em direção à moça e tentar confortá-la, mas, antes que desse mais um passo, ela gesticulou para que não avançasse. Puxou uma cadeira sem arrastá-la para não fazer nenhum barulho e a colocou do lado direito do Coronel. Sentou-se e, com sua mão delicada, suavemente levantou o antebraço direito do Coronel. Depois, curvou-se até encostar a mão do Coronel em sua face, acariciando o seu rosto. Ela queria apenas sentir a pele daquele homem amado por todos, tocando-a pela última vez. O toque, para ela, simbolizava outra coisa naquele instante. Primeiramente, queria ter certeza de que tudo aquilo era realidade e não se tratava de um pesadelo. E queria, por fim, sentir o toque do Coronel como uma espécie de despedida, mesmo tendo a sensação de que seu espírito já havia partido. Chorando, Selena deixou a mão do Coronel escorregar. Debruçou-se na ponta da cama, curvando seu corpo mais ainda, fazendo com que sua face encostasse o





abdômen do Coronel. Depois, começou a chorar sem parar. Desta vez, seus gemidos podiam ser ouvidos por toda a extensão da unidade de tratamento. O médico fez um sinal de negativo com a cabeça para a enfermeira e foi saindo da sala, dando a entender que o Coronel não tinha mais salvação. Assim que pegou a maçaneta para abrir a porta, ouviu uma voz baixa dizendo:

— Constanza... Constanza...

O médico não acreditou no que ouvia e virou-se, desconfiado, olhando para ver se não era nenhum delírio, quando a voz masculina tornou a falar:

— Constanza! É você? Onde está você, meu amor?

O médico, então, virou o corpo todo e foi rapidamente em direção ao leito do Coronel, fazendo sinal para a enfermeira de positivo. Selena, agora, levantava o rosto e chorava de emoção e alegria. Esperou que o Coronel abrisse os olhos e a visse a seu lado. Ele demorou alguns instantes para entrar em sintonia e lembrar-se dos acontecimentos que o levaram àquele estado. Ao reconhecer Selena, deu um sorriso tímido para jovem. O médico perguntou, segurando o pulso do Coronel:

— Como está, Coronel? O que está sentindo?

— É, doutor... Dizem que vaso ruim não se quebra. Acho que não é desta vez que eu vou partir deste mundo — disse o Coronel, em tom de brincadeira.

— Se você passar por outra, Coronel, nem um milagre será capaz de salvá-lo. Agradeça a Deus, pois eu já o considerava morto.

— Acho que já estou ficando velho demais para essas coisas, Doutor. Quero aposentar-me e cuidar do meu neto. Sabia que já sou avô?

Algumas lágrimas de emoção rolaram dos olhos do Coronel. O médico emocionou-se e abraçou a enfermeira, que soluçava. Selena ficou tão feliz que queria dar logo a notícia ao povo. Levantou-se, abriu a porta e saiu correndo pelo corredor. De tão alegre quase colidiu com as duas portas do final do corredor ao abri-las. Passou correndo por entre as velas e a flores largadas no





chão da ante-sala. Ingressou no corredor estreito, foi rumo ao povo desconsolado e gritou:

— Ele está vivo! Ele não morreu! Ele está vivo! Ele está vivo!

O povo deu um grito de alegria. Gritaram tão forte que as paredes do centro de saúde tremeram. O Coronel sentiu a vibração positiva e, na cama, deu um sorriso ao doutor, sentindo-se presenteado com o amor do seu povo. Coraggio chorava como criança, tirando o chapéu que o protegia do sol da manhã, colocando-o contra o peito. Em seguida, ajoelhou-se no chão, agradecendo aos céus. O povo chorava de emoção e alegria. Alguns pulavam tanto juntos que pareciam ter esquecido o cansaço.





CAPÍTULO XXIV

TEMPOS DE PAZ

Assim que o quadro clínico melhorou, o Coronel pediu para ser transferido para o casarão, pois não gostava de permanecer no centro de saúde. O médico autorizou, desde que ficasse em repouso absoluto até que se recuperasse de vez. Para variar, Selena não o abandonou um instante sequer. Permanecia ao lado dele, tanto nas ocasiões em que estava febril como nos momentos em que se apresentava melhor. O Coronel aproveitou para refletir sobre a questão de ter a jovem definitivamente em seu quarto. Chegou a ficar um pouco constrangido inicialmente, pois agora Selena não desgrudava dele nem na hora do banho, querendo, inclusive, banhá-lo. Ela se preocupava com a recuperação do estado de saúde do Coronel, mas, na verdade, queria aquele homem só para si, almejando maior intimidade.

Dormir perto do Coronel era uma tortura para a jovem, pois ela sentia o seu corpo arder de paixão, sendo muito difícil estar próxima de quem sempre amou sem poder fazer nada. Precisava de apenas uma dica, um gesto daquele Senhor de Terras para se atirar de vez no colo dele. Mas o Coronel era resistente por já haver sofrido demais por conta de quem amara. Selena sabia disto, tentando amenizar a dor das lembranças. Constanza, realmente, nunca mais apareceu em imagem espiritual para ele, apenas surgia algumas vezes em seus sonhos, sempre com um aspecto muito saudável e feliz. O Coronel nunca se esqueceu da sua última aparição, quando se deitou sobre o corpo de Selena. Aquilo para o Coronel tratava-se de um sinal de permissão para que ele se entregasse à jovem. Mas o líder ainda permanecia confuso, embora Selena fosse uma tentação como mulher, capaz de agitar os hormônios de qualquer homem. Durante a noite, era perturbador





ver a moça vestida com aquelas camisolas transparentes, estando seminua. Era muito sensual e carinhosa, e todas as atenções da moça eram para ele. Chegou a ficar noites sem dormir, somente olhando para ela. O mesmo acontecia com Selena, algumas vezes, ao olhar o Coronel dormindo. O cheiro do perfume de rosas da moça preenchia as narinas do Coronel, começando a mexer com seus instintos e desejos mais íntimos. Não conseguiria resistir por muito mais tempo. Ou pedia-lhe para sair de vez de seu quarto ou, breve, se entregaria para viver mais uma paixão.

Selena tinha muitas características que lembravam os traços da mãe, e o Coronel, às vezes, nela chegava a ver nitidamente Constanza. Não era uma aparição; eram, sim, similaridades muito fortes e marcantes. O Coronel tinha a impressão de que estava ficando louco. Selena começou a perceber que conseguia perturbar os instintos do Coronel, mas tinha medo de que ele lutasse contra a aquela paixão e vencesse a batalha contra o desejo, pedindo para ela voltar a seu quarto de solteira. Orava todas as noites, pedindo que Deus, os anjos e os santos abençoassem a relação de ambos; que a mesma se intensificasse e aquele homem fosse todo seu. A situação acabou evoluindo e o Coronel via nitidamente os olhares de paixão da moça. Selena parecia não se controlar mais e, muito em breve, se atiraria em seus braços.

O Coronel estava se recuperando muito bem à base de uma boa alimentação e com os cuidados de Selena. Certa noite, ele pegou no sono, e Selena também adormeceu. A porta estava encostada e a luz do quarto permanecia acesa. O Coronel teve um pesadelo e, de repente, acordou assustado, chegando a erguer-se e a ficar sentado na cama. Selena acordou com o grito involuntário do Coronel. Sentada na cama, aproximou-se do rosto tão querido e perguntou com muita naturalidade, com voz doce e suave:

— O que foi, meu amor?

As palavras saíram tão naturalmente que até a jovem se impressionou, fazendo com que o Coronel a olhasse de outra





forma. A impressão que ele tinha era de ter ouvido a voz de Constanza. A moça ainda continuava solícita e com o rosto próximo ao seu e, agora, ele olhava aquelas belas feições e observava os lindos lábios da moça, disposta a sentir-se mulher. Não resistiu e a beijou. Enfim, o momento com que Selena sempre sonhara estava acontecendo. Agora, o Coronel apenas a enxergava com olhos de paixão e com características de mulher, não mais a menininha que cresceu protegida debaixo de suas asas. O coração da moça parecia saltar pela boca de tanta emoção ao receber aquele beijo. Sua felicidade era tanta que ela se virou para o Coronel e o empurrou delicadamente, até que ele voltasse a se deitar. Puxou parte do lençol branco que o cobria da cintura para baixo e percebeu que estava nu. Observou com carinho aquele homem viril e o belo corpo que aparentava idade de jovem. As qualidades de homem do Coronel estavam intactas, percebia a moça ao ver aquele membro começando a ficar ereto em sua frente, repleto de vigor. Já que Selena há tempos não usava roupas íntimas debaixo da camisola, não pensou duas vezes para levantar parcialmente a sua vestimenta e passar uma das suas pernas para o outro lado da cama, paralelamente ao Coronel, encaixando com suavidade a sua genitália naquele membro e deslizando-a vagorosamente até atingir a base. O Coronel percebeu que a menina estava lubrificada e que o calor de suas partes íntimas parecia que iria incendiar-lhe o membro. Antes de começarem os movimentos intensos de amor, Selena pegou o corpo da camisola e levantou-a, para tirá-la pela parte superior de seu corpo. Agora, ela se apresentava completamente nua, com os seus seios firmes de pontas rosadas que saltaram aos olhos do Coronel. Ele se inclinou e acariciou aqueles belos seios com a boca, deslizando suas mãos até encaixá-las na cintura da moça. Selena curvou-se um pouco mais e deu um beijo apaixonado no Coronel, somente depois se entregando aos movimentos do amor. Era uma jovem muito romântica, que gostava de acariciar, abraçar, beijar e amar. Entregaram-se sucessivas vezes ao amor na mesma noite, até o





dia amanhecer. O Coronel se sentia bem, amado e feliz. Selena estava radiante ao ser possuída, e em êxtase revigorado. Assim, viveriam felizes até o fim de suas vidas.

Não demorou muito para que Coraggio tomasse posse daquela comunidade como Senhor de Terras, a pedido de seu pai, que, na verdade, queria mesmo paz, sossego e descanso. A posse foi comemorada com muita festa pelo povo e teve a presença de vários Senhores de Terras de comunidades aliadas. O evento contou, inclusive, com o comparecimento do Coronel Aureliano. Durante alguns anos, o Coronel Valente ainda orientaria exaustivamente seu filho, realizando a mais completa e eficaz transição do poder. Muito mais maduro e experiente, ainda tinha muitas coisas a transmitir para seu filho, que, por sua vez, assimilava tudo muito bem e rapidamente, pois era inteligente como o pai. O Coronel Valente continuou sendo um mito na comunidade. Resolveu dar sua contribuição, reunindo crianças e jovens para também transmitir parte de sua experiência, pois, para ele, nenhum conhecimento tinha valor se não fosse disseminado de geração para geração. Tornara-se um mestre para a juventude, acompanhando os mais jovens nas atividades físicas, de ensino e, principalmente, no reflorestamento das terras. Contrariando a vontade do filho empossado, o Coronel Valente mudou-se do casarão com sua amada Selena, para viver em uma das casas mais modestas que havia na comunidade. Ambos queriam uma casa mais simples, deixando o casarão para o Coronel Coraggio, Taynara e Valente. O ex-líder continuou sendo chamado por todos de Coronel Valente. Satisfeito, reunia os jovens nos fins de tarde para contar-lhes os “causos” vividos. Sempre que podia, o Coronel Coraggio aparecia por lá para tocar um violão e visitar o pai.

A paz reinou por muito tempo na comunidade e até Berenice tornou-se aliada, assim que as lembranças do Coronel Jeremias deixaram de ser tão intensas na memória das pessoas. Ela nutria muita admiração pelo Coronel Valente e pelo Coronel Coraggio, mas as companheiras dos mesmos sentiam ciúmes quando a jovem





aparecia por lá, pois perceberam que seus olhos expressavam algo mais do que simples admiração. Contudo, tal ciúme não era necessário, pois tanto o pai quanto o filho eram apaixonados por suas companheiras. O Coronel Valente, mesmo envelhecendo, teve que dar conta do fogo incontido de Selena que, virava e mexia, encontrava-se nos braços dele para fazer amor, parecendo que parte de uma vida toda não seria capaz de satisfazer aquela paixão. O Coronel Coraggio, por sua vez, engravidou Taynara e, deste relacionamento sempre mais profundo, nasceu uma bela menina, a quem atribuíram o nome de Marynara. Guaracy, a matriarca da tribo, depois de um tempo, abençoou a união de sua filha com o Coronel Coraggio, no mesmo ano em que veio a falecer. Guanayra assumiu a comunidade indígena.

As cidades continuaram vivendo o caos de sempre, embora muito úteis para a troca de mercadorias. O Coronel Coraggio fortaleceu seus laços com as comunidades aliadas, estando sempre presente na troca de sucessores. Chegou a ter problemas com posseiros mais distantes, que vinham aventurar-se em busca de novas comunidades. Com a mesma destreza e habilidade do pai, defendeu seu povo e colocou todos os invasores para longe dali. A maior surpresa que o Coronel Coraggio teve foi saber que ganharia uma irmãzinha. Selena ficou grávida de seu pai, algo que seria profético de acontecer, até nas previsões dos mais incertos adivinhos. O Coronel Valente achava que nasceria uma menina, mas Selena apostava num menino. Combinaram assim: se nascesse um menino, Selena daria o nome; caso fosse menina, o Coronel Valente escolheria o nome. Nove meses depois, e o nome foi dado a uma bela menina, que passou a se chamar Constanza.

Os membros da comunidade sempre se reuniam em épocas festivas. A comunidade continuou crescendo dentro da conformidade e se fortalecendo cada vez mais. O Coronel Valente foi envelhecendo e os cabelos brancos aumentaram. Mesmo tornando-se mais velho, continuou ativo, dando instruções a quem as quisesse receber. Não desgrudava da filha e dos netos, passando





para os mesmos, enquanto cresciam, todas as informações que achava relevantes e ressaltando a importância de se viver em união. Valente, o neto, era apegado demais ao avô. Tinha uma relação mais intensa com o velho Coronel do que com o próprio pai. Estava tornando-se um jovem muito bonito, com traços de mestiço, devido à sua mistura de sangue indígena. Já era capaz de provocar suspiros nas moçoilas. O Coronel Valente, orgulhoso, dizia:

— Este vai dar trabalho para a meninada!

Ficava todo bobo ao descobrir as proezas do neto e em reviver aspectos que nele julgava comuns. Achava que o nome Valente fora dado honrosamente ao menino e que este ainda surpreenderia muitos. Ensinou ao jovem os caminhos da floresta, pois ainda sabia deles como ninguém.

Janice e Marlene continuaram cuidando do casarão, do Coronel Coraggio e de sua família. Janice continuou até quando conseguiu, mas depois, com a velhice, passou a Marlene toda a incumbência da pequena Marynara. Isaías envelheceu e faleceu. O Coronel Valente se emocionou muito com a perda do amigo que considerava um irmão. O mesmo aconteceu quando o Coronel Aureliano morreu, deixando Valente abatido por várias semanas. O túmulo de Marla era sempre visitado por algumas moças e sua mãe, que só depois do acontecido pôde compreender os caminhos que a filha tomou na vida, ao tentar fugir dos homens e ter preferido a companhia de Selena enquanto pôde. O Templo jamais foi reaberto, de acordo com as ordens do Coronel, e o corpo do falso teólogo apodreceu lá dentro, restando apenas a ossada. Houve insistência de um grupo de beatas para que o Coronel Coraggio voltasse a abri-lo, mas este não contrariou as idéias do pai, que sempre dizia que, para adorar a Deus, não era necessário estar entre as paredes de um templo. O Coronel Valente repetia que Cristo adorava o Criador nos montes, no meio da natureza, e que a única vez em que esteve em uma sinagoga, revirou tudo porque tinham feito um comércio dentro daquele local que deveria ser um lugar puramente de adoração a Deus.





Outra novidade foi o casamento de Emanuel com uma jovem negra da comunidade de Berenice. Emanuel não aparentava idade devido à sua raça negra. Os homens e mulheres da comunidade do Coronel Coraggio brincavam com o comentário de como seria a noite de núpcias, tendo em consideração tamanhos dotes do negro. O que eles não sabiam era que a mocetona, conhecida como Rosélis, já havia se deparado com a espada de ébano, mas que com jeitinho e alguns cuidados, aprendera a lidar habilmente com a mesma, de forma que nenhuma mulher da noite já conseguira antes. A jovem negra Rosélis foi apelidada de potranca, devido ao seu corpo avantajado e bem definido, corajosamente capaz de ter relações, sabendo do imenso órgão sexual de Emanuel. Ele, por sua vez, também não ousava extrapolar os limites dados pela companheira, haja vista que Rosélis fora a única mulher na vida, que, mesmo depois de conhecer o tamanho de seus dotes, aceitou casar-se com ele.

Dona Ronilce veio a falecer muito orgulhosa da filha à frente da comunidade. Berenice, com o tempo, casou-se com um Senhor de Terras da região, tendo duas filhas lindas. A Fraternidade Secreta Feminina continuou existindo, resguardando todos os segredos de ritualística e assuntos tratados. A finalidade da sociedade secreta passou a ser identificar lideranças femininas que possuíssem expressão e voz na região. Podiam ingressar quaisquer mulheres que passassem pela seleção rigorosa, desde que pertencessem a uma comunidade aliada. A irmandade das mulheres tratava de vários assuntos das comunidades e prestava apoio e solidariedade a qualquer mulher que pudesse estar sofrendo algum tipo de abuso ou opressão, chegando a intervir quando necessário. Além disso, a Fraternidade ainda preparava possíveis sucessoras para assumir o poder das comunidades, quando o Senhor de Terras não possuía um herdeiro homem ou quando este não queria assumir, abrindo mão do poder.





CAPÍTULO XXV

FIM

O tempo avançou até que, certo dia, em visita feita pelo velho amigo José Bonifácio, este ponderou com Selena que o Coronel Valente já não gozava de boa saúde. O tempo estava se esgotando para o ex-líder. Selena, que sempre fora muito meiga, dócil e afável nos dias de vitalidade do companheiro, queria levá-lo a um médico do centro de saúde, mas ele não aceitou. O Coronel fora o melhor homem que ela poderia ter na vida. Quando morresse, ainda poderia casar-se, mas jamais faria isto porque tinha sido muito feliz em sua companhia. Acreditando ser impossível encontrar outro homem com tão bom coração quanto fora o Coronel Valente. Pediu, então, um favor a José Bonifácio: que ele fosse ao centro da comunidade e pedisse ao médico para fazer uma visita de avaliação do estado de saúde do Coronel. Assim foi feito. O médico, ao sair, chamou Selena para conversar do lado de fora da casa. Disse o que ninguém queria ouvir: o Coronel Valente tinha, no máximo, mais alguns meses de vida. Sua idade não era muito avançada, mas, pela vida que levava, travando batalhas em uma boa parte dela, até que vivera um pouco acima da média dos homens que exerciam funções similares nas comunidades da região.

Sabendo disto, o Coronel Coraggio decidiu tentar realizar um antigo desejo de seu pai, que jamais havia visto o mar e tinha uma vontade enorme de conhecê-lo. Coraggio conversou com Selena, que concordou, mesmo achando que ele estava muito abatido e poderia vir a falecer por não suportar a longa viagem. Os membros da comunidade prepararam a mais confortável carruagem com molas novas, visando a propiciar o menor impacto possível durante a viagem. Dentro da carruagem, só viajariam o Coronel e





Selena. Os confortáveis bancos acolchoados e com acabamento de couro desdobravam-se em forma de leito, caso o Coronel não conseguisse ficar sentado por muito tempo, devido aos problemas que o afligiam. Conduzindo a carruagem, um cocheiro e um médico que se revezariam. À frente dos cavalos, um comboio formado por homens que faziam a escolta, pois o grupo passaria entre terras desconhecidas e não sabiam o que poderiam encontrar pela frente. Atrás da carruagem, alguns amigos que o Coronel Coraggio escolhera a dedo para acompanhá-lo na viagem. Coraggio não mudou a estrutura de comando utilizada pelo pai. Reuniu anciãos de sua época para que autorizassem o jovem Valente a assumir interinamente a comunidade nas longas semanas que demoraria até voltar. Caso algum problema mais grave acontecesse na comunidade naquele período, o jovem atuaria sob os conselhos dos velhos anciãos, unindo a energia da juventude à experiência dos mais velhos.

Com tudo pronto e planejado, finalmente partiram. Pela janela da carruagem, o Coronel Valente acenava para os membros que se despediam no centro da comunidade. Muitos choravam porque sabiam que o estavam vendo pela última vez. Houve, inclusive, fervorosas discussões para decidir quem estaria no grupo que conduziria o Coronel Valente, pois era uma honra para todos. O Coronel Coraggio foi quem deu a palavra final, escolhendo as pessoas com quem o pai tinha mais afinidades. Ainda em sua comunidade, o Coronel Valente olhava com muita atenção tudo o que ele ajudou a construir e aqueles que estiveram sob seu comando um dia, passando, depois, a observar atentamente a paisagem e a bela natureza do lugar, por saber que deveria ser a última vez que passaria por ali. Agora, mais do que nunca, estava ciente de seu estado de saúde, acreditando que, se Deus o ajudasse, chegaria vivo para ver o mar. Entretanto, voltar, mesmo, deveria ser apenas o seu corpo, para ser enterrado junto aos que tiveram uma vida honrosa naquela comunidade.

Os dias de viagem eram bastante cansativos, mas todos faziam





o percurso com uma disposição e motivação sobre-humanas. O Coronel Valente ficou feliz ao ver que muitas comunidades haviam adotado o reflorestamento. Selena conversava o máximo que podia com ele, interrompendo, às vezes, a viagem para descansar ou para que fosse medicado e observado pelo doutor. Em alguns trechos, caía uma forte chuva. Em outros, um sol esplendoroso brilhava intensamente. Selena começou a ficar preocupada, achando que o Coronel não resistiria para chegar ao destino. Era perceptível que a vida dele estava se findando, esvaindo-se como grãos de areia que escapam pelas mãos; como os de uma ampulheta que escorrem rapidamente até findar. Finalmente, Selena avistou o mar pela janela em alguns trechos das curvas da estrada. Avisou o Coronel que, deitado e sem forças, retribuiu-lhe com um sorriso no rosto. Faltava pouco e Selena começou a orar silenciosamente para que o Criador desse mais esta merecida felicidade ao seu companheiro, a alegria de realizar seu último desejo: ver o mar.

Enfim, chegaram. Coraggio e o médico pegaram uma maca presa na carruagem. Embora o nível do mar tivesse encoberto muito do litoral com o derretimento das geleiras, novas praias se formaram com o tempo. Com cuidado, ajeitaram o Coronel e partiram em direção à praia não muito distante. O Coronel ficou observando um pássaro que pousara na porta aberta da carruagem, uma saíra verde e amarela, para ele o melhor representante de seu país, a Terra Brasilis. No céu límpido e azul, resplandecia a paz. As ondas do mar batendo produziam marulhos que se assemelhavam a sons terapêuticos. Os componentes do grupo também ficaram encantados, pois nunca tinham visto o mar. Todos acompanharam o Coronel Coraggio, o médico e os homens que conduziam o Coronel Valente deitado na maca, até que a colocaram cuidadosamente sobre a areia. O Coronel admirou a bela natureza ao redor, com um olhar de agradecimento ao filho e às demais pessoas que o haviam ajudado a realizar seu sonho. Era o fim de um dos maiores líderes que eles já tiveram. Os homens ficaram em silêncio, mantendo os seus chapéus sustentados com





a mão direita contra o peito. Selena ajoelhou-se e se curvou diante do Coronel. Suas lágrimas começaram a cair sobre o amado. Como era triste a despedida. O Coronel abriu-lhe um sorriso e, pela última vez, apertou com firmeza a delicada mão de sua companheira. Por cima das ondas, enxergou a imagem de uma mulher que ninguém mais podia avistar. Era Constanza... Finalmente, ela viera buscá-lo.

